

FÁBIO GUSMÃO DA SILVA

**A REFERENCIAÇÃO POR FORMAS NOMINAIS E  
A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS**

**CURITIBA  
2010**

FÁBIO GUSMÃO DA SILVA

**A REFERENCIAÇÃO POR FORMAS NOMINAIS E A  
CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina Wachowicz

**CURITIBA  
2010**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

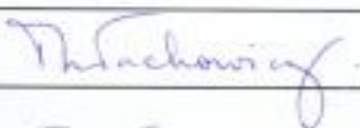



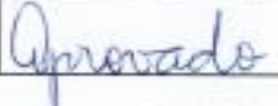
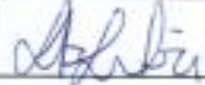
## PARECER

Defesa de dissertação do mestrando FÁBIO GUSMÃO DA SILVA para obtenção do título de **Mestre em Letras**.


As abaixo assinadas TERESA CRISTINA WACHOWICZ, CLAUDIA MENDES CAMPOS e LUCIANA PEREIRA DA SILVA arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“A REFERENCIAÇÃO POR FORMAS NOMINAIS E A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
TERESA CRISTINA WACHOWICZ		
CLAUDIA MENDES CAMPOS		
LUCIANA PEREIRA DA SILVA		

Curitiba, 20 de agosto de 2010.

  
Prof.ª Dr.ª Maria José Foltran  
Coordenadora

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, que sempre me incentivou, especialmente à minha mãe, Maria Aparecida, que me apoiou em todas as minhas escolhas;

À professora Teresa Cristina Wachowichz, minha orientadora, pela dedicação, apoio, confiança, paciência e principalmente pela amizade;

À minha amiga Josélia, pelo companheirismo e pelas injeções de ânimo que ela me deu durante a elaboração desta pesquisa;

Aos amigos que fiz durante o mestrado: Mirian, Daniela, Maurini, José Augusto, pela amizade, companheirismo e pelos momentos agradáveis;

A todos os companheiros do mestrado e também ao Odair, secretário da pós-graduação, pela amizade;

Aos amigos do Colégio Sion de Curitiba que acompanharam o início desta pesquisa e aos novos amigos da Escola SESC de Ensino Médio do Rio de Janeiro, que presenciaram o término deste trabalho;

A todos que de alguma forma contribuíram significativamente para a concretização desta pesquisa.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo os textos argumentativos produzidos por candidatos do vestibular da UFPR, Universidade Federal do Paraná, no ano de 2008. O que se objetiva mostrar nessas produções é a construção do estilo, analisado em sua relação enunciativa, especialmente com o *ethos* – a imagem de si que o candidato projeta e que o leva a fazer determinadas escolhas lexicais, na elaboração de seu texto, como resposta à prova discursiva. Tendo em vista que o texto analisado pertence a um determinado gênero, concepções teóricas relacionadas ao gênero, aos tipos e às sequências textuais são elucidadas nesta pesquisa. Além disso, a concepção relacionada à referenciação também é visitada, já que a hipótese inicial desse trabalho é de que há uma imbricação entre os referentes – elementos que organizam e estruturam o texto para constituir o gênero – com o estilo do texto, que, nesta pesquisa, se liga à noção retórica de *ethos*.

Palavras-chave: Gênero textual. Tipos de texto. Sequência textual. Referenciação. Estilo. *Ethos*.

## ABSTRACT

This research aims at studying argumentative texts written by candidates taking the college entrance examinations for the Federal University of Paraná (UFPR) in 2008. The objective is to show how style is constructed in the texts, analyzed in their enunciative relation, especially with the *ethos* – the self-image projected by the candidate, leading him or her to make particular lexical choices in his or her writing process, as an answer to the admission essay. Since the analyzed text belongs to a specific genre, theoretical concepts related to the genre, text-types and text sequences are elucidated in this research. In addition, the concept related to referenciation is also dealt with, once this work initial hypothesis is that there is an imbrication among the referents – the elements which organize and structure the text to constitute the genre – with text style, which in this research is linked with the rhetorical notion of *ethos*.

Keywords: Textual genre. Text-types. Text sequence. Referenciation. Style. *Ethos*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>11</b>
1.1 GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS.....	11
1.2 SEQUÊNCIA TEXTUAL.....	25
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>33</b>
2.1 REFERENCIAÇÃO.....	33
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>47</b>
3.1 ESTILO E <i>ETHOS</i> .....	47
<b>CAPÍTULO 4.....</b>	<b>72</b>
4.1 METODOLOGIA.....	72
4.2 ANÁLISE DOS DADOS.....	76
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>119</b>

## INTRODUÇÃO

O eixo temático desta pesquisa insere-se em teorias relacionadas à Língua Portuguesa Textual e à Análise do Discurso, tendo como foco os textos produzidos por vestibulandos da UFPR, no ano de 2008, a partir de uma das propostas da prova de produção textual. O que se procura evidenciar, neste estudo, é a construção do estilo, que será analisado em sua relação enunciativa, especialmente com o *ethos* discursivo – a imagem de si que o candidato projeta e que o leva a fazer determinadas escolhas lexicais, na elaboração de seu texto, como resposta a essa prova discursiva do vestibular. Assim, procura-se depreender, a partir de uma totalidade de textos, a imagem do enunciador, por meio dos dizeres e dos ditos dos candidatos, além das estruturas do enunciado que são recorrentes no modo de enunciar do vestibulando.

O interesse em desenvolvê-lo tem como ponto de partida uma passagem sobre a teoria de referenciação que se encontra no texto *Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial*, em que Koch elucida que “a seleção do nome-núcleo, das expressões referenciais é importante, não somente para a identificação do estilo (de gênero ou individual), como também da variedade linguística em que o texto se encontra vazado.” (KOCH, 2004, p. 264)

Logo, o que se pretende mostrar é que a escolha do léxico, principalmente no que diz respeito aos elementos de referenciação, está imbricada à imagem que o vestibulando deseja passar ao examinador de seu texto, por meio de sua produção escrita, além de estabelecer uma relação com o estilo, mostrado em sua relação com o *ethos*.

Para elaborar este estudo, foram analisados 1526 textos argumentativos, escritos por vestibulandos da UFPR que participaram do concurso vestibular do ano de 2008 e concorriam a vagas para diferentes cursos oferecidos por essa universidade. Desse total, somente 76 textos foram selecionados por atenderem a um critério: textos que receberam notas acima de 5 (cinco), dentro de uma escala de 0 (zero) a 6 (seis), ou seja, os textos melhor avaliados pela banca examinadora do vestibular da UFPR.

A proposta de produção de texto, selecionada para o desenvolvimento da pesquisa, cuja temática é referente à crise mundial, é de caráter argumentativo. Assim,



uma vez que todo texto resulta em um gênero textual, essa noção foi abordada, neste trabalho, tendo como ponto de partida os estudos de Mikhail Bakhtin (2003) cujo conceito foi caracterizado por três elementos: tema, construção composicional e estilo.

Dessa forma, este trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro aborda as concepções relacionadas ao gênero, aos tipos e às sequências textuais, especificamente a argumentativa, visto que os textos analisados têm como objetivo buscar a adesão do interlocutor por meio de uma tese. A fundamentação teórica referente ao gênero é norteadada pelos estudos de Bakhtin (2003), Bronckart (2007), Schneuwly e Dolz (2004), Costa (2005) e Marcuschi (2002). O que se propõe apresentar, no capítulo que trata dessas concepções, são os elementos constitutivos dos textos produzidos pelos vestibulandos, que resultam em um determinado gênero textual, caracterizado, neste trabalho, como gênero “redação de vestibular”, um subtipo do gênero “redação escolar”. Além disso, a noção de sequência textual, segmentos relativamente fixos que compõem os diversos gêneros que circulam socialmente, é exposta a partir dos estudos de Adam (2008), Bronckart (2007) e Wachowicz (2010).

No segundo capítulo, são elucidados os processos de referenciação, nomeado às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes, ou seja, alguns dos elementos que organizam e estruturam o texto para constituir o gênero textual, bem como a imbricação do gênero com determinadas escolhas lexicais.

As reflexões inerentes a essa concepção teórica são explanadas pelo viés de Koch (2004, 2005 e 2009), Cavalcante (2005), Marcuschi e Koch (2002), Koch e Elias (2006 e 2009) e Marcuschi (2005) e constituem o alicerce teórico para a análise relacionada à referenciação<sup>1</sup>.

O terceiro capítulo versa sobre concepções referentes ao estilo e ao *ethos* discursivo. O estilo é analisado em sua relação com a posição enunciativa, especificamente com o *ethos*, entendido como a imagem de si que se evidencia nas marcas de subjetividade, elaboradas pelo enunciador para a construção dos efeitos de sentidos, além de levar o enunciatário aos propósitos de persuasão a que o enunciador pretende. A concepção de estilo é abordada a partir de uma incursão à Antiguidade,

---

<sup>1</sup> Para elucidar a concepção teórica inerente à referenciação, alguns textos, que compõem o *corpus* desta pesquisa, servem de exemplos para a análise desses conceitos

especialmente na figura de Aristóteles, até se chegar ao entendimento desse conceito hoje, na perspectiva da Análise do Discurso, de que o estilo está atrelado ao *ethos* discursivo.

Logo, para fundamentar tais concepções, textos de autores como Discini (2004 e 2008), Possenti (2001, 2002 e 2008), Amossy (2005), Fiorin (2004 e 2008) Mussalin (2008) e Maingueneau (2001, 2005, 2008) são a referência teórica para explicitar a relação entre estilo e *ethos* discursivo.

Por último, o quarto capítulo ocupa-se com a apresentação da metodologia empregada para a feitura desta pesquisa, bem como com a análise dos textos produzidos pelos vestibulandos, em que se analisa: o tratamento dado ao texto enquanto gênero textual, a presença de elementos que constituem mecanismos de textualização – as sequências argumentativas – e o atendimento à proposta solicitada ao vestibulando. Além disso, a análise também compreende identificar o emprego da retomada dos referentes, principalmente a referenciação por formas nominais e a relação de todas essas concepções teóricas com o estilo, efeito de individualização criada numa totalidade de discursos, que ganha a tradução de *ethos* discursivo.

## CAPÍTULO 1

### 1.1 GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS

Uma vez que o foco desta pesquisa é a análise de textos, produzidos por vestibulandos da UFPR, Universidade Federal do Paraná, ou melhor, de uma das respostas da prova de produção de texto do vestibular de 2008, este capítulo tem por objetivo abordar tanto a concepção dos gêneros textuais quanto a dos tipos e das sequências textuais, conceitos de extrema relevância para o estudo que se pretende fazer, já que cada texto, objeto de análise deste trabalho, é concebido a partir de combinações e da articulação de diferentes tipos de sequência que resultam em um determinado gênero.

Por isso, destacam-se concepções teóricas para esta pesquisa: os estudos de Bakhtin (2003), em que se encontra o alicerce da concepção de gênero textual<sup>2</sup>, além de outros pesquisadores, como Bronckart (2007), Schneuwly e Dolz (2004), Costa (2005) e Marcuschi (2002) que também contribuem com seus estudos relacionados a essa temática e fundamentam este estudo inerente à Linguística Textual e à Análise de Discurso.

Há algum tempo, estudiosos da língua humana e educadores têm demonstrado, por pesquisas e por meio de resultados práticos promissores, que, nas diferentes esferas de comunicação de uma sociedade, as relações sociais entre os indivíduos se realizam por meio da produção e da recepção de gêneros textuais escritos e orais.

A questão do gênero textual ou gênero discursivo tem sido objeto de estudo constante da Linguística Textual, principalmente a partir da segunda década de 1990,

---

<sup>2</sup> Nesse trabalho, tanto a terminologia *gênero do discurso* quanto a de *gênero textual* serão empregadas como equivalentes, levando em conta os estudos de Bronckart (1997, *apud* Rojo 2005, p. 191) que propõe uma equivalência entre termos de sua abordagem e da de Bakhtin. De acordo com Rojo (2005, p. 185), duas vertentes passaram a tratar do assunto gênero: a *teoria dos gêneros do discurso* (ou *discursivos*) e a teoria de *gêneros de texto* (ou *textuais*). Embora ambas estejam norteadas por releituras de Bakhtin e seu círculo, a primeira centra-se no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos; a segunda, na descrição da composição e da materialidade textual e trabalha com noções herdadas da linguística textual (*tipos, protótipos, sequências típicas etc.*) que integrariam a composição dos textos, acabavam por fazer descrições de gêneros de enunciados ou de textos pertencentes ao gênero.

quando a noção de gênero foi incorporada aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, os quais sinalizam que o gênero deve nortear a metodologia de ensino de leitura e de produção de textos orais e escritos. Essa questão também tem tido um relevante destaque nas discussões acadêmicas, visto que qualquer tratamento com foco no aspecto da textualidade se subordina à questão do gênero. (COSTA, 2005, p. 178)

É por esse motivo que o papel do gênero textual se faz necessário neste estudo e alguns pressupostos nucleares sobre essa temática serão aludidos a partir de uma concepção de linguagem sociointeracionista. Os autores já mencionados, que são referência para o ponto de partida deste trabalho, demonstram um pensamento convergente no que diz respeito ao conceito dos gêneros, bem como dos tipos textuais, além disso, os trabalhos desses pesquisadores têm como fonte os estudos de Bakhtin.

Os gêneros, para Bakhtin (2003, p. 262), “são tipos relativamente estáveis de enunciados”, marcados historicamente, visto que estão diretamente relacionados às diferentes situações sociais. Eles são caracterizados pelo conteúdo temático, pelo estilo, pela construção composicional e apresentam grande heterogeneidade, compreendendo desde o diálogo cotidiano à tese científica conforme foi apresentado na obra *Estética da criação verbal*:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão uniformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Levando em conta esse conceito, pode-se inferir que cada esfera da comunicação apresenta especificidades que lhe são inerentes e que imprimem, no

enunciado, três elementos que se coadunam indissolivelmente: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Exposto o conceito de Bakhtin sobre gênero textual, fonte de muitos estudos relacionados a essa temática, é necessário mencionar um conjunto de três hipóteses que devem nortear os estudos sobre os gêneros na perspectiva de Jean-Michel Adam (*apud* COSTA, 2005, p. 180):

A primeira hipótese formulada por Adam é de que a diversidade dos gêneros é infinita. Como formas comunicativas historicamente construídas pelas diversas formações sociais em função de seus interesses e objetivos particulares, os quais podem apresentar variações infinitas, os gêneros textuais também podem se multiplicar de formulação de uma tipologia geral dos textos que seja válida para todas as épocas e todas as culturas. Só seriam razoáveis projetos de tipologias locais, relativas a uma formação sócio-discursiva em um momento histórico determinado.

Uma segunda hipótese sobre os gêneros textuais diz respeito a seu caráter normatizador. Enquanto norma, ou modelo, o gênero não só torna possível a interação verbal como lhe é indispensável, o que não significa que impeça a variação. Para Adam (1999, p. 90-2): Os gêneros são (como a língua) convenções constituídas entre dois princípios complementares e contraditórios: Um princípio centrípeto de identidade, voltado para o passado, para a repetição, para a produção e governado por regras (núcleo normativo); Um princípio centrífugo de diferença, voltado para o futuro e para a inovação, mudando regras (variação). A terceira hipótese afirma que os gêneros influenciam potencialmente todos os níveis da textualização. Esta hipótese retoma a concepção de Bakhtin (1992, 284), para quem as escolhas relacionadas ao conteúdo temático, ao estilo e à construção composicional se encontram em relação de dependência com o gênero do discurso. (COSTA, 2005, p. 180)

De acordo com Costa (2005, p. 180), o conceito de gênero textual não é tão simples de ser definido e, a partir daí, a autora toma como ponto de partida uma síntese sobre o entendimento do papel dos gêneros textuais feita por Adam, em que há uma abordagem de como eles são definíveis enquanto categorias:

[...] prático-empíricas indispensáveis tanto à produção quanto à recepção-interpretação; reguladoras dos enunciados discursivos e das práticas sociodiscursivas dos sujeitos; prototípicos-estereotípicos, ou seja, definíveis mais pelas tendências ou gradação de tipicidade; pelas faixas de regularidades e de predominâncias que por critérios estritos. (COSTA, 2005, p. 180)

Esse é o entendimento sobre o papel dos gêneros que tem norteadas as discussões acadêmicas sobre a produção, interpretação e análise de textos, bem como

orientado os documentos oficiais que direcionam o ensino de língua materna em todos os níveis de escolarização segundo Costa (2005, p.180).

Schneuwly & Dolz (2004, p. 71) salientam que o gênero deve ser “utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos”. Eles também enfatizam que a escola, na sua missão de ensinar os alunos a escrever, a ler e a falar, forçosamente, sempre trabalhou com os gêneros, pois toda forma de comunicação – portanto, também aquela centrada na aprendizagem – cristaliza-se em formas de linguagem específicas. Dessa forma, “a particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há um desdobramento que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem.” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 76)

De acordo com Costa (2005, p. 181), as propostas recentes de ensino procuram criar situações mais autênticas de uso dos diversos gêneros textuais no trabalho com a produção de texto em sala de aula e buscam, com esse trabalho, reproduzir na escola, mesmo que parcial e artificialmente, a relação mais intrínseca que cada gênero tem com o contexto sociocomunicativo em que surgiu e se desenvolveu historicamente.

Nessas propostas de ensino, é mencionada a importância de levar para o âmbito escolar uma diversidade de gêneros textuais, partindo de textos reais, e de explorar as suas características, bem como a relação de um gênero com outro. Assim, ele precisa ser visto como objeto de ensino-aprendizagem e não somente como instrumento de comunicação. A escola tem um papel relevante nesse trabalho da língua materna utilizando os gêneros textuais, já que é por meio dele que o aluno se apropriará dos diversos textos que circulam socialmente. Portanto, é necessário ter uma preocupação na seleção dos gêneros que serão trabalhados no espaço escolar, pois, é pelo trabalho com a produção escrita, desenvolvido ao longo da educação básica que o aluno, no âmbito desta pesquisa o vestibulando, mostrará o seu domínio linguístico, na produção escrita, na prova de redação do vestibular.

Wachowicz *et al.* (2003, p. 359) esclarecem, sobre a prova de produção textual do vestibular da UFPR, que : “cada questão da prova requer domínio de escrita de um

tipo específico de texto; cada tipo de texto, ou gênero, tem suas intenções específicas; e cada intenção textual requer uma estrutura e uma situação enunciativa próprias”.

Assim, pode-se inferir que o texto que o vestibulando produzirá na prova do vestibular para o ingresso na UFPR exigirá o mesmo domínio com relação à intenção, à estrutura e à situação enunciativa cobradas nas produções dos gêneros escolares. Portanto, os textos designados gêneros escolares preparam o aluno para a realização de um texto que pertence a um determinado gênero na prova de produção textual do vestibular da UFPR.

Segundo Costa (2005, p. 182), os gêneros escolares são os pontos de referências centrais para a construção, por meio dos planos de estudo e dos manuais, da progressão escolar, particularmente no âmbito redação/composição. Além disso, os textos produzidos no contexto escolar seriam um instrumento tanto para a avaliação do desenvolvimento cognitivo dos alunos quanto para o domínio das normas da escrita. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 79)

Assim, levando em conta “que texto é discurso, que as esferas de atividade social humana têm suas opções de comunicação, que esses processos são adquiridos naturalmente e que a escola tem o papel de desvendar ao aluno as experiências complexas de letramento” (WACHOWICZ, 2010, p. 25), a categoria nuclear para o trabalho com o texto em sala de aula passa a ser o gênero textual, cujo conceito da abordagem discursiva o tem como instrumento de interação social, conforme postula Schnewly:

Na perspectiva do interacionismo social, a atividade é necessariamente concebida como tripolar: a ação é mediada por objetos específicos, socialmente elaborados, frutos das experiências das gerações precedentes, através das quais se transmitem e se alargam as experiências possíveis. Os instrumentos encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age: eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir. A intervenção do instrumento – objeto socialmente elaborado – nessa estrutura diferenciada dá à atividade uma certa forma; a transformação do instrumento transforma evidentemente as maneiras de nos comportarmos numa situação. (SCHNEUWLY, 2004, p. 23)

Então, no âmbito escolar, “o gênero é ilustrado como os diferentes instrumentos por meio dos quais o aluno se relaciona com o meio – agora o mundo letrado.”

(WACHOWICZ, 2010, p. 26), ou seja, é por meio do gênero que o aluno, neste caso o vestibulando, vivencia diferentes situações comunicativas com as quais é confrontado, como a dessa situação em que ele deveria escrever um texto tendo como base a proposta que segue, solicitada na prova de compreensão e produção de texto do vestibular de 2008 da UFPR, a partir da qual os textos, que compõem o *corpus* deste trabalho, foram produzidos:

### QUESTÃO DISCURSIVA 03

#### À beira de um colapso

Dados da ANEF (Associação das Empresas Financeiras das Montadoras) mostram que o saldo de recursos para financiamento de veículos saltou de R\$ 42,4 bilhões em 2004 para R\$ 120 bilhões no primeiro trimestre de 2008, e a expectativa é que essa trajetória ascendente continue. Com tanto dinheiro financiando veículos, as vendas no mercado interno ultrapassaram 1 milhão de unidades em maio deste ano. Em 2007, essa quantidade foi alcançada em junho.

O recorde de automóveis vendidos no ano passado será certamente batido neste ano, devendo se aproximar de 2,5 milhões de unidades. Em apenas oito anos, as vendas de veículos no mercado interno brasileiro dobraram. Saltaram de 1,1 milhão de unidades em 1999 para o recorde de 2,2 milhões em 2007. As indústrias automobilísticas têm investido grandes somas em suas linhas de produção para explorar o promissor mercado nacional.

Dados da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) mostram que, enquanto a relação habitante-automóvel é de 1,2 nos Estados Unidos, de 3,1 na Coreia do Sul e de 4,7 no México, no Brasil ela é de 7,9. Ou seja, há um contingente enorme de pessoas no mercado brasileiro contido na estratégia das montadoras de expandir mercados, uma vez que nos países ricos essa meta está restrita.

Por conta do potencial de expansão da frota de veículos, do volume de crédito crescente e da estabilidade econômica, as montadoras estão investindo neste ano um montante recorde de recursos no Brasil para aumentar a produção. Estão previstos cerca de US\$ 5 bilhões em investimentos em 2008, 130% a mais comparativamente ao valor investido no ano passado. [...]

(CINTRA, Marcos. *Folha de S. Paulo*. 26 mai. 2008.)

**Apesar da recente crise mundial, a questão apresentada por Marcos Cintra em maio não mudou muito. Pode-se observar que as primeiras medidas tomadas para contornar a crise dizem respeito justamente às indústrias automobilísticas. Tendo em vista esse quadro, escreva um texto de opinião, discutindo esse paradoxo<sup>3</sup>. Seu texto deve:**

- deixar clara sua posição;
- reportar-se a dados apresentados por Cintra que você considere pertinentes para sua argumentação;
- ter de 10 a 12 linhas.

<sup>3</sup> O paradoxo já era discutível. Em 2009, já se verificava crise no Brasil, mas isso não invalida a análise desta pesquisa, uma vez que o foco é a análise da referência e do *ethos* discursivo.



Por meio dessa proposta apresentada, o vestibulando deveria produzir um texto obedecendo aos seguintes chamados da questão: deixar clara a sua posição, reportar-se aos dados apresentados por Cintra, considerados pertinentes para sua argumentação e, além disso, escrever um texto entre 10 e 12 linhas conforme se observa em uma das produções textuais<sup>4</sup> escrita por um vestibulando.

***Devido à crise econômica mundial, diversos países, em especial os Estados Unidos, entraram em recesso e os investimentos de empresas nessas nações estão em queda, já que as empresas não acreditam que haja segurança econômica e desenvolvimento desses capitais. Se uma nação, como por exemplo, o Brasil, entrasse em recesso, era preciso diminuir o consumismo dos brasileiros, no entanto, o Brasil, como o próprio presidente Lula afirmou, sofre pouco com a crise financeira e, por esse motivo, os investimentos das multinacionais são admitidas, pois possuem grandes influências no crescimento econômico do país. Esse crescimento econômico brasileiro ocorre, segundo Marcos Cintra, devido à estabilidade econômica, aos volumes de crédito crescente e ao potencial de expansão de frotas de veículos, uma vez que estão previstos aproximadamente US\$ 5 bilhões em investimentos para aumentar a produção de automóveis em 2008. Além disso, conforme Cintra, “os dados da ANEF mostram que o saldo de recursos para financiamento de veículos saltou de R\$ 42,4 bilhões em 2004 para R\$ 120 bilhões no primeiro trimestre de 2008”.***

***Para o Brasil, as indústrias automobilísticas representam o desenvolvimento da nação, mas para os países em recesso, as indústrias automobilísticas representam a crise. Sejam otimistas e aproveitemos essa chance de desenvolvimento.***

---

<sup>4</sup> Todas as produções textuais expostas, neste trabalho, encontram-se, em anexo, na mesma ordem em que são apresentadas.

Nota-se que nessa produção apresentada e nas demais, que se encontram em anexo, o candidato atendeu ao chamado da proposta, bem como empregou os mesmos elementos, verificados também em outras produções analisadas, conforme solicitação da prova. Todos os textos apresentam propriedades comuns tanto na intenção comunicativa quanto no contexto e no objetivo que, no caso, é para serem avaliados com intuito de se verificar o desempenho linguístico de cada vestibulando, bem como classificar os melhores candidatos para o acesso aos cursos superiores da UFPR. Além disso, pode-se afirmar que esse texto e os demais apresentam os três elementos norteadores para a classificação de um texto em um determinado gênero textual em termos bakhtinianos: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

O conteúdo temático constitui-se no objeto do discurso que é dizível por meio do gênero, nesse caso, o tema de todos os textos é a crise mundial; o segundo elemento, o estilo, está atrelado à seleção dos recursos<sup>5</sup> gramaticais, lexicais ou fraseológicos.

O último elemento é a construção composicional que se refere a textos pertencentes a um determinado gênero que compartilham determinadas estruturas e procedimentos composicionais. Nesse caso, tanto a estrutura quanto os procedimentos composicionais comportam-se de forma cristalizada em todas as produções, já que todos têm a mesma extensão que é entre 10 e 12 linhas, além da referência a Marcos Cintra, bem como o posicionamento claro do vestibulando acerca da temática já exposta.

Levando em conta essas características, os gêneros nada mais são do que um conjunto de textos que apresentam propriedades comuns na interação comunicativa, na forma como foi escrito, na situação de produção, no contexto ou no objetivo de sua elaboração. De acordo com Bronckart (2007, p. 137):

Sustentamos, além disso, que, na escala sócio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de

---

<sup>5</sup> Os recursos empregados pelos candidatos podem ser verificados por meio de algumas opções linguísticas, como por exemplo, o emprego de figuras de linguagem, principalmente da metáfora e da personificação, e da referência por formas nominais na elaboração do texto argumentativo.

**gêneros de texto)** e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores. (BRONCKART, 2007, p. 137)

Para Bronckart, os gêneros são as referências para a organização dos textos que abarcam as mesmas características. Assim, se todas as características são levadas em conta para a classificação de um texto em um determinado gênero, a classificação desse, produzido pelo vestibulando, seria gênero “redação escolar”, por apresentar características típicas dos textos produzidos no espaço escolar. No entanto, como foram produzidos no contexto de vestibular, logo, são denominados, neste trabalho, como gênero “redação de vestibular”, um subtipo do gênero “redação escolar.”

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 75), para se definir um gênero como suporte de uma atividade de linguagem, três dimensões são essenciais. A primeira delas é: os conteúdos e os conhecimentos que são dizíveis por meio do gênero. No caso do texto analisado, é possível afirmar que em todos é abordado o mesmo conteúdo: a crise mundial, bem como a posição de cada vestibulando acerca dessa crise. A segunda é: os elementos das estruturas comunicativas e semióticos partilhados pelos textos são reconhecidos como pertencentes ao gênero. Essa dimensão também pode ser evidenciada nas produções que foram produzidas pelos candidatos, uma vez que elementos como: a posição do candidato em relação ao paradoxo exposto no texto publicado na Folha de São Paulo e a referência aos dados apresentados por Marcos Cintra podem ser verificados em um dos fragmentos que integram o *corpus* deste trabalho:

***Esse crescimento econômico brasileiro ocorre, segundo Marcos Cintra, devido à estabilidade econômica, aos volumes de crédito crescente e ao potencial de expansão de frotas de veículos, uma vez que estão previstos aproximadamente US\$ 5 bilhões em investimentos para aumentar a produção de automóveis em 2008. Além disso, conforme Cintra, “os dados da ANEF mostram que o saldo de recursos para financiamento de veículos saltou de R\$ 42,4 bilhões em 2004 para R\$ 120 bilhões no primeiro trimestre de 2008.***

Além disso, em todas as produções analisadas, é possível constatar que a extensão, ou seja, o limite de linhas exigido, entre 10 e 12, é obedecido pelos candidatos, resultando, assim, uma estrutura comunicativa recorrente em todas elas. A última dimensão é: as configurações específicas de unidades de linguagem, traços, principalmente, da posição enunciativa do enunciador e dos conjuntos particulares de sequências textuais, que serão aludidas mais adiante deste capítulo, formam sua estrutura. Essa dimensão também pode ser certificada por meio de um fragmento de texto, em que é possível evidenciar a posição enunciativa do candidato:

***Para o Brasil, as indústrias automobilísticas representam o desenvolvimento da nação, mas para os países em recesso, as indústrias automobilísticas representam a crise. Sejam os otimistas e aproveitemos essa chance de desenvolvimento.***

Levando ainda em conta essa última dimensão, pode-se observar que os textos analisados apresentam as mesmas sequências textuais<sup>6</sup>, ou seja, esquemas linguísticos básicos que entram na constituição dos diversos gêneros textuais. Assim, diante do exposto, todos esses elementos, caracterizadores dos textos produzidos no contexto de vestibular, reiteram a definição desta produção textual como um gênero textual<sup>7</sup>.

Além de expostas as dimensões partilhadas pelos textos, pertencentes ao gênero que lhe conferem uma estabilidade conforme Schneuwly e Dolz, outras concepções teóricas como a de Bakhtin e a de Bronckart dariam embasamento teórico suficiente para a classificação dos textos, que compõem o *corpus* deste trabalho, como gênero “redação de vestibular” um subtipo do gênero “redação escolar.”

---

<sup>6</sup> Ainda, neste capítulo, a concepção teórica referente às sequências textuais será clarificada.

<sup>7</sup> Como nessa primeira mostra do *corpus* os elementos que definem um gênero textual não são detalhados e desenvolvidos, uma vez que há necessidade de elucidar as características que marcam um gênero em um conjunto de textos, a análise dos textos, bem como a dos elementos que o compõem, cumprirá esse propósito no último capítulo deste trabalho.

De acordo com Bakhtin, são os tipos relativamente estáveis de enunciados que constituem os gêneros, os quais apresentam grande heterogeneidade, e compreendem desde um diálogo do cotidiano até as variadas formas de manifestação científica e todos os gêneros literários. Por esse motivo, ele distingue os gêneros primários dos secundários. Os primários, chamados de simples, são os diálogos e situações de interação face a face, constituídos em situações de comunicação ligadas à esfera sociais cotidianas; os secundários, também chamados de complexos (romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie), estão relacionados a outras esferas de interação social e surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente mais desenvolvido e organizado (predominantemente escrito) – artístico, científico, sociopolítico etc. –, de forma a absorver e transmutar os gêneros primários.

Todos os enunciados se baseiam em formas-padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo. Bakhtin assim os define:

Os gêneros primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural e organizado (predominantemente escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2003, p. 263)

A diferença entre os gêneros primários e secundários é relevante, pois “a própria relação mútua entre esses gêneros e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia.” (BAKHTIN, 2003, p. 264)

Para Machado (1998), os dois gêneros, primários e secundários, apresentam um caráter sócio-histórico, já que estão diretamente relacionados a situações sociais distintas e se caracterizam por um determinado gênero que apresenta características temáticas, composicionais e estilísticas.

Essa proposta da prova de texto que foi solicitada ao candidato do vestibular da UFPR, no ano de 2008, ilustrada anteriormente, e que serve de base para a elaboração do texto do vestibulando, utiliza um texto publicado no jornal Folha de S. Paulo. Nele,

identificam-se elementos pertencentes aos gêneros secundários, visto que é predominantemente escrito, mais elaborado e mais complexo se comparado ao gênero primário.

É relevante mencionar também que os gêneros não são apenas forma, logo eles não podem ser distinguidos entre si somente por propriedades formais. A constituição e o funcionamento dos gêneros só podem ser assimilados em uma situação de interação social e, a partir de novas situações comunicativas de interação, os gêneros se constituem e se estabilizam historicamente de acordo com Rodrigues (*apud* SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 164 e 165.)

Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 120), “os gêneros podem ser agrupados em função de um certo número de regularidades linguísticas e de transferências possíveis”. Há cinco grandes grupos em torno dos quais se organizam os diversos gêneros:

1. narrar – “*mimeses* da ação através da criação do domínio do verossímil” (conto maravilhoso, fábula, lenda, narrativa de aventura, ficção científica, enigma, novela etc.);
2. relatar – “representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo” (relatos de experiência vivida, relato de viagem, testemunho, *curriculum vitae* etc.);
3. argumentar – “sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição” (texto de opinião, diálogo argumentativo, carta ao leitor, carta de reclamação, debate regrado etc.);
4. expor – “apresentação textual de diferentes formas dos saberes” (seminários, conferência, artigo ou verbete de enciclopédia etc.);
5. descrever ações – “regulação mútua de comportamentos” (instruções de montagem, receita, regulamento, regra de jogo etc.)

A proposta de texto do vestibular da UFPR, que é base para a produção dos textos analisados neste trabalho, está organizada na ordem do argumentar, já que o vestibulando precisa deixar clara a opinião dele, ao defender o seu ponto de vista acerca da crise mundial e discutir o paradoxo apresentado no texto-base de Cintra referente a esse assunto.

Vale ressaltar que esses mesmos autores (*op. cit.*, p. 120) salientam que, quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação. Assim, os textos escritos ou orais produzidos diferenciam-se uns dos outros porque são reproduzidos em condições diferentes. Apesar dessa diversidade de textos, constata-se regularidades entre eles, já que em situações semelhantes, textos com características semelhantes são produzidos e chamados então de gêneros de textos.

Segundo Bronckart (2007, p. 137), a noção de texto designa toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário, e, conseqüentemente, que o texto é a unidade comunicativa de nível superior.

Esse autor (*op. cit.*, p. 138) esclarece que os gêneros, mesmo sendo intuitivamente diferenciáveis, não podem ser objeto de uma classificação racional, estável e definitiva, porque, do mesmo modo que as atividades de linguagem de que procedem são ilimitadas, eles também são de tendência ilimitada, já que os parâmetros que podem servir como critérios de classificação (finalidade humana geral, questão social específica, conteúdo temático etc.) são, ao mesmo tempo, pouco delimitáveis e estão em constante interação, uma vez que esses gêneros são marcados historicamente e oscilam na sua construção composicional, em seu conteúdo temático e em seu estilo de acordo com as circunstâncias comunicativas.

Schneuwly & Dolz (2004, p. 26) apontam que, na concepção de gênero, estão contemplados os elementos centrais caracterizadores de toda atividade humana: o sujeito, a ação e o instrumento, e que o gênero pode ser considerado uma ferramenta na medida em que os sujeitos – enunciadores – agem discursivamente numa situação definida – a ação – por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico – o gênero. Para isso, esses autores desenvolveram a metáfora do gênero como “(mega-) instrumento”, constituído de vários subsistemas semióticos para agir em situações de linguagem. A construção de esquemas de utilização dos gêneros levaria à possibilidade de adaptá-los a cada situação particular, ao mesmo tempo que prefiguraria as ações linguísticas possíveis.

Para Schneuwly e Dolz (2004, p. 19), os gêneros textuais<sup>8</sup> são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social e contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Os gêneros são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Dizem ainda que os gêneros se caracterizam muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e instrucionais do que por suas peculiaridades linguísticas estruturais.

Um outro aspecto teórico e terminológico, de acordo com Marcuschi (2002, p. 22), é a distinção entre as duas noções entre o que se convencionou chamar de tipo textual de um lado, e gênero textual, de outro. Logo, a comunicação verbal só se dá por algum gênero:

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentem características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, 2002, p. 22)

Marcuschi (2002, p. 25) ressalta que a expressão tipo de texto, muito usada nos livros didáticos e no nosso dia a dia, é equivocadamente empregada e não designa nesses contextos um tipo, mas sim um gênero de texto. Diz ainda que em um gênero textual podem ocorrer dois ou mais tipos e que, portanto, um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo). Para Schneuwly (2004, p. 21), “a moda das tipologias cedeu lugar à dos gêneros” e salienta ainda que permanece a necessidade de toda atividade de pesquisa sobre textos e discursos. Portanto, o trabalho com o

---

<sup>8</sup> A noção de gênero não deve ser confundida com a de tipo de texto. De acordo com Marcuschi (2008, p. 154), “o tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais.” O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto *argumentativo* ou *narrativo* ou *expositivo* ou *descritivo* ou *injuntivo*. A noção de tipo não constitui uma noção meramente textual, ou seja, não está ligada à estruturação, ao conteúdo e ao estilo dos diversos textos.



gênero como objeto de ensino de língua materna em leitura e em produção de texto indica a própria materialização de um gênero.

Koch (2004, p. 168) lembra que, nas aulas de língua portuguesa, o ensino de leitura e de produção de textos deve se desenvolver com base na noção de gênero, ou seja, que, em sala de aula, o professor deve trabalhar com a maior variedade de gênero possível, principalmente aqueles a que os educandos se encontram expostos no seu cotidiano, uma vez que necessitam dominá-los para ampliar a sua competência de atuação social.

Sendo assim, toda elucidação sobre gênero textual faz-se necessária pelo fato de que não há como analisar qualquer texto que seja, sem, antes, pensar na concepção teórica acerca desse conceito, bem como nos elementos presentes na composição do gênero. Isso não é diferente para o texto produzido no concurso vestibular 2008 da UFPR que é objeto de análise desta pesquisa. Logo, por meio da explanação referente a essa concepção teórica, acredita-se que há embasamento suficiente para reiterar que os textos, produzidos pelos vestibulandos, podem ser classificados como gênero “redação de vestibular”, um subtipo do gênero “redação escolar.”

## 1.2 SEQUÊNCIA TEXTUAL

Partindo do pressuposto de que qualquer ato comunicativo verbal só é possível por meio de algum gênero textual e de que o elemento composicional do texto é o mais previsível dentre os constitutivos do gênero, é necessário alargar o foco desta pesquisa e discorrer sobre um elemento que garante essa previsibilidade das estruturas textuais: a sequência textual. O interesse em visitar essa concepção se dá pelo fato de que esse mecanismo de textualização, a sequência, encontra-se presente no gênero textual que compõe o *corpus* deste trabalho. Por isso, seria interessante verificar de que forma essa sequência perpassa as produções do vestibulando da UFPR.

De acordo com Wachowicz (2010, p. 50), as sequências textuais são segmentos relativamente fixos que compõem os diversos gêneros que circulam socialmente, ou seja, são tipos que perpassam os diferentes gêneros. “Como entidades de construção textual, as sequências são elementos abstratos em razão de que não

existem isoladamente na vida real das relações comunicativas, e ao mesmo tempo concretos, pois preveem estruturas linguísticas características”. (*OP. CIT.*, p. 52)

Para Adam (2008, p. 204), as sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados, denominados macroposições que são uma espécie de período cuja propriedade principal é a de ser uma unidade ligada a outras, ocupando posições precisas dentro do todo ordenado da sequência. “Cada uma das macroposições adquire o seu sentido em relação às outras, na unidade hierárquica complexa da sequência.” Dessa forma, Adam esclarece (*apud* BRONCKART, 2007, p. 226 e 227) que uma sequência é:

- uma **rede relacional hierárquica**: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem;
- uma **entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna** que lhe é própria e, portanto, numa relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto). (BRONCKART, 2007, p. 204)

O que distingue a sequência textual do gênero é a menor variabilidade. Enquanto os gêneros são heterogêneos, apresentam um número infinito e se constituem nas interações sociais e comunicativas, a sequência é relativamente estável e se apresenta em um número limitado de tipos. Conforme Adam (*op. cit.*, p. 204), diferentemente dos períodos simples, as macroposições que entram na composição de uma sequência textual dependem de combinações pré-formatadas de proposições.

Wachowicz (2010, p. 52) elucida que Adam concebe as sequências por meio de um duplo pressuposto: de que são categorias cognitivas e ao mesmo tempo produção cultural da sociedade. O primeiro pressuposto é que as sequências são produto de uma habilidade cognitiva natural do homem – a categorização – que pode ser entendida como o elemento essencial, em boa parte do tempo inconsciente, na organização da experiência. Já o segundo pressuposto é que elas são esquemas textuais prototípicos, cuja representação é construída gradualmente pelos sujeitos em sua experiência social e cuja estrutura passa a ser aceita e inclusive nomeada pela sociedade.

Essa associação conceitual de Adam, com relação a esses dois pressupostos – cognitivo e histórico-social –, parece, para alguns, uma mistura pouco simpática. “No entanto, esse tipo de combinação assusta somente a puristas de suas inescapáveis

linhas teóricas, que mais agem na defensiva, ao checar e criticar citações e referências bibliográficas, no lugar de inferir a essência histórica de tal posição.” (WACHOWICZ, 2010, p. 53)

Adam (*apud* Bronckart, 2007, p. 217) menciona que, no momento em que alguém produz um texto, esse alguém dispõe de representações ou de conhecimentos relativos que estão estocados na memória de forma lógica chamadas de macroestruturas. Salaria ainda que essas macroestruturas disponíveis das quais um indivíduo dispõe desenvolvem-se de diversas formas de organização linear, por meio de planos, esquemas ou sequências e que, muitas vezes, são denominadas por superestruturas textuais.

Bronckart (2007, p. 217 e 218) ressalta ainda que essas superestruturas constituem os elementos essenciais da textualidade para alguns autores, principalmente para Adam que, visando a uma ideia modular mais geral sobre isso, propôs uma teorização da organização dos textos baseada fundamentalmente na noção de sequência. Para Adam, as sequências são unidades estruturais relativamente autônomas, as quais integram e organizam macroposições, que, “por sua vez, combinam diversas proposições, podendo a organização linear do texto ser concebida como o produto da combinação e da articulação de diferentes tipos de sequências.” (*OP. CIT.*, p. 218)

Essas diferentes combinações, de acordo com Adam (2008, p. 204), são denominadas narrativa, argumentativa, explicativa, dialogal e descritiva, que podem ser combinadas em um texto e são esquemas de reconhecimento e de estruturação da informação textual. É importante ressaltar que é da diversidade dessas sequências, bem como da diversidade de suas modalidades de articulação, que decorre a heterogeneidade composicional da maioria dos textos.

Pelo fato de a proposta da prova de redação da UFPR, apresentada anteriormente neste capítulo, explicitar que o candidato deveria deixar clara a opinião dele com relação à temática abordada, espera-se que esse vestibulando empregue sequências textuais voltadas para a ordem do argumentar. Por isso, neste trabalho, será exposta apenas a sequência relacionada a esse ato: a argumentativa.

De acordo com Wachowicz (*op. cit.*, p. 92), a sequência argumentativa tem uma longa história originada na retórica clássica, pois desde esse período, na tradição ocidental, tem um pressuposto de linguagem de qualquer ato comunicativo: de que a linguagem pressupõe sempre o outro. E é isso que dá corpo ao raciocínio argumentativo.

Para Adam (*apud* Bronckart, 2007, p. 225), o objetivo da sequência argumentativa é o de descrever os processos da lógica natural, ou seja, dos processos de pensamento ou de raciocínio, não conforme podem ser modalizados de acordo com as leis da lógica matemática, todavia, conforme efetivamente se desenvolvem nos textos existentes nas línguas naturais.

Qualquer enunciado elaborado, seja para refutar, seja aceitar, a voz do outro sempre se faz presente. Esse pressuposto da dialética discursiva é recuperado por Adam como base de um protótipo de sequência argumentativa.

Wachowicz esclarece que argumentar, para Adam, “em termos preliminares, é a busca da adesão de um auditório/ouvinte a uma tese, cujas vozes e juízos fazem-se pressupostos, através de três etapas: a observação de fatos, a construção de inferências sobre eles e a construção de uma nova tese” (WACHOWICZ, 2010, p. 92), conforme se pode observar no gráfico sobre as macroposições das sequências argumentativas:

<b>Tese anterior &gt; Fatos &gt; Inferências e construção de argumentos &gt; Conclusão (nova tese)</b>
--

(*OP. CIT.*, p. 92)

Segundo Wachowicz (2010, p. 92), a tese anterior é a voz com a qual a construção argumentativa dialogará. Essa voz precisa ser concebida de maneira complexa, uma vez que ela é contrária ao discurso. No entanto, ela pode ser a favor do discurso também. Numa argumentação, se os fatos levarem a uma argumentação contrária a essa voz, a nova tese deve se opor à primeira. Porém, se os fatos levarem a uma argumentação que a reforce, a nova tese endossará a primeira. Essa autora, em referência a Adam, sinaliza que esse modelo de raciocínio é um verdadeiro esquema

do processo de refutação/apoio dos enunciados que são típicos da sequência argumentativa.

É importante salientar que fatos, conforme foi apresentado anteriormente nas macroposições das sequências argumentativas, fazem alusão às informações sobre o verdadeiro e o que a tradição retórica atribuiu como irrefutável, pois acredita-se que o discurso faz referencialidade aos estados das coisas do mundo de onde os argumentos são construídos.

De acordo com Bronckart (2007, p. 226), o protótipo da sequência argumentativa apresenta-se como uma sucessão de quatro fases que são:

- fase de **premissas** (ou dados), em que se propõe uma constatação de partida;
- fase de apresentação de **argumentos**, isto é, de elementos que orientam para uma conclusão provável, podendo ser esses elementos apoiados por lugares comuns (*topoi*), regras gerais, exemplos, etc.;
- a fase de apresentação de **contra-argumentos**, que operam uma restrição em relação à orientação argumentativa e que podem ser apoiados ou refutados por lugares comuns, exemplos, etc.;
- a fase de **conclusão** (ou de **nova tese**), que integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.

Como para as duas sequências precedentes, esse modelo pode ser realizado de modo simplificado (por exemplo, passar diretamente da premissa à conclusão, deixando implícitas as outras fases do protótipo), mas pode também ser realizado de modo mais complexo: explicação da tese anterior, entrelaçamento dos argumentos e dos contra-argumentos, desenvolvimentos múltiplos do suporte de uns e/ou dos outros, etc. (BRONCKART, 2007, p. 226 e 227)

Diferente das demais sequências, a argumentativa apresenta uma ordem vulnerável, pois a argumentação pode partir dos fatos para os argumentos e chegar finalmente à tese, deixando implícitas as outras fases e configurando, dessa forma, um raciocínio indutivo. No entanto, pode partir da tese e depois explorar a prova por meio dos fatos e dos argumentos e configurar um raciocínio dedutivo.

Para Wachowicz, o fato é que a sequência argumentativa, como esquema básico prototípico da prova, tem justamente essa característica essencialmente abrangente e genérica. “Qualquer texto da linha argumentativa, como os gêneros de artigo de opinião, ensaio, dissertação etc., terão essa sequência de base; o

autor/falante a segue, e o leitor/ouvinte a infere – consciente ou inconscientemente.” (WACHOWICZ, 2010, p. 95)

Logo, é importante reiterar que as opções de construção argumentativa podem seguir caminhos diferentes e os mais variados possíveis no que diz respeito às inferências a partir dos fatos. Wachowicz (*op. cit.*, p. 95) esclarece que o próprio Adam aponta para a riqueza das alternativas que a argumentação pode tomar se houver uma investigação mais a fundo das regras de inferência (ou de passagem). Se isso ocorrer, certamente será possível propor uma tipologia de formas de argumentação ordinária.

Para evidenciar esses preceitos de Adam, faz-se necessário mostrar de que forma essa sequência argumentativa perpassa a produção textual de um dos candidatos do vestibular da UFPR:

***A crise mundial no Brasil, em vez de fazer com que houvesse uma contenção de gastos, aparentemente resultou no contrário. Isso pode ser percebido ao analisarmos as indústrias automobilísticas. Segundo dados da ANEF, retratados em um texto de Marcos Cintra, na Folha de São Paulo, essas empresas vêm aumentando seus investimentos no nosso país e tais investimentos devem-se a um fator: a venda de veículos aumentou devido aos financiamentos. Mesmo num contexto de crise, o povo brasileiro continua comprando, pois mediante condições fáceis de pagamento é quase impossível não realizar o sonho de ter o próprio automóvel ou, ainda, demonstrar “status”, mesmo que falsamente. Tal solução, no entanto, é algo reprovável pois as aparentes facilidades visam somente ao enriquecimento de grandes montadoras, que mergulham seus consumidores em juros absurdos e ainda são tidos, por eles, como bondosos.***

Nesse texto, a tese anterior está no paradoxo apresentado pelo candidato que pode ser evidenciado por meio do seguinte fragmento: “A crise mundial no Brasil, em

*vez de fazer com que houvesse uma contenção de gastos, aparentemente resultou no contrário. Isso pode ser percebido ao analisarmos as indústrias automobilísticas.”*

A construção do argumento pode ser constatada a partir do segundo período: *“Segundo dados da ANEF, retratados em um texto de Marcos Cintra, na Folha de São Paulo, essas empresas vêm aumentando seus investimentos no nosso país e tais investimentos devem-se a um fator: a venda de veículos aumentou devido aos financiamentos.”*

Para elaborar esse primeiro argumento, também chamado de interferência, o candidato emprega uma voz alheia, a de Marcos Cintra, com a finalidade de fundamentar um encaminhamento analítico daquilo que ele quer provar por meio dos dados de Cintra, apresentados no texto-base, que confere autoridade ao ponto de vista defendido no texto.

Em seguida, é possível identificar a segunda interferência por meio de mais um argumento empregado pelo candidato, conforme se pode observar na seguinte passagem: *“Mesmo num contexto de crise, o povo brasileiro continua comprando, pois mediante condições fáceis de pagamento é quase impossível não realizar o sonho de ter o próprio automóvel ou, ainda, demonstrar ‘status’, mesmo que falsamente.”*

Para a construção desse argumento, o candidato lançou mão da observância dos fatos do mundo, e é a partir deles que os argumentos são construídos. De acordo com Wachowicz, Adam discute duas funções básicas da linguagem: “a referencial – habilidade de apontar coisas reais do mundo, e a argumentativa – habilidade de julgar ou avaliar as coisas reais do mundo.” (WACHOWICZ, 2010, p. 94)

Tanto uma como outra função é priorizada na sequência argumentativa, uma vez que, para se construir argumentos, é necessário partir de fatos do mundo para se chegar a uma tese, que por sua vez está fundamentada no apoio ou na oposição de outra(s) tese(s). Logo, essas duas funções podem ser ratificadas nessa segunda interferência ou argumentação construída por esse vestibulando.

Com relação à conclusão ou nova tese, é possível identificá-la a partir da opinião desse candidato referente à temática aludida na produção. Essa macroposição pode ser confirmada no último período do texto em que se lê: *“Tal solução, no entanto, é algo reprovável, pois as aparentes facilidades visam somente ao enriquecimento de*

*grandes montadoras, que mergulham seus consumidores em juro absurdos e ainda são tidos, por eles, como bondosos.”*

Entende-se que esse tópico referente à sequência textual, especificamente à sequência argumentativa, contribui muito para o estudo que se pretende fazer neste trabalho que tem como foco o texto. Mesmo que o objetivo dessa pesquisa não seja averiguar de que forma a sequência textual perpassa o texto do vestibulando, acredita-se que é importante saber como esses esquemas linguísticos, no caso as sequências, entrarão na constituição do gênero textual analisado neste estudo.



## CAPÍTULO 2

### 2.1 REFERENCIAÇÃO

No capítulo anterior, foi exposta a concepção de gênero, tipos e sequências textuais, fundamentais para este estudo que tem como ponto de partida o texto. Agora, neste, a temática aludida versa sobre os processos de referenciação, ou seja, alguns dos elementos que organizam e estruturam o texto para constituir o gênero textual, pois, de acordo com Koch (2004, p. 261), há uma imbricação entre determinadas estratégias na escolha do léxico e os gêneros textuais. Essa autora ressalta também que a seleção do nome-núcleo das expressões referenciais é importante, não somente para a identificação do estilo (de gênero ou individual), como também da variedade linguística em que o texto se encontra vazado. O interesse em abordar a referenciação, neste trabalho, dá-se pelo fato de se querer investigar de que forma o candidato, vestibulando da UFPR, opera a retomada de referentes ao produzir o seu texto.

Logo, se há relação entre gênero e estilo, que será clarificado no capítulo seguinte e abordado numa perspectiva da Análise do Discurso, mais especificamente com o *ethos* discursivo, espera-se evidenciar que a retomada do objeto de discurso, ou seja, do elemento introduzido anteriormente, seja feita por meio de expressões nominais, visto que elas demonstram ao enunciatário, o examinador do texto, um certo engajamento do enunciador em criar uma certa imagem de si, compartilhada a partir de pressupostos culturais. Assim, dado o caráter de argumentação da proposta do texto do vestibular da UFPR, espera-se que esse candidato utilize as descrições nominais para retomar os referentes.

De acordo com Marcuschi e Koch (2002, p. 31), na argumentação é extremamente comum o emprego da descrição definida, forma linguística constituída por um determinante que, ao recategorizar um referente, atribui-lhe uma orientação argumentativa. De acordo com o dicionário de linguagem e linguística de Trask (2006, p. 78), um determinante é constituído principalmente de itens gramaticais que têm uma única função: aparecer tipicamente como a primeira palavra do sintagma nominal que

são geralmente formados pelos artigos *o (a)* e *um (uma)* e *um nome*, ou seja, *um substantivo*.

Diante disso, reflexões sobre esse tópico feitas por Koch (2004, 2005 e 2009), Cavalcante (2005), Marcuschi e Koch (2002), Koch e Elias (2006) e Marcuschi (2005) constituem o núcleo da teoria apresentada neste capítulo, bem como todo o respaldo para análise dos textos desta pesquisa.

Todo processo de compreensão pressupõe atividades em que há interação entre ouvinte/ leitor, de modo que se caracterize como um processo constante e ativo de construção, e não apenas de reconstrução, no qual as unidades de sentido ativadas no texto se conectam a outros elementos suplementares de conhecimentos retirados de um modelo global também ativado em sua memória. Levando em conta a ocasião da produção, o locutor já antevê essas interferências, e, com isso, deixa certas partes do texto implícitas, pressupondo que essas lacunas venham a ser preenchidas sem dificuldades pelo interlocutor, baseando-se em seus conhecimentos prévios e nos elementos da situação comunicativa. (KOCH, 2009, p. 29)

Em toda produção, seja escrita ou falada, há um pressuposto de que, em seu desenvolvimento, se faça constantemente referência a algo, a alguém, a fatos, a eventos e a sentimentos, que se mantenham em foco referentes introduzidos por meio de operação de retomada e, ainda, que se desfocalizem referentes introduzidos anteriormente e os deixem em *stand by*, para que outros referentes sejam introduzidos no discurso. Essas estratégias, por meio das quais são construídos os objetos-de-discurso, ou referentes, e mantidos ou desfocalizados, na produção de qualquer texto, são chamadas de referenciação.

Por referenciação, entende-se o nome dado às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando esses referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão referencial. Koch (2005, p. 79) baseia-se na suposição de que a referenciação constitui uma atividade discursiva, pressuposto esse que implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem. Posição também defendida por Mondada & Dubois (1995, citado por Koch, 2005, p. 79) que postulam uma instabilidade das relações entre as palavras e coisas:

Assim, não se entende a referência no sentido mais tradicionalmente atribuído, como simples representação extensional de referentes do mundo extramental: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural. A referência passa a ser considerada como resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades são vistas como objetos-de-discurso e não como objetos-do-mundo. (KOCH, 2005, p. 79)

Para Apothéloz (*apud* Cavalcante, 2005, p. 124), o processo de referenciação não se completa no simples emprego de expressões referenciais, mas vai muito além disso, porque o referente é concebido a partir de um conjunto de ações, pelo modo com que os co-enunciadores ajustam suas ações conversacionais e pela maneira da construção dos sentidos em cada evento comunicativo.

Entendem Mondada & Dubois (*apud* Koch, 2009, p. 32) que as categorias empregadas para a descrição do mundo alteram-se tanto diacrônica quanto sincronicamente, seja nos discursos ordinários, seja nos discursos científicos, elas são antes plurais e mutáveis do que fixadas normativa e historicamente. Essas autoras, segundo Koch, “salientam que é necessário considerar a referência aos objetos do mundo físico e natural no seio de uma concepção geral dos processos de categorização discursiva e cognitiva, assim como são considerados nas práticas situadas dos sujeitos.” (*op. cit.*, 2009, p. 32)

Dessa forma, a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam, fora dos eventos discursivos nos quais esses sujeitos intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes, seja na ordem linguística ou na ordem sociocognitiva. Enfim, em seus modelos de mundo, que não são estáticos, (re) constroem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, assim que se passa da língua para o discurso, faz-se necessário mobilizar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re) construídos –, bem como situar-se dentro de contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos.

Marcuschi e Koch (2002, p. 38) defendem que “a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo

de elaboração de informações, mas num processo de (re) construção do próprio real”. Pois sempre que se utiliza uma forma simbólica, manipula-se a própria percepção da realidade de maneira significativa. A proposta de substituir a noção de referência pela noção de referenciação emana desse conceito, já que tanto a referenciação quanto a progressão referencial fazem parte da construção e reconstrução de objetos-de-discurso, ou seja, os referentes de que se fala não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo, uma vez que eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com a percepção de mundo de cada um, das crenças e das atitudes, além dos propósitos comunicativos.

De acordo com Koch (2005, p. 79), a referenciação constitui uma atividade discursiva. O sujeito opera, por ocasião da interação verbal, sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido. As formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um querer-dizer.

Para Koch e Elias (2006, p. 124), não se devem confundir os objetos-de-discurso com a realidade extralinguística, já que eles a reconstroem no próprio processo de interação. Ou seja, a realidade é construída, mantida e alterada pela forma como, sociocognitivamente, interage-se com ela: interpreta-se e constroem-se mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural. (KOCH, 2009, p. 33)

Na constituição da memória discursiva, enquanto operações básicas, estão envolvidas as seguintes estratégias de referenciação:

- a) construção/ativação: pela qual um “objeto” textual até então não mencionado é introduzido, ativado na memória, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual: a expressão linguística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse “objeto” fica saliente no modelo.
- b) reconstrução/ reativação; um módulo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permanece saliente (o nóculo continua em foco).
- c) desfocalização, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo permanece em ativação parcial (*stand by*), podendo voltar à posição focal a qualquer momento; ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores. (KOCH, 2009, p. 33 e 34)

Para elucidar a citação feita e comprovar de que forma ocorrem essas estratégias de referência em um dos textos desta pesquisa, faz-se necessário ilustrá-las:

***A indústria automobilística é, na verdade, muito sensível às alterações econômicas. Dependente dos créditos concedidos pelos bancos, é uma das primeiras a sentir os efeitos da atual crise. São raros os casos de compra de carro que não são financiados. Por isso, as primeiras medidas para remediar os problemas econômicos são em relação às automobilísticas.***

***As montadoras, segundo Marcos Cintra, em artigo publicado à Folha de S. Paulo (26/05/2008), venderam 2,2 milhões de veículos em 2007. Elas também previram investimentos de 5 bilhões de dólares em território brasileiro durante este ano. É de se esperar que os governos socorram as automobilísticas em primeiro lugar. Além de tudo, elas geram empregos e movimentam a economia.***

***Outro fato que vale ressaltar é que o Brasil está com um mercado estável em comparação aos dos outros países. Assim, as montadoras estão investindo aqui e, apesar de tudo, crescendo. Portanto, o socorro as automobilísticas é aceitável e necessário.***

Para produzir esse texto, o vestibulando emprega inicialmente como objeto textual o item lexical “A indústria automobilística”, que, pela primeira vez, é introduzido no texto e se mantém em saliência no modelo para que o texto progrida. Esse mesmo objeto é retomado e permanece em saliência; primeiro, pela expressão “automobilísticas”, depois pelos vocábulos “As montadoras”, e, respectivamente, pelas palavras “Elas”, “as automobilísticas”, “elas”, “as montadoras” e, por último, “as automobilísticas”. Uma outra estratégia de referência que pode ser constatada nesse texto é a desfocalização. Isso acontece quando o item “a indústria automobilística” é retirado de foco, permanecendo em ativação parcial (*stand by*), e um

outro elemento é colocado em foco, no caso, o item “crise” que é retomado em seguida pela expressão “os problemas econômicos”. Logo, pela repetição constante de tais estratégias, estabiliza-se o modelo textual.

Entretanto, esse modelo é continuamente reelaborado e modificado por meio de novas referenciações. Dessa forma, os nódulos (endereços cognitivos, locação) já existentes podem ser modificados ou expandidos a todo momento, de modo que, durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa pelas sucessivas e interminantes trocas de novas categorias e/ ou avaliações acerca do referente (KOCH, 2009, p. 34), conforme se pode observar.

Nessas trocas de novas categorias, nota-se que a construção e a reconstrução do referente não intervêm somente de um saber construído linguisticamente pelo próprio texto e pelos conteúdos que podem ser inferidos a partir dos elementos linguísticos tomados por premissas, devem-se levar em conta não só os conhecimentos lexicais, os pré-requisitos enciclopédicos e culturais e os lugares comuns argumentativos de uma determinada sociedade, mas os saberes, as opiniões e os juízos compartilhados no momento da interação entre o locutor e o público com quem ele dialoga e do qual espera uma concordância. Se esse leitor se enquadrar na imagem construída pelo produtor do texto, essa reação será de consenso. No entanto, se a imagem criada pelo produtor do texto for equivocada, essa reação poderá ser de dissenso.

No modelo textual, os referentes podem ser introduzidos pela ativação ancorada e não-ancorada. A introdução será não-ancorada quando um objeto-de-discurso, ou referente, totalmente novo é introduzido no texto e esse é representado por uma expressão nominal que opera uma primeira categorização do referente, como é possível se observar, no exemplo que segue, em que o referente é “no setor”.

***Contrariamente, os primeiros cortes relativos à crise não são no setor que mais tende a crescer: o automobilístico. Pelo fato dos recursos para financiamento de veículos terem aumentado 77,6 bilhões nos primeiros 4 meses de 2008 e a relação de habitantes – automóvel no Brasil ser de 7,9 – enquanto nos Estados Unidos é 1,2 – , as montadoras estão investindo no Brasil como nunca investiram. (...)***

Já a ativação ancorada acontece sempre que um novo objeto-de-discurso é introduzido no texto, levando em conta algum tipo de associação com elementos já citados e presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo dos interlocutores, conforme se pode observar no exemplo que segue:

***As indústrias automobilísticas interferem em inúmeros setores da economia. Seja pelo número de empregos que geram o investimento para a produção, o que inclui funcionários, previsto no Brasil para 2008 é de 5 bilhões – pelo consumo que incitam – aqui as vendas dobraram em oito anos, e os recursos para financiamentos chegaram a 120 bilhões – pelos impostos que arrecadam. Assim sendo é compreensível que, diante de uma crise global, elas sejam imediatamente amparadas. Sua instabilidade pode gerar um abalo significativo na economia de vários países ao mesmo tempo, o que agravaria os problemas mundiais.***

***Desta forma, impede-se que uma depressão desta magnitude afete as montadoras de automóveis, para que continuem com vendas e lucros estratosféricos, especialmente em países como o Brasil, que possui relação habitante-automóvel 7,9, sendo mercado promissor. Estas medidas de proteção amenizam a crise e seus efeitos, salvaguardando a prosperidade da economia brasileira.***

O item lexical “uma depressão desta magnitude” alude não a um referente que pode ser apontado no texto de forma direta, mas faz remissão a informações contidas no cotexto que antecede. O elemento que aponta ou remete para termos presentes, ou que são inferíveis no texto como é o caso de “uma depressão desta magnitude” é o mecanismo linguístico denominado anáfora.

Marcuschi (2005, p. 54 e 55) elucida que, originalmente, o termo anáfora, na retórica clássica, designava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase. Na acepção técnica de hoje, anáfora anda longe da noção original e o termo é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não) contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial. As anáforas diretas (AD) retomam referentes previamente introduzidos e assim estabelecem uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Isso pode ser verificado na seguinte passagem:

**A (não tão) recente crise econômica, com seu epicentro nos EUA, atingiu muitos países e suas principais fontes de lucro. No caso das indústrias automobilísticas, que vinham crescendo galopantes, a crise quebrou por um tempo essa ascendência, fazendo com que os governos se alarmassem. (...)**

Pode-se observar, no exemplo acima, que a expressão “A (não tão) recente crise econômica” está sendo retomada pelas palavras “a crise”. Esse exemplo elucida a relação entre o elemento fonte, no caso “A (não tão) recente crise econômica” e o elemento anafórico, no caso, “a crise”. Uma vez que se trata do mesmo elemento, a relação dada entre eles é a de correferenciação.

Mas, além delas, há também as anáforas indiretas e as associativas. As anáforas indiretas (AI), de acordo com Koch e Elias (2006, p. 128), são caracterizadas



pelo fato de não existir no cotexto um antecedente explícito. No entanto, há um elemento de relação, decisivo para a interpretação, que se pode denominar de âncora.

Segundo Marcuschi (2005, p. 53), a anáfora indireta (AI) é geralmente constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Para esse mesmo autor, trata-se de uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita. “De uma forma geral, as (AI) evidenciam essencialmente três aspectos: primeiro, a não vinculação da anáfora com co-referencialidade, segundo, a não-vinculação da anáfora com a noção de retomada; terceiro, a introdução de referente novo.” (OP. CIT., p. 60 e 61)

Um exemplo desse tipo de anáfora pode ser identificado no fragmento que segue:

***Até meados de 2008, quando estourou a crise econômica mundial, as indústrias automobilísticas no Brasil vinham obtendo lucros inéditos, como mostrou Marcos Cintra, em matéria para o jornal Folha de S. Paulo, em 26 de maio de 2009 que apontava como causa do fenômeno a política de expansão de mercados das montadoras. (...)***

No texto acima, a palavra “fenômeno” alude, de forma implícita, à expressão “lucros inéditos”, constituindo, dessa forma, uma anáfora indireta. Esse processo de referenciação é constituído com base em elementos mentais e é muito mais comum a sua produção do que se pode imaginar, já que desempenham um papel relevante tanto na progressão quanto na coerência do texto.

Segundo estudos de Koch (2002 e 2004) e de Marcuschi (2005), respaldados em Schwarz (citado por Koch e Elias, 2009, p. 136), as anáforas indiretas podem ser constituídas com base, por exemplo, em modelos cognitivos, inferências ancoradas no mundo textual ou em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos,

particularmente as relações meronímicas (relações parte-todo) conforme ocorre na (A1), “do fenômeno”, presente no texto apresentado.

Conforme já citado, há um outro tipo de anáfora: as associativas. Segundo Koch e Elias (2006, p. 128), as anáforas associativas introduzem um referente novo no texto pela exploração de relações meronímicas, ou seja, toda vez em que um dos elementos da relação pode ser considerado, de alguma forma, *ingrediente* do outro, conforme se observa na passagem de um dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa:

***A tsunami da crise não destruiu tudo. O potencial de expansão da frota, o volume de crédito e a relativa estabilidade irão ajudar a conter essa onda.***

No fragmento anterior, tem-se o termo “onda” que pode ser ingrediente de tsunami. Entre esses objetos, há outros casos de introdução ancorada de novos objetos-de-discurso, que podem também incluir as chamadas nominalizações ou rotulações, quando se designa, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado expresso por uma proposição ou proposições precedentes ou subsequentes no texto. Neste caso, entretanto, o processo de inferência é diferente daquele mobilizado no caso das anáforas associativas e indiretas.

Essas nominalizações são consideradas por Francis (*apud* Koch, 2009, p. 36) como rotulações resultantes de encapsulamentos operados sobre predicções antecedentes ou subsequentes, ou seja, sobre processos de seus actantes, os quais passam a ser representados como objetos-acontecimento na memória discursiva dos interlocutores. Um exemplo dessa anáfora associativa pode ser identificada no fragmento que segue:

***Embora o país apresente um trânsito caótico, a venda de automóveis parece era cada vez mais estimulada por nossos governantes. O Estado utiliza-se do subterfúgio de que as montadoras trazem milhares de empregos e uma das primeiras medidas anti-crise foi aumentar o crédito aos compradores de veículos novos, atendendo as reivindicações das multinacionais. Não me parece que seja propícia tal ajuda “aos poderosos sobre rodas, (...)”***

No fragmento do texto visto, pode-se reconhecer uma anáfora associativa por meio de uma metonímia: o item lexical “O Estado”, que tem como âncora a expressão “nossos governantes”, já que aquela opera sobre uma predicação antecedente. Koch (2004, p. 70) enfatiza que muitas pesquisas têm mostrado que as expressões nominais referenciais desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas de grande importância na construção do sentido. Dentre elas, a autora destaca a ativação e a reatização na memória como formas de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto, ou sugeridos pelo cotexto que precede, além de operarem uma recategorização ou refocalização do referente.

Por meio da estratégia da nominalização, erigem-se, em objetos-de-discurso, conjuntos de informações expressas no texto precedente – informação-suporte –, segundo Apothéloz & Chanet (1997, citado por Marcuschi e Koch, 2002, p. 32), que anteriormente não possuíam tal estatuto.

No que se refere às nominalizações, é preciso distinguir entre a operação de nominalização propriamente dita, que é de natureza anafórica, e a expressão utilizada para efetuar tal operação. Enquanto operação, a nominalização atribui o estatuto de referente ou objeto-de-discurso a um conjunto de informações que anteriormente não possuíam tal estatuto, assinalando simultaneamente uma mudança de nível e uma condensação da informação; Do ponto de vista da distância comunicativa, essa operação retoma, pressupondo a sua existência, um processo que foi significado predicativamente, que acaba de ser posto. Como forma anafórica, por sua vez, a nominalização é uma forma linguística: o substantivo – predicativo.

As formas nominais referenciais respondem, simultaneamente, pelos dois grandes processos de construção textual: retroação e prospecção. Além disso, elas desempenham funções cognitivas de grande importância para o processamento textual. Como forma de remissão a elementos citados anteriormente no texto, ou sugeridos pelo cotexto precedente, elas possibilitam a sua (re) ativação na memória do interlocutor: a alocação ou focalização na memória ativa (ou operacional) deste. Além disso, por outro lado, ao operarem uma recategorização ou refocalização do referente ou, em se tratando de nominalizações, sumarizando e rotulando as informações-suporte, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa. Esse caso é chamado de formas híbridas, referenciadoras e predicativas, porque veiculam tanto informações dadas quanto informações inferíveis e novas.

Marcuschi e Koch (2002, p. 31), em *Estratégias de referência e progressão referencial na língua falada*, aludem que a referência por meio de expressões nominais definidas desempenha papel relevante na organização textual e, conseqüentemente, na construção do sentido. Esses elementos desempenham um aspecto importantíssimo no processo de textualização e é de grande relevância para a coesão e coerência textual.

Nesse mesmo trabalho de Marcuschi e Koch (2002, p. 39), é mencionado que há dois tipos dessas formas, designadas expressões referenciais definidas: as descrições definidas, que há muito tempo vêm sendo objeto de estudo da lógica e da semântica; e as formas nominais (nominalizações), com as quais se referencia, por meio de um sintagma nominal (nem sempre deverbal), um processo anterior expresso por uma proposição. As descrições nominais definidas são caracterizadas pelo fato de operarem uma seleção – entre as diversas propriedades de um referente – reais, co(n)-textualmente determinadas ou intencionalmente atribuídas pelo locutor em dada situação de interação.

Koch (2005, p. 87) elucida que o uso de uma descrição nominal implica uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente. Escolha esta que será feita em cada contexto em razão do projeto comunicativo daquele que produziu o texto. Essa autora ressalta também que, em geral, trata-se da ativação dos conhecimentos pressupostos como partilhados com o(s) interlocutor (es),

ou seja, a partir de um *background* tido por comum, de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar.

A escolha de determinada descrição definida pode ter função avaliativa, isto é, trazer ao leitor/ouvinte informações relevantes referentes às opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o, dessa forma, na construção do sentido. Além disso, o locutor utiliza uma descrição definida com o objetivo de dar a conhecer ao interlocutor, com os mais variados propósitos, propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita desconhecido do parceiro. Em geral, o emprego dessas expressões nominais anafóricas opera a recategorização de objetos-de-discurso, isto é, tais objetos serão reconstruídos de determinada forma, de acordo com o projeto do enunciador.

Além dessas expressões referenciais, há ainda a anáfora especificadora, que acontece nos contextos em que é necessário um refinamento da categorização. Essa anáfora é frequentemente introduzida por um artigo indefinido. Segundo Koch (2009, p. 39), esse fato é pouco registrado na literatura da linguística, pois esse tipo de anáfora permite trazer, de forma compacta, informações novas que se referem ao objeto de discurso, conforme o exemplo:

Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. **Uma epidemia de Ebola** já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva. **(grifo nosso)** (KOCH, 2009, p. 39)

Um outro aspecto é que, de acordo com essa mesma autora, em certas paráfrases feitas por expressões nominais, elas funcionam como anáforas definicionais ou didáticas, e essas expressões propiciam a projeção na memória de um novo léxico. Ela menciona ainda que a função das expressões referenciais não é apenas referir, mas, como são multifuncionais, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva.

Portanto, todos esses referentes aludidos constituem objetos-de-discurso que, construídos sociocognitivamente no bojo da interação, são altamente dinâmicos, uma vez que transformam e reconstroem-se constantemente no curso de uma interação.

Assim, a referenciação no discurso, bem como as demais atividades de produção de texto de sentido, constitui uma construção de cunho sociocognitivo e interacional. Nessa concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são os atores, ou melhor, os construtores sociais que dialogicamente se constroem no texto, o próprio lugar da interação, e por ele são construídos:

A produção de linguagem constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes, mas a sua reconstrução no momento da interação verbal. (KOCH, 2009, p. 19)

Se a referenciação no discurso constitui uma construção com aspecto interacional e sociocognitivo na concepção dialógica da língua, esse capítulo visa à elucidação do que Koch (2004, p. 261) abordou em seu trabalho: que há uma relação entre certas estratégias de referenciação no que diz respeito à escolha de alguns elementos lexicais e os gêneros. Dessa forma, o intuito de trazer essa teoria relacionada à referenciação é o de analisar se os textos confirmam o preceito de que há relação entre as formas nominais definidas e o estilo, analisado em sua relação com a posição enunciativa do vestibulando, de acordo com as reflexões contemporâneas da Análise do Discurso, mais especificamente com o *ethos* discursivo.

## CAPÍTULO 3

### 3.1 ESTILO E *ETHOS*

Nos capítulos anteriores, a abordagem teórica versou sobre gêneros, tipos, sequências textuais e referenciação. Agora, o que se pretende elucidar é a concepção referente ao estilo e ao *ethos* discursivo, conceitos de extrema relevância para o trabalho que se propõe: o de identificar o estilo, que será analisado em sua relação com a posição enunciativa, especificamente com o *ethos*, a imagem de si que o candidato projeta e que o leva a fazer determinadas escolhas formais para a elaboração de sua produção textual na prova do vestibular da Universidade Federal do Paraná.

Para se compreender a concepção de estilo defendida neste trabalho, é necessária uma incursão à Antiguidade, mais precisamente na figura de Aristóteles que concebia esse termo como conjunto de características que o enunciador<sup>9</sup>, aquele que fala, buscava construir, por meio de argumentos subjetivos, com o intuito de persuadir seu enunciatário, ou seja, o seu interlocutor no discurso que produzia.

Hoje, a concepção de estilo, via Análise do Discurso, está atrelada ao *ethos* discursivo, entendido como a imagem de si que se evidencia nas marcas de subjetividade, elaboradas pelo enunciador para a construção dos efeitos de sentidos e para levar o enunciatário aos propósitos de persuasão a que se pretende.

O interesse em abordar toda a concepção referente ao estilo se dá pelo propósito de se querer investigar o estilo dos bons textos de vestibulandos da UFPR, por meio da análise da produção textual dos candidatos que prestaram o vestibular em 2008. Essa análise é apresentada no último capítulo desta pesquisa e, para apresentá-

---

<sup>9</sup> Os parceiros envolvidos em um processo de interação verbal, de acordo com a abordagem e com a teoria linguística, podem ser chamados, respectivamente, de emissor-receptor; orador-ouvinte; narrador-narratário; autor-leitor; locutor-alocutário; enunciador-co-enunciador. Tendo em vista a dimensão enunciativa adotada neste trabalho, será empregado o termo enunciador-enunciatário. Para Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 197), por enunciador, entende-se a noção central para toda linguística e para toda Análise do Discurso que se inscreve em uma perspectiva enunciativa. Ela tem, entretanto, um valor instável, segundo as relações que mantém com noções próximas, como aquelas de locutor, de sujeito falante ou de ponto de vista.

la, é necessária a exposição teórica, relacionada ao estilo e ao *ethos*, que norteia este estudo.

Toda motivação em desenvolvê-la surgiu da curiosidade do pesquisador, que também é professor do Ensino Médio, em procurar respostas para perguntas como: O que há nos textos que receberam uma boa nota dos examinadores do vestibular da UFPR? Será que há uma ou mais propriedades linguísticas comuns nesses textos que tiveram uma boa avaliação? Que recursos foram empregados, nesses textos, pelos enunciadores, no caso os vestibulandos, para criar uma imagem de si e conseguir a adesão de seu enunciatório, que no caso é o corretor da prova? Qual é o estilo ou o *ethos* identificado nesses textos?

Para esclarecer todos esses questionamentos, faz-se necessário visitar a concepção teórica sobre estilo, concebida na Antiguidade, por meio dos estudos aristotélicos, passando pelos estudos do sistema retórico até se chegar às novas abordagens desse conceito, na perspectiva da Análise do Discurso, que analisam estilo em sua relação com a posição enunciativa, especialmente com o *ethos* discursivo.

O estudo para as novas reflexões sobre estilo tem como ponto de partida e de chegada o filósofo Aristóteles (384 a.C – 322 a.C), que considerava as partes componentes do sistema retórico dessa forma: a *inventio* – o conteúdo de onde se extraíam provas e argumentos relacionados a um determinado tema; a *dispositio* – a maneira de organizar as diferentes partes do discurso; a *elocutio* – escolhas das expressões que se adequariam ao conteúdo e a *actio* – a execução ou atualização do discurso que supunha timbre de voz e entonação, pausa e ritmo.

É na *elocutio* que estão instaladas as bases do estilo, já que as escolhas de expressões estão imbricadas à adequação do conteúdo que se deseja externar por meio do texto, que, no caso desta pesquisa, é análise de um texto escrito.

Em *Introdução à Retórica*, Reboul (2004, p. 43) esclarece que o sistema retórico começa com uma classificação em quatro partes que significam as quatro fases pelas quais aquele que elabora um discurso, no caso o enunciador, passa, ou acredita-se que se passe por elas. Essas quatro partes são os grandes capítulos abordados na retórica:



Quais são elas? Para não criar confusão, manteremos seus nomes tradicionais, do latim.

A primeira é a invenção (*heurésis*, em grego), a busca que empreende o orador de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema de seu discurso. A segunda é a disposição (*taxis*), ou seja, a ordenação desses argumentos, donde resultará a organização interna do discurso, seu plano.

A terceira é a elocução (*lexis*), que não diz respeito à palavra oral, mas a redação escrita do discurso, ao estilo. É aí que entram as famosas figuras de estilo, às quais alguns, nos anos 60, reduziram a retórica!

A quarta é a ação (*hypocrisis*), ou seja, a proferição efetiva do discurso, com tudo que ele pode implicar em termos de efeitos de voz, mímicas e gestos. (REBOUL, 2004, p. 43 e 44)

Para Reboul (2004), são esses os quatro elementos empregados no sistema retórico. Na elocução, terceira parte, é possível observar a menção de que o estilo está relacionado à elocução. Ele reitera que essas partes devem ser cumpridas pelo orador, pois, caso uma delas não seja feita, o discurso consequentemente será vazio, desordenado, mal escrito ou ainda inaudível. Esse autor menciona ainda que uma pessoa que elabora um discurso, seja um advogado que prepara uma defesa, seja um publicitário que organiza uma campanha ou um estudante que prepara uma exposição, todos, sem exceção, deverão passar por essas quatro fases e cumprir as tarefas que cada uma representa: compreender o assunto e reunir todos os argumentos que possam servir; isso seria a (invenção); pô-los em ordem que no caso seria a (disposição); redigir o discurso o melhor possível, chamado por ele de (elocução) e, finalmente, exercitar-se, proferindo-o, que seria a (ação). (REBOUL, 2004, p. 44)

De acordo com Discini (2008, p. 33), a estilística, que é norteadada pelos estudos textuais e do discurso, encontra sustento na tradição retórica, não pelo fato de se apoiar nos preceitos formulados por Aristóteles sobre estilo, mas porque parte da noção de instância enunciativa, que corresponde ao sujeito enunciador, o falante ou o locutor, neste caso o vestibulando, e ao sujeito enunciatário, para quem se fala, é o que vale como imagens construídas pelos próprios textos. Essa autora enfatiza também que o interesse, mesmo para o estudo do estilo, é a observação, a análise e a descrição dos recursos recorrentes que um enunciador emprega para a arte de persuadir. Discini ressalta que a tradição dos estudos referentes ao estilo herdou de Aristóteles a orientação normativa, que elenca o estilo bom ou ruim, inadequado ou adequado ao auditório. Essa tradição se calcou na noção de belo e se ateve nas ditas expressões

estilísticas: “átomos expressivos reconhecidos ao longo das construções frasais” (DISCINI, 2008, p. 34), além de identificar o estilo com base na estatística, por meio de levantamentos que levavam em conta passagens evocativas do sentido “a mais” de um texto.

O propósito desse trabalho não é tratar o estilo desse modo, como segmentos evocativos do sentido “a mais” de um texto, nem levantar em conta dados estatísticos, mas adotar a concepção de estilo numa perspectiva discursiva. Para isso, não se levará em conta o estilo visto como desvio em relação a uma norma ordinária de expressão, nem o estilo como um adorno textual, ou um conjunto de características individuais de um autor real, nem tampouco um momento epifânico da criação de uma obra.

O estilo, neste trabalho, será concebido por meio da imbricação entre a noção de estilo e *ethos* que permite que se examine um determinado sistema de coerções semânticas que fundam o corpo do sujeito da enunciação, que é a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização, pressupondo a uma totalidade de enunciados.

De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 193), a enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: por um lado, permite representar fatos do enunciado, mas por outro, constitui por si mesmo um fato, um acontecimento único que é definido no espaço e no tempo. É por meio desse campo: o da enunciação, em que se articulam língua, fala e sujeito que o estilo será analisado, ou seja, em sua relação com a posição enunciativa, especificamente com o *ethos* discursivo.

Segundo Discini (2004, p. 53), o gênero constitui-se em instrumento para a construção do estilo, já que é por meio dele que se projetam expectativas a respeito de tipos de texto, adequados a situações de comunicação e que ainda o ator da enunciação de uma totalidade, aquele que assina, metaforicamente falando, seleciona o gênero e usa-o como instrumento para a construção de lugares enunciativos, ou seja, “o lugar de onde eu falo, o lugar de onde tu escutas, entre os quais não há uma linearidade.” (DISCINI, 2004, p. 53) É claro que essa proposição, elencada por Discini, não pode ser aplicada no contexto de produção textual no vestibular da UFPR, já que o

gênero não é de livre escolha do enunciador, uma vez que na prova já vem designado em que gênero o candidato deve escrever o texto.

Em uma outra concepção, a partir dos estudos de Possenti (2001, p. 214), o estilo é concebido como marca de trabalho, “...um trabalho da (e sobre) a língua” em que o individual é parte constitutiva desse processo concreto de trabalho e ganha visibilidade na escolha das estruturas, das formas que veiculam conteúdos e das relações que elas se estabelecem:

Não poderá ser definida como um gesto que decorre simplesmente de uma avaliação do peso das alternativas por parte de um sujeito/autor onisciente e todo poderoso, livre de qualquer amarra institucional. (...), a escolha é uma necessidade estrutural (...), um dos efeitos da multiplicidade de recursos de expressão disponíveis, tanto no caso das línguas naturais quanto no de outras linguagens (...). Deste modo, pode-se recolocar a questão da escolha no interior de uma concepção de língua, de enunciado e de gênero, tais como desenhadas, digamos, pelo menos à moda bakhtiniana. (POSSENTI, 2001, p. 14)

O estilo, sob a ótica da escolha, incide tanto no dizer/escrever *como* no modo *de* dizer/escrever, liga-se aos gêneros do discurso pelo que denuncia do trabalho empreendido por um sujeito, ao mesmo tempo único e coletivo, pela língua.

Em um trabalho mais recente, *Indícios de autoria* (2002, p. 108), Possenti propõe um estudo referente à noção de autoria que leva em conta categorias discursivas. Nesse estudo, esse pesquisador defende a ideia de que essa noção, a de autoria, está atrelada aos conceitos de locutor enquanto responsável pelo que diz, e com a singularidade que, de algum modo, serve para chamar a atenção para uma forma um tanto peculiar de o autor estar presente no texto que produziu. Ainda, o autor alude que é impossível pensar em autoria sem considerar que a noção de singularidade não tenha aproximação com a questão do estilo. “Trata-se, pois, de tornar objetiva essa noção – quem sabe detectável em traços, em indícios, com os riscos de que isto seja entendido como uma proposta que se limite a enumerar traços necessários e suficientes.” (POSSENTI, 2002, p. 108)

Conforme esse mesmo autor (*op. cit.*, p. 109), um texto bom só pode ser avaliado em termos discursivos, ou seja, por meio dos procedimentos linguísticos empregados pelo sujeito para a elaboração de sua produção. Isso implica dizer que a

qualidade do texto passa necessariamente pela questão da subjetividade, não a subjetividade vista na estética romântica, mas a subjetividade inserida num quadro histórico, num discurso que lhe dê sentido no qual o autor assuma uma posição histórica que representa uma ideologia.

De acordo com Possenti (*apud* Mussalin, 2008, p. 70), a escolha, categoria constitutiva do estilo, é entendida como a forma de organizar uma sequência linguística, e deve ser compreendida como efeito de inscrição genérica, social ou discursiva do sujeito discursivo. Assim, pode-se afirmar que não há estilo sem posição enunciativa, que ele está condicionado às condições históricas de produção do discurso e ainda que existe historicidade nos estilos.

Para alargar as abordagens referentes ao estilo, é necessário mencionar o trabalho de Discini (2008, p. 34), em que é enfatizado que, para se descrever o estilo, não é necessária a busca do desviante e do belo, mas a busca de uma descrição do homem como efeito de identidade, depreendida de uma totalidade de textos:

Para descrever o estilo não se busca o belo ou o a-mais desviante de uma norma, suposto grau zero da expressão. Interessa descrever “o homem” como efeito de identidade a ser depreendido de uma totalidade de textos, vista como um modo recorrente de tematizar o mundo e de se apresentar perante ele. A valorização positiva ou negativa feita em relação aos valores de dada formação social orienta determinado ponto de vista. Como ponto de vista funda o *ethos*, o estilo não pode ser entendido como um dos pólos da oposição *individual vs. social*; ele é individual somente na medida em que é social. Logo a análise do estilo o contemplará na sua historicidade, se esta for observada como o confronto do *eu* com o *outro*, ambos inscritos nos enunciados. (DISCINI, 2008, p. 34)

De acordo com Discini, ao se buscar um reconhecimento do estilo, “um olhar analítico” não buscará as ditas expressões estilísticas. O estilo não deve ser visto como o algo “a mais”, nem visto como o raro e tampouco como o desvio. No entanto, o estilo deve ser descrito como o homem, que reconstituirá quem diz pelo modo como diz, “como a imagem de um sujeito construída por uma totalidade de textos que se firma em uma unidade de sentido, se pensemos em um indivíduo que com corpo e caráter, é a construção do próprio discurso”. (DISCINI, 2004, p. 7)

Em *O estilo nos textos* (*op. cit.*, p. 7) Discini faz a comparação do estilo com o homem: “O estilo é homem se pensarmos na imagem do sujeito que, depreendida dos

textos, supõe saberes, querereres, poderes e deveres ditados por valores e crenças sociais; um *eu* fundado no diálogo com o *outro*. *O estilo é homem*, se, para homem, for pensado um modo próprio de presença no mundo: um *ethos*.” DISCINI (2004, p. 7)

Assim, o estilo é um conjunto de características da expressão e do conjunto que criam um *ethos*. Para reconhecer o estilo, é necessário um olhar analítico que identificará a recorrência do que é dito, circunscrita a um fato formal, que supõe a constância de uma estrutura. Para isso:

A partir do que é dito, o analista reconstruirá o sujeito do dizer por meio do exame de estratégias discursivas, que se fundam em um modo próprio de ser e de sofrer emoções e paixões vistas também como efeito de sentido do próprio discurso. A análise do estilo observará, então, para quem da expressão textual, mecanismos de construção do sentido, os quais acabam por dar indicações de quem é o próprio sujeito pressuposto; esse sujeito, ao mesmo tempo único e duplo. *O estilo são dois homens*. (DISCINI, 2004, p. 7)

Diante desses posicionamentos de Discini que, para se identificar o estilo, é necessário olhar para além das expressões textuais e que o estilo é um conjunto de características da expressão que criam um *ethos*, é relevante alargar a discussão acerca desse último conceito e ampliar, dessa forma, o estudo sobre essa temática.

Para isso, faz-se necessário discorrer sobre alguns pressupostos teóricos da Análise do Discurso, principalmente as concepções de *ethos*, postuladas por Maingueneau, que são adotadas para o respaldo das análises dos textos. Logo, a concepção de estilo é concebida a partir da noção retórica de *ethos*, e, para a sua construção, é necessário um conjunto de textos que constroem esse *ethos*. Essa pesquisa se propõe justamente a isso: identificar o estilo da totalidade de textos a partir da análise individual de cada uma das produções textuais.

Discini, mais numa perspectiva metodológica do que conceitual de estilo, “propõe o caminho que vai da apreensão do estilo (ou *ethos*) em um texto, para a busca do mesmo estilo em outros textos e, por fim, para a conta do mesmo estilo numa totalidade de textos, que volta a ser uma outra unidade, agora resultado da comparação e união”. (WACHOWICZ, 2010, p. 133)

Assim, se existe estilo de um autor, a partir de uma conta da totalidade de suas produções textuais, se existe estilo de um veículo de comunicação, como o jornal, há a possibilidade também de se encontrar o estilo de um gênero textual, como esse que

compõe o *corpus* deste trabalho, a partir da conta de traços estilísticos de uma totalidade de textos que o caracterizam. De acordo com Wachowicz (2010, p. 133), “o estilo da totalidade é algo parecido com o programa bakhtiniano para a noção de estilo – em que se prefigura a situação externa de uma época.”

Então, “não se desqualifica a ação do indivíduo, nem a ação do meio social das condições de produção, mas o estilo nesta perspectiva está no discurso, projetado por ele, depreensível dele. Para se ler o estilo, os limites da análise são do discurso.” (*OP. CIT.*, p. 133)

É relevante mencionar que todo discurso implica a construção de uma imagem daqueles que estão envolvidos no processo de comunicação. Segundo Amossy (2005, p. 9), todo ato de empregar a palavra tanto escrita como falada requer a construção de uma imagem de si, e, para isso, não é fundamental que o locutor faça seu auto-retrato, especifique suas qualidades nem é necessário que fale explicitamente de si. No entanto, suas crenças implícitas, sua competência linguística e seu estilo são suficientes para construir a representação de sua pessoa.

Nesse sentido, o locutor, aquele que fala, ou seja, que produz um ato de linguagem em uma situação de comunicação, que neste caso é o vestibulando, efetua uma representação de si em seu discurso. Essa representação é chamada de *ethos*, um termo emprestado da retórica antiga que designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para persuadir seu alocutório, ou seja, seu destinatário ou seu enunciatário, que, neste caso, é o corretor de texto do vestibular da UFPR.

A terminologia *ethos*, na perspectiva da Análise do Discurso, diz respeito tanto aos textos orais quanto aos escritos, nos quais os enunciadores oferecem uma imagem de si por meio do discurso. Essa noção, retomada em ciências da linguagem e, principalmente, na Análise do Discurso, refere-se às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal. Quando se fala de *ethos* é imprescindível retomar a tradição antiga, já que a estilística orientada pelos estudos do texto e do discurso encontra sustento na tradição retórica, focalizando principalmente aos preceitos de Aristóteles, responsável por sistematizar a Retórica como a arte da persuasão.

Para Maingueneau (2008, p. 13), Aristóteles, ao escrever sua Retórica, almejava expor uma *technè* cujo objetivo não era examinar o que era persuasivo para tal ou qual indivíduo, mas para tal ou qual tipo de indivíduos. Causar boa impressão pela forma que se constrói o discurso e dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, com intuito de ganhar confiança, consiste a prova do *ethos* que está ligado à própria enunciação e não a um saber extra-discursivo sobre o locutor:

Persuade-se pelo caráter [=ethos] quando o discurso tem uma natureza que confere ao orador a condição de digno de fé, pois as pessoas honestas nos inspiram uma grande confiança sobre as questões em geral, e inteira confiança sobre as que não comportam de nenhum modo certeza, deixando lugar à dúvida. Mas é preciso que essa confiança seja efeito do discurso, não uma previsão sobre o caráter do orador. (MAINGUENEAU, 2008, p. 13)

De acordo com Amossy, “Os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório”. (AMOSSY, 2005, p. 10) Essa autora lembra ainda que Roland Barthes define o *ethos* como os traços do caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu *jeito* [...].

A respeito disso, a eficácia do *ethos* reside no fato de ele intervir em qualquer enunciação sem ser explicitamente enunciado. “Para dar essa imagem positiva de si mesmo, o orador pode lançar mão de três qualidades fundamentais: a *phonesis*, ou prudência, a *aretè*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 13)

Na Retórica, o *ethos* faz parte, assim como o “*logos*” e o “*phatos*”, da triologia aristotélica dos meios de prova e, em Aristóteles, adquire um duplo sentido: por um lado, designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, como a virtude, a prudência e a benevolência; por outro, comporta-se como dimensão social à medida que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social. Nesses dois casos, tem-se a imagem de si que o orador produz em seu discurso, mas que não é a imagem de uma pessoa real.

A noção de *ethos* é retomada também nos manuais da Idade Clássica sob a denominação de “caracteres oratórios”, como se pode observar em Amossy (2005, p.

18): “A questão da autoridade moral ligada à pessoa do orador se recoloca: em um primeiro sentido, trata-se realmente dos seus caracteres reais.”

Entretanto, a noção de *ethos* surge das reformulações, dos debates e do modo de como a linguagem resgata a retórica. É relevante destacar que há distinção da noção de *ethos* entre os estudiosos, conforme se pode evidenciar em um dos trabalhos de Fiorin: *O ethos do enunciador* (2004a, p. 69) em que esse autor alude que a construção de uma imagem de si no discurso, ou seja, a construção do *ethos* está fortemente ligada à enunciação, por meio dos trabalhos de Émile Benveniste.

Segundo Fiorin (2004a, p. 69), Benveniste mostra que a enunciação, colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização, é a instância do “*ego, hic et nunc*”. O “eu” é instaurado no ato de dizer: “eu” é quem diz “eu”. A pessoa a quem o “eu” se dirige é estabelecida como “tu”. O “eu” e o “tu” são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa.

Esse autor esclarece que tanto o “eu” quanto o “tu” constituem o sujeito da enunciação, já que o primeiro produz o enunciado e o segundo, funcionando como uma espécie de filtro, é levado em consideração pelo “eu” na construção do enunciado. É relevante mencionar que o “eu” realiza o ato de dizer num determinado tempo e num dado espaço. Nesse caso, o “aqui” é o espaço do “eu”, “agora” é o momento em que o “eu” toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística é organizada. Portanto, a instância que povoa o enunciado das pessoas, de espaços e de tempos é a enunciação.

Nela, a análise do *ethos* do enunciador é a análise do ator da enunciação. Contudo, de acordo com Fiorin (2004b, p. 20), no texto intitulado *Semiótica e Comunicação*, é verificado que há diferentes níveis enunciativos num texto: enunciador, narrador e interlocutor. Para esse teórico, não há nenhuma dificuldade para determinar o que se chamaria de *ethos* do interlocutor. No entanto, a dificuldade está em distinguir o caráter do enunciador e do narrador, pois o enunciador, tomando-se como ator da enunciação, é definido pela totalidade de sua obra. “Quando analisamos uma obra singular, podemos definir os traços do narrador, quando estudamos a obra inteira de um autor é que podemos apreender o *ethos* do enunciador.” (FIORIN, 2004b, p. 20)



Para elucidar de que forma isso ocorre, Fiorin expõe o caso de um jornal. No momento em que se analisa um texto de um articulista, como, por exemplo, o de José Simão, definem-se os traços do narrador; apenas quando se investiga o jornal como uma totalidade de sentido, encontra-se um enunciador, que é denominado como o “Estadão”, a “Folha”, o “JB”. Nesse sentido, é a percepção que se intui desse enunciador único que se leva a afirmações como “O Estadão” tem uma linha mais definida do que a “Folha”, uma vez que esse último acolhe uma pluralidade de opiniões.

Essa posição de Fiorin não é a mesma defendida por Dominique Maingueneau que, em seu texto *A propósito do ethos* (2008, p. 12), esclarece que um dos maiores obstáculos com o qual o indivíduo se depara no momento em que ele quer trabalhar com o conceito de *ethos* é o fato desse conceito ser bastante intuitivo. A ideia de que, ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples. “Portanto, com frequência somos tentados a recorrer a essa noção de *ethos*, dado que ela constitui uma dimensão de todo ato de enunciação.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 12)

Esse autor, diferente da exposição de Fiorin, defende o posicionamento de que o *ethos* é construído no ato da enunciação, ou seja, no discurso que o indivíduo produz. “O *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 15) Esse posicionamento é muito diferente do elucidado por Fiorin em que fica evidente que essa construção somente é possível ao se analisar toda uma “obra” para se constatar esse *ethos* do enunciador.

A noção de *ethos*, que será empregada neste trabalho, está em consonância com a da Análise do Discurso, especificamente com as pesquisas de Dominique Maingueneau, que vai mais além dos estudos elaborados pela retórica, já que a escolha é a de analisar o estilo como posição enunciativa, como a imagem de si que o candidato projeta em seu texto, bem como a relação disso com a escolha de determinados itens lexicais na elaboração da produção textual solicitada na prova de vestibular da UFPR.

De acordo com Amossy (2005, p. 16), Maingueneau tenta colocar em um modelo integrativo as várias dimensões do discurso e reservar entre elas um lugar

determinante para a enunciação e a para o enunciador. “Na verdade, o enunciador deve conferir, e conferir a seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber.” (AMOSSY, 2005, p. 16)

Essa imagem de si é um fenômeno que se constrói no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra por meio de seu discurso, chamado de instância enunciativa. Na abordagem do *ethos*, cada gênero do discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis que determinam em parte a imagem de si do locutor que pode escolher mais ou menos livremente sua cenografia ou cenário familiar, que dita sua postura.

De acordo com Amossy (*op. cit.*, p. 16), em um discurso político, por exemplo, o candidato de um partido pode falar a seus eleitores como homem do povo, como homem experiente, como tecnocrata etc. Dentro desse contexto, a noção de *ethos* adquire toda a sua importância, pois o tom do discurso substitui, com vantagens, a noção de voz, na proporção que remete tanto à fala quanto à escrita. Por ele, entende-se a voz que constitui os sujeitos e seus discursos nas diferentes situações de comunicação. O tom que um texto assume dentro de determinadas formações discursivas alude a respeito de um feixe de impressões e de emoções que motivam o leitor a se envolver com o enunciado linguístico. Logo, o tom se apóia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um caráter e de uma corporalidade.

Essa noção de *ethos* compreende não apenas a dimensão vocal, mas a um conjunto de características físicas e psíquicas ligadas pelas representações coletivas à personagem do enunciador. “Ao fiador, cuja figura o leitor deve construir a partir de diversas ordens, são atribuídos um **caráter** e uma **corporalidade**, cujo grau de precisão varia segundo os textos.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 98)

Para Maingueneau (2001), o “caráter” está relacionado a uma gama de traços psicológicos, enquanto a “corporalidade” diz respeito a uma compleição corporal, ou seja, a uma disposição física e também na maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social. Nos textos escritos não há representação direta dos aspectos físicos do orador, mas há pistas que indicam e levam o enunciatário a atribuir uma corporalidade e um caráter ao enunciador, categorias essas que interagem no campo discursivo.

Por conseguinte, “o *ethos* implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 99)

Assim, pode-se dizer que o *ethos* relaciona-se com a construção de uma corporalidade do enunciador por meio de um tom lançado por ele no âmbito discursivo.

O tom permitirá que o enunciatário construa, no texto escrito, uma representação subjetiva do corpo do enunciador, que se manifesta não fisicamente, mas construído no campo da representação subjetiva. A imagem corporal do enunciador faz emergir a figura do fiador, entendida como aquela que deriva da representação do corpo do enunciador efetivo, que é construída no campo do discurso. O fiador é a imagem construída pelo enunciatário com base em indícios textuais de diversas ordens, ou seja, é aquele que se revela no discurso e não corresponde a um enunciador efetivo.

Tanto o caráter quanto a corporalidade do fiador provêm de um conjunto de características oriundas das representações sociais que são valorizadas ou desvalorizadas sobre as quais se apóia a enunciação que pode ratificá-las ou modificá-las. De acordo com Maingueneu (2001, p. 99), o sentido que é propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* quanto pelas ideias que se transmitem. Logo, essas ideias se apresentam por intermédio de uma maneira de dizer e remetem a uma maneira de ser. Com relação à contemplação do texto, esse teórico esclarece:

O texto não se destina a ser contemplado, configurando-se como enunciação dirigida a um co-enunciador que é preciso mobilizar, fazê-lo aderir “fisicamente” a um determinado universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem que esse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por meio de seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer. (MAINGUENEAU, 2001, p. 99)

Desse modo, conforme o autor supramencionado, é por meio de seu enunciado que o enunciador deve legitimar sua maneira de dizer; logo, levando em conta essa pesquisa, é por meio do texto que o vestibulando produziu que é analisada a imagem, ou o *ethos*, que esse fiador conferiu a si por meio de seu enunciado.

Evidentemente, existem tipos de discurso ou de circunstâncias nas quais não se espera que o destinatário tenha representações prévias do *ethos* do enunciador. Isso ocorre quando se lê um texto de um autor desconhecido ou quando se abre um romance sobre o qual o leitor não tenha a mínima ideia do enredo. Entretanto, em outras circunstâncias, isso funciona de modo diferente como, por exemplo, quando na política os enunciadores são associados a um *ethos* que cada enunciação pode confirmar ou infirmar.

De acordo com Possenti (2009, p. 60), “mesmo que o destinatário não saiba nada antecipadamente sobre o *ethos* do locutor, o simples fato de um texto pertencer a um gênero de discurso ou a certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*.”

O *ethos* está relacionado ao ato da enunciação. No entanto, não se pode ignorar que o público, ou o enunciatário, constrói representações do *ethos* do enunciador mesmo antes que ele fale. Para exemplificar isso, toma-se como exemplo um dos textos que faz parte do *corpus* desta pesquisa.

No momento em que a banca corretora da proposta de redação da UFPR se reuniu para discutir o que seria avaliado nos textos dos candidatos, pode-se inferir que alguns elementos deveriam aparecer nos textos dos vestibulandos como: a discussão do paradoxo apresentado no texto-base de Cintra, a opinião desse vestibulando, a referência aos dados apresentados por Marcos Cintra que o vestibulando considerasse pertinente para a argumentação e ainda a extensão do texto, entre 10 e 12 linhas.

Mas, além disso, pode-se também pensar que, nessa avaliação, elementos que devem ser levados em conta para avaliar uma produção escrita, segundo Antunes (2006, p. 171), são considerados válidos para a avaliação desse texto, como os linguísticos, que estão atrelados ao conjunto de normas que regulam a combinação de palavras e segmentos maiores de enunciados; os elementos de textualização, que abrangem as propriedades do texto (coesão, coerência, informalidade, intertextualidade) e todos os procedimentos e estratégias de construção da sequência do texto; além dos elementos do estatuto pragmático do texto, ou os elementos da situação em que o texto ocorre que, de acordo com Antunes (*op. cit.*, 2006, p. 174 e 175), abrangem as intenções pretendidas, o gênero textual, o domínio discursivo, o

conhecimento prévio de outras situações análogas e de outros discursos relacionados ao assunto proposto, o interlocutor previsto, as condições materiais de apresentação do texto e, enfim, a ancoragem do texto em um contexto particular de enunciação, conforme se pode evidenciar na produção que segue:

***Em meio a recente crise financeira global, cujo início foi na maior potência econômica mundial, os Estados Unidos, principalmente afetando o mercado imobiliário, observou-se que a indústria automobilística continuou em crescimento. Marcos Sintra publicou em 2008 na Folha de São Paulo um artigo intitulado “À beira de um colapso”, no qual ele evidencia que o saldo de recursos destinados ao financiamento de veículos transitou de R\$ 42, 4 bilhões (2004) a R\$ 120 bilhões (1º trimestre de 2008), e que comparado a países como Estados Unidos, Coréia e México o Brasil apresenta maior relação habitante/automóvel. Na minha opinião, isso significa que os países mais desenvolvidos montaram uma estratégia para contornar a crise a partir do mercado automobilístico, cujo foco são países em desenvolvimento, dessa forma nações como o Brasil tendem a cada vez mais investir em automóveis através dos financiamentos, talvez por uma questão de inclusão social ou de realização de poder comprar algo, sem perder as consequências que a super lotação de veículos traz como poluição e congestionamento, e ao mesmo tempo cegamente solucionar uma crise que não lhe foi iniciada.***

Os elementos textuais que se esperam encontrar nos textos, de acordo com as indicações da prova discursiva, podem ser confirmados nessa produção apresentada, como a discussão do paradoxo da crise evidenciada logo no primeiro período: “*Em meio a recente crise financeira global, cujo início foi na maior potência econômica mundial, os Estados Unidos, principalmente afetando o mercado imobiliário, observou-se que a indústria automobilística continuou em crescimento.*”

A referência aos dados de Cintra, que o vestibulando julgou pertinente para construir a sua argumentação, pode ser observada neste fragmento: *“Marcos Sintra publicou em 2008 na Folha de São Paulo um artigo intitulado À beira de um colapso, no qual ele evidencia que o saldo de recursos destinados ao financiamento de veículos transitou de R\$ 42, 4 bilhões (2004) a R\$ 120 bilhões (1º trimestre de 2008), e que comparado a países como Estados Unidos, Coréia e México o Brasil apresenta maior relação habitante/automóvel.”* E ainda a opinião desse vestibulando pode ser visualizada nessa passagem: *“Na minha opinião, isso significa que os países mais desenvolvidos montaram uma estratégia para contornar a crise a partir do mercado automobilístico, cujo foco são países em desenvolvimento, dessa forma nações como o Brasil tendem a cada vez mais investir em automóveis através dos financiamentos, talvez por uma questão de inclusão social ou de realização de poder comprar algo, sem perder as consequências que a super lotação de veículos traz como poluição e congestionamento, e ao mesmo tempo cegamente solucionar uma crise que não lhe foi iniciada.”*

Certamente, por meio desses elementos apresentados, pode-se afirmar que essas eram as representações prévias do *ethos* do enunciador que o enunciatório esperava encontrar no texto do vestibulando, já que a proposta da prova direcionava para a construção do texto nesses moldes.

Existem algumas dificuldades ligadas à noção de *ethos*, de acordo com Maingueneau (2008, p. 16), que advêm do fato que, na elaboração do *ethos*, fenômenos de ordem distintas se imbricam como, por exemplo, os índices sobre os quais se apóia o intérprete que vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e pela modulação. Logo, “o *ethos* se elabora, assim, por meio de uma construção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente.” (OP. CIT., 2008, p. 16)

Nessa mesma abordagem sobre algumas dificuldades ligadas à noção de *ethos*, esse mesmo autor ainda elucida que há algo mais grave com relação a isso: se se diz que o *ethos* é um efeito de discurso, supõe-se que se pode delimitar o que decorre do discurso. Entretanto, isso é muito mais evidenciado num texto escrito do que

numa situação de interação social. Dessa forma, “a própria noção de *ethos* está suscetível a amplas zonas de variação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 16) Contudo, esse teórico propõe um acordo com alguns princípios mínimos, sem prejudicar o modo como esses podem eventualmente ser explorados nas diversas problemáticas de *ethos*:

- o *ethos* é uma noção *discursiva*, ela se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendida fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2008, p. 17)

É por meio dessa concepção de *ethos* que Maingueneau se inscreve num quadro da análise do discurso, mesmo que esse quadro ainda seja bem diferente do da retórica antiga, não é fundamentalmente infiel às linhas de força da concepção aristotélica do *ethos*. Esse autor busca a noção de *ethos* da retórica antiga, mas não o compreende como sendo característica apenas do oral do discurso; “o texto escrito também possui *ethos*, ou tom, que nos permite remetê-lo a uma fonte enunciativa que dá autoridade ao que é dito, isto é, a uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito”. (MUSSALIM, 2008, p. 71)

Maingueneau (2008, p. 17) argumenta que foi levado a trabalhar com essa noção de *ethos* na Análise do Discurso sobre *copora* de gêneros “instituídos” a qual se opõe aos gêneros “conversacionais”. Nessa perspectiva, a noção de *ethos* permite refletir sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a um certo discurso. Esse fenômeno é particularmente evidente quando se trata de discursos como a publicidade, a filosofia, a política etc., os quais precisam ganhar o público que está no direito de ignorá-los ou recusá-los.

Ao explicar sua concepção acerca do *ethos*, Maingueneau (*op. cit.*, p. 17) sinaliza que essa noção, que mantém um laço crucial com a reflexividade enunciativa, possibilita articular corpo e discurso para além de uma oposição empírica entre o escrito e o oral.

“A instância subjetiva que se manifesta no discurso não se deixa conceber apenas como um estatuto (professor, profeta, amigo...) associado a uma cena genérica ou a uma cenografia, mas como uma ‘voz’ indissociável de um corpo enunciante historicamente especificado.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 17)

Mesmo que a retórica tradicional tenha ligado o *ethos* à eloquência, à oralidade em situações de fala pública, deve-se acreditar, na perspectiva de Maingueneau, que o *ethos* deve ser alargado a todo texto, tanto os orais quanto os escritos:

Todo texto escrito, mesmo que o negue, tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons” que, por sua vez, estão associados a uma caracterização do corpo do enunciador (e bem entendido, não do corpo do locutor extradiscursivo), a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação. (MAINGUENEAU, 2008, p. 18)

Logo, o fiador se refere ao conjunto de representações coletivas, estereotipadas ou não, que existem em uma determinada sociedade. “Essa instância subjetiva que atesta o que é dito não está relacionada a um autor efetivo; trata-se de uma representação que o leitor faz do enunciador a partir de índices textuais de diversas ordens – léxico, estruturas sintáticas” (MUSSALIM, 2008, p. 71)

Mussalim (*op. cit.*, p. 72) toma os índices textuais, dos quais Maingueneau trata, como marcadores de modos de enunciação como lugares privilegiados de manifestação do estilo dos textos. Essa perspectiva resulta na hipótese de que a constituição do *ethos* discursivo decorre do estilo, pelo menos em parte. Essa mesma perspectiva defendida por Mussalim será tomada como base para a análise do *corpus* deste trabalho: de que a noção de *ethos* está, em grande parte, relacionada ao estilo dos textos, tomando o estilo como uma das instâncias da prática discursiva.

Esse *ethos* abarca não somente a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao fiador, por meio das representações coletivas estereotípicas. Então, atribui-se ao *ethos* um caráter e uma corporalidade, cujos graus de precisão variam de acordo com os textos.

Incorporação é o termo, empregado por Maingueneau, para designar a maneira pela qual o leitor, destinatário ou ouvinte se apropria desse *ethos*, que pode operar sob três registros indissociáveis:



- a enunciação leva o co-enunciador a conferir um *ethos* ao fiador, ela lhe *dá corpo*;
- o co-enunciador *incorpora*, assimila, desse modo, um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito, pela maneira de controlar o corpo, de habitá-lo, uma forma específica de se inscrever no mundo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso. (MAINGUENEAU, 2001, p. 100)

De acordo com Maingueneau (*apud* Possenti, 2009, p. 66), não se pode considerar o *ethos* da mesma forma em qualquer texto. A “incorporação” não é o processo uniforme, uma vez que ela se modula em função dos gêneros e dos tipos de discurso. Por isso, o primeiro capítulo deste trabalho discorre sobre os gêneros textuais, bem como classifica as produções textuais analisadas em um determinado gênero, visto que essa incorporação varia de gênero para gênero.

Por meio do *ethos*, o enunciatário ou o destinatário está convocado a um lugar inscrito na cena da enunciação que o texto implica. De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 95), a noção de cena de enunciação, em Análise do Discurso, é frequentemente empregada em concorrência com a situação de comunicação e essa enunciação acontece num espaço instituído. Assim, quando se menciona o termo cena de enunciação, é relevante ressaltar que a enunciação não acontece somente em um espaço instituído, definido pelo gênero de discurso, mas também sobre a dimensão construtiva do discurso que se coloca em cena e instaura seu próprio espaço de enunciação. Essa “cena de enunciação” compõe-se de três cenas, que Maingueneau (2005, p. 75) se propôs a chamar de “cena englobante”, “cena genérica” e “cenografia”:

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma “instituição discursiva”: o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc. Há gêneros do discurso cujas cenas de enunciação se reduzem à cena englobante e à cena genérica: o despacho administrativo ou os relatórios do especialista, por exemplo, se conformam às rotinas de uma cena genérica fixa. Outros gêneros do discurso têm maior possibilidade de suscitar cenografias que se afastam de um modelo preestabelecido. (MAINGUENEAU, 2008, p. 75)

Conforme Maingueneau (2001, p. 86), a cena “englobante” é aquela que atribui um estatuto pragmático ao tipo de discurso a que pertence um texto, por exemplo, quando se recebe um panfleto, o leitor deve ser capaz de identificar a que tipo de discurso esse panfleto pertence: religioso, político, publicitário etc., e se colocar para interpretá-lo seja como consumidor, como sujeito de direito etc. A cena “englobante” corresponde ao tipo de discurso. Logo, a proposta de texto solicitada ao vestibulando apresenta como cena “englobante” o discurso pedagógico, já que essa proposta de vestibular circula na esfera escolar e serve de modelo para os candidatos que desejam ingressar no ensino superior.

A “cena genérica” é definida pelo contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso, como, por exemplo, o editorial, o sermão, o guia turística etc. Cada um desses gêneros do discurso implica uma cena específica como, por exemplo, papéis para seus parceiros, um suporte material, uma finalidade, um modo de circulação e, além disso, uma circunstância, seja no espaço seja no tempo.

Pode-se inferir que a prova de produção de texto do vestibular da UFPR corresponde a uma “cena genérica”, uma vez que nessa produção há papéis: enunciador e enunciatário, além de uma finalidade da produção textual que é marcada por um tempo e por um espaço.

Já a cenografia não é imposta pelo tipo de discurso e tampouco pelos gêneros do discurso, mas instituída pelo próprio discurso. Assim, a cenografia está atrelada a cada enunciação específica de um momento específico.

De acordo com Maingueneau (*apud* Possenti, 2009, p. 70), “A cenografia é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente.” Logo, é possível dividir os gêneros de discurso em uma linha contínua que teria dois pólos extremos:

- De um lado, os gêneros que se atêm a sua cena genérica, que não admitem cenografias variadas (a lista telefônica, as receitas médicas etc).
- De outro, os gêneros que, por sua natureza, exigem a escolha de uma cenografia: é o caso dos gêneros publicitários, literários, filosóficos... Há publicidades que apresentam cenografias de conversação, outras, de discurso científico etc. Assim, há grande diversidade de cenografias narrativas em um

romance. O discurso político é igualmente propício à diversidade das cenografias: um candidato poderá falar a seus eleitores como jovem executivo, como tecnocrata, como operário, como homem experiente etc., e conferir os “lugares” correspondentes a seu público. (POSSENTI, 2009, p. 70)

Entre esse dois extremos, situam-se, segundo Maingueneau (*apud* Possenti, 2009, p. 70), os gêneros suscetíveis de cenografias variadas, mas que frequentemente mantêm sua cena genérica rotineira. Para exemplificar isso, o autor menciona uma cena genérica rotineira dos manuais universitários, “mas o autor de um manual sempre tem a possibilidade de enunciar por meio de uma cenografia que se afasta dessa rotina; por exemplo, formulando seu ensinamento por meio da cenografia de um romance de aventura.” (POSSENTI, 2009, p. 70)

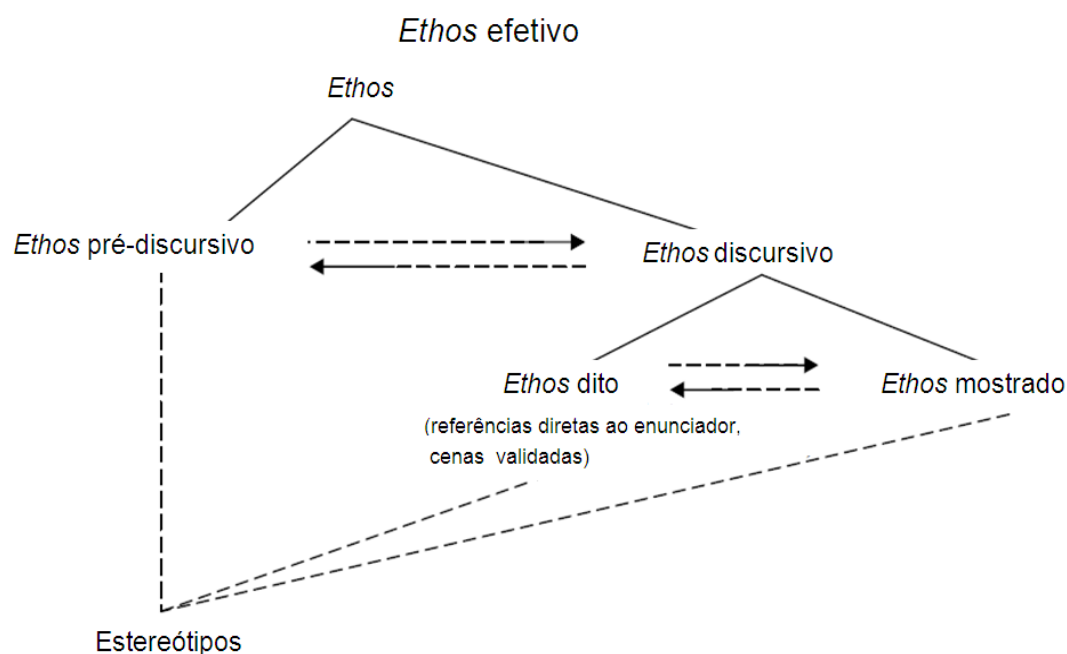
A cenografia, como o *ethos* da qual ele participa, implica um processo de enlaçamento paradoxal: desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação, ou seja, ela é carregada de certo *ethos*, que se valida progressivamente por meio da própria enunciação. Ela é, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso emerge e aquela que engendra, ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala surge é precisamente “a cena necessária e requerida para enunciar, como convém, a política, a filosofia, a ciência... São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar a própria cena e o próprio *ethos*, pelos quais esses conteúdos surgem.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 77)

É por meio dessa validação que a nota atribuída ao candidato, produtor do texto, é boa ou ruim, e, para a avaliação do texto do vestibulando, são levados em conta não somente o conteúdo, mas também as escolhas lexicais e a resposta dada à proposta da prova discursiva. Por isso, a cenografia apresentada pelo enunciador é incisiva e determinante.

Essa variação de cenografia está fortemente ligada à finalidade dos gêneros do discurso. Alguns necessitam de uma cenografia com intuito de persuadir seu co-enunciador ou enunciatário, já outros gêneros não mobilizam cenografias variadas porque são gêneros puramente utilitários. Os gêneros de discurso que mais recorrem a cenografias são aqueles que visam a agir sobre o destinatário. Dessa forma, mesmo que haja um modelo já instituído a seguir para a construção do texto no vestibular 2008

da UFPR, é possível pensar que o candidato recorre a uma cenografia para persuadir o examinador do texto dele, uma vez que é possível identificar alguns recursos<sup>10</sup> recorrentes na argumentação dos vestibulandos, como, por exemplo, o uso de figuras de linguagem, o emprego de expressões nominais para a retomada dos objetos de discurso, os elementos linguísticos e de textualização, além dos relacionados ao estatuto pragmático do texto.

O *ethos* do discurso decorre da interação de diversos fatores, entre os quais: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), e dos fragmentos de texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação diretamente (*ethos* dito) – ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas da fala. A distinção entre *ethos* dito e *mostrado* se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado” pela enunciação. “O *ethos* efetivo, o que tal ou qual destinatário constrói, resulta da interação dessas diversas instâncias, cujo peso respectivo varia segundo os gêneros de discurso.” (POSSENTI, 2009, p. 71)



<sup>10</sup> Esses recursos são explicitados, no último capítulo deste trabalho, na análise das produções textuais.

De acordo com Maingueneau (2008, p. 18 e 19), “o *ethos* de um discurso resulta da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos* dito) – diretamente.” O dito é aquele concebido por meio das referências diretas ao enunciador em que ele mostra diretamente suas características, dizendo que é essa ou aquela pessoa, enquanto que o mostrado, de forma indireta, estaria no domínio daquilo que não é explicitado, da imagem que não está diretamente incluída no texto e que não é dito diretamente pelo enunciador, mas reconstituído e inferido pelas pistas fornecidas por ele no discurso e seguidas pelo co-enunciador, ou seja, pelo destinatário ou enunciatário.

Na base do esquema, estão os estereótipos, por meio dos quais o co-enunciador lança mão para representações culturais fixas, de modelos pré-construídos para atribuir algumas características e não outras ao enunciador. De acordo com Maingueneau, cada conjuntura histórica se caracteriza por um regime específico de *ethe*, plural de *ethos*. A leitura de muitos dos textos que não pertencem ao ambiente cultural (no tempo e no espaço) de uma pessoa é frequentemente dificultada não pelas lacunas graves do saber enciclopédico dela, mas porque se perdem os *ethe* que sustentavam tacitamente sua enunciação.

De acordo com Maingueneau (2005, p. 74), uma das principais dificuldades que a concepção de *ethos* traz é que supõe um *ethos* que poderia ser chamado de escritural em oposição ao tradicional *ethos* oral. Para esse pesquisador, trata-se de fato de dois regimes muito diferentes, já que o segundo impõe a fala imediata de um locutor encarnado enquanto o primeiro necessita que o leitor faça um trabalho de elaboração imaginária a partir dos indícios textuais diversificados. Diante disso, esse autor acha conveniente distinguir:

Um postulado segundo o qual qualquer discurso, seja qual for seu modo de inscrição material, implica uma “vocalidade” e uma relação com um fiador associado a uma corporalidade e a um caráter, mesmo que sejam fantasmáticos; postulado válido mesmo para os discursos que pretendem eliminar qualquer traço de tal fiador.

Uma diversificação do *ethos* em razão das especificidades dos tipos de gêneros de discursos; é claro que o discurso filosófico atribui *a priori* um papel menor ao *ethos* do que o discurso literário, político ou publicitário. É por isso, por exemplo, que, ao evidenciar um *ethos* profético, um autor como Nietzsche

estabelece uma distância em relação às formas de enunciação usuais em filosofia. (MAINGUENEAU, 2005, p. 74)

O enunciador, de acordo com Maingueneau (*op. cit.*, p. 75), não é um ponto de origem estável que se expressaria dessa ou daquela maneira, mas é condicionado a um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva que exige uma certa configuração cultural e conseqüentemente exige papéis, momentos legítimos de enunciação, lugares e, além disso, um modo de circulação para o enunciado.

Levando em conta esses preceitos, na perspectiva da Análise do Discurso, Maingueneau (2005, p. 75) elucida que não se pode contentar-se, como na retórica, em fazer do *ethos* um meio de persuasão, pois ele é parte constitutiva da cena enunciativa, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência. O discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado, e, “por seu turno, ele deve validá-la por sua própria enunciação; qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 75)

Diante de tudo isso, pode-se depreender que a concepção de *ethos*, na perspectiva da Análise do Discurso, está relacionada a diversos elementos discursivos: tom, caráter e corporalidade, elementos constituintes da cenografia do discurso e, além disso, aos estereótipos que influenciam na formação da imagem que o enunciador deseja passar ao seu co-enunciador, ou enunciatário.

Por isso, não se deve ligar essa noção de *ethos* somente ao enunciador, porque ele também se apresenta como uma categoria interativa, assim como as categorias e os objetos do discurso, que são marcados por instabilidades constitutivas por meio das operações cognitivas nas práticas sociais e nas negociações dentro das interações, já que a imagem do enunciador está atrelada às expectativas de um auditório particular que direciona tanto o discurso como as escolhas lexicais do enunciador.

Assim, desde que haja enunciação, alguma coisa da ordem do *ethos* se encontra liberada, já que é por meio de sua fala que um locutor ativa no intérprete a construção de determinada representação de si mesmo, “pondo em risco o domínio sobre sua própria fala; é-lhe necessário, então, tentar controlar, mais ou menos

confusamente, o tratamento interpretativo dos signos que ele produz.” (POSSENTI, 2009, p. 73)

No caso desta pesquisa, o que se pretende mostrar é de que forma esse *ethos* é construído no momento em que o candidato elabora o seu texto argumentativo no vestibular, ou seja, quais os recursos e os elementos linguísticos de que esse vestibulando lança mão para passar a imagem de si, uma vez que sabe que o texto produzido por ele é avaliado e sua imagem projetada é relevante tanto para o julgamento de seu texto quanto para a adesão de seu enunciatário.

## CAPÍTULO 4

### METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

#### 4.1 METODOLOGIA

Os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa foram escritos por candidatos que prestaram o vestibular da UFPR no ano de 2008. Eram sete propostas de produção de diferentes gêneros que faziam parte da prova discursiva, e as produções coletadas para esse trabalho são exemplos da proposta de número três (*vide* anexo), já explicitada anteriormente.

Como o objetivo deste estudo é mostrar qual a imagem de si que o vestibulando quer passar ao seu enunciatório, bem como averiguar quais são os elementos linguísticos dos quais esse candidato lançou mão para a construção de sua produção escrita, somente textos bem avaliados pela banca corretora foram selecionados para a análise que se propõe. É evidente que os textos que não foram bem avaliados, os que receberam notas inferiores a 3 (três), o que equivale a 50% do valor da questão, também passam uma imagem do candidato. No entanto, como o objetivo do pesquisador era o de averiguar somente os textos bem escritos, com notas superiores a 80%, apenas esses foram escolhidos para esta pesquisa. O critério para a definição de texto bem avaliado se calcou na nota obtida pelo vestibulando, ou seja, texto que tinha nota entre 5 (cinco) e 6 (seis), numa escala de 0 (zero) a 6 (seis), foi selecionado para fazer parte do *corpus*.

Antes de elucidar a metodologia empregada para a elaboração deste trabalho, é necessário clarificar o critério de correção das produções textuais da UFPR que consta em um artigo intitulado *O que está por trás da avaliação das redações do vestibular?* Nesse texto, de acordo com Wachowicz *et. al.* (2003, p. 358), pelo fato de envolver um grande número de textos e de corretores, além de se tratar de um exame classificatório de grandes consequências para os candidatos, todos os cuidados são tomados com o propósito de minimizar a variabilidade própria de testes desta natureza. Para evitar injustiças, uma situação como essa – a de corrigir textos com intuito de



classificá-los – requer uma adoção de procedimentos com objetivo de deixar de fora do sistema qualquer fonte de variabilidade, como, por exemplo, a ausência de critérios, a diferença de rigor na aplicação deles e as inconsistências individuais originárias de fatores como cansaço, desatenção, preconceito etc.

Assim, acredita-se que o primeiro passo a ser tomado é definir quais serão os critérios e a calibragem das notas. Certamente isso ocorre num processo anterior ao início da correção. Segundo Wachowicz *et. al.* (*op. cit.*, p. 358), o simples fato de haver uma discussão coletiva dos critérios não assegura que os corretores se aterão a eles de maneira uniforme. “É necessário que haja uma ou mais ‘rodadas’ de correção para ver, na prática, se os critérios estão funcionando adequadamente e se todos os corretores estão se comportando de forma consistente.” (WACHOWICZ *et. al.*, 2003, p. 358)

Dessa forma, nessa etapa, as notas de todos os examinadores devem ser constantemente monitoradas e comparadas. Os corretores são divididos em equipes, cada uma com aproximadamente 10 corretores responsáveis por uma única questão. Assim, cada equipe promove uma ampla discussão para a definição de critérios que nortearão a avaliação de sua questão. As notas atribuídas ao texto são baseadas numa escala de números inteiros de 0 (zero), que equivale a um texto o qual não atende minimamente à proposta apresentada no enunciado da questão e o 6 (seis), que equivale ao texto excelente, com um tratamento do tema e um domínio de escrita bem superiores ao conjunto dos candidatos. Cada texto é lido por dois corretores da mesma equipe. No entanto, o segundo corretor não sabe qual foi a nota atribuída pelo primeiro. Se houver diferença superior a dois pontos entre as notas dos dois corretores, ainda há um terceiro corretor que faz a leitura para resolver as discrepâncias durante a correção.

De acordo com a banca corretora do vestibular da UFPR<sup>11</sup> no ano de 2008, a atribuição de nota para essa questão 03, pautou-se na combinação dos seguintes critérios: direcionamento da discussão para o recorte proposto no enunciado (crise econômica/investimentos no mercado automobilístico); correta citação de dados apresentados por Marcos Cintra, com indicação da fonte; identificação do paradoxo,

---

<sup>11</sup>Disponível em [http://www.nc.ufpr.br/concursos\\_institucionais/ufpr/ps2009/provas\\_2fase](http://www.nc.ufpr.br/concursos_institucionais/ufpr/ps2009/provas_2fase).

emitindo uma opinião sobre ele; percepção do lapso de tempo entre o texto de Marcos Cintra e a instalação da crise econômica, relativizando as projeções que ele apresenta; interpretação correta da proporção “automóvel por habitante” e o respeito aos critérios de composição textual e às normas gramaticais.

Os textos que fazem parte desta pesquisa foram escritos por candidatos distintos que prestaram vestibular para diferentes cursos. A escolha dos cursos teve como critério a relação candidato/vaga. O pesquisador selecionou textos de três cursos que teve baixa concorrência, como o curso de Pedagogia que teve 03,31 candidatos por vaga, o de Ciências Econômicas que apresentava 04,90 e o de Gestão da Informação, com 04,84 candidatos por vaga. Houve também a seleção de textos de dois cursos de média concorrência, como o curso de Ciências Biológicas, com 08,85 e o de Letras, com 09,85 candidatos por vaga. Além disso, foram selecionados textos de três cursos com alta concorrência: o de Direito, com 17,42, o de Comunicação Social, com 21,17 e, por fim, o de Medicina com 30,32 candidatos por vaga, o mais concorrido do vestibular da Universidade Federal no ano de 2008.

O quadro que segue apresenta a quantidade de textos que foram analisados, bem como o número de texto que tiveram nota superior a cinco e serviram de base para a análise da pesquisa. Além disso, nesse mesmo quadro, consta a relação dos cursos para os quais os candidatos concorreram à vaga. No total, foram analisados 1526 textos e somente 76 atenderam ao critério estabelecido para esta pesquisa: o texto deveria ter nota entre 5 (cinco) e 6 (seis), numa escala de 0 (zero) a 6 (seis).

<b>CURSOS</b>	<b>TOTAL DE TEXTOS ANALISADOS</b>	<b>TOTAL DE TEXTOS COLETADOS</b>
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	197	15
CIÊNCIAS ECONOMICAS	201	12
COMUNICAÇÃO SOCIAL	175	10
DIREITO	200	21
GESTÃO DA INFORMAÇÃO	173	02
LETRAS	225	06
MEDICINA	178	09
PEDAGOGIA	177	01
<b>TOTAL</b>	<b>1526</b>	<b>76</b>

Do total dos textos que atenderam aos critérios da pesquisa e que formam o *corpus* deste trabalho, optou-se por apresentar somente dez deles, visto que esse número é capaz de retratar satisfatoriamente os dados que o pesquisador pretende mostrar e que se ratificam nas demais produções textuais analisadas.

## 4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Com relação à análise dos dados, o primeiro critério se pauta ao tratamento dos textos enquanto caracterizados como gênero textual, bem como a presença ou não de elementos que constituem mecanismos de textualização, ou seja, das sequências argumentativas, que são um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizam como recurso composicional. Ainda, levando em conta esse primeiro critério, será verificado se o candidato atendeu à proposta que lhe foi solicitada: escrever um texto de opinião, discutindo o paradoxo descrito na matéria de Marcos Cintra, publicada na Folha de São Paulo no dia 26 de maio de 2008, deixar clara sua posição com relação ao assunto tratado nesse texto-base, reportar-se aos dados de Cintra, considerados pertinentes pelo vestibulando, e ter entre 10 a 12 linhas.

Num segundo momento, a análise está calcada no emprego da retomada dos referentes, principalmente na referenciação por formas nominais e na relação desses elementos com o gênero textual e com o estilo. Por último, será observado o tom do texto e sua relação com as escolhas lexicais que constituem o estilo, analisado na posição enunciativa do enunciador, especialmente com o *ethos* discursivo. Ou seja, a imagem de si que o candidato projeta e que o leva a fazer determinadas escolhas com intuito de conquistar a adesão de seu enunciatário.

Nessa análise, serão verificados os elementos comuns que aparecem nos textos coletados, bem como a imbricação dos principais conceitos teóricos aludidos neste trabalho e sua aplicação na análise das produções textuais. Assim, será possível, pelo modo como o vestibulando articula as coerções do gênero textual, descrever o estilo, concebido, neste trabalho, como *ethos*.

As produções textuais analisadas, neste trabalho, encontram-se na seção “anexos” desta pesquisa. Os textos foram digitados neste capítulo com intuito de viabilizar a leitura, visto que, em alguns casos, a cópia xerográfica dificultaria a legibilidade e, em outros, possivelmente a letra de alguns vestibulandos poderia causar dificuldades para a compreensão do enunciado. No entanto, todos os textos foram transcritos da forma como os vestibulandos os redigiram e a textualização original se

manteve fiel quanto à paragrafação, à ortografia e aos elementos linguísticos empregados para a coesão do texto.

### Texto 1

***Sem dúvida, o mercado automobilístico está em franca expansão no Brasil. Para exemplificar, basta considerar-se os dados apresentados por Marcos Cintra (em artigo publicado na Folha de São Paulo em 26 de maio de 2008): o saldo de recursos para financiamento de veículos quase triplicou no período de 2004 à 2008 (de acordo com a ANER – Associação das Empresas Financeiras das Montadoras). Levando em conta os diversos números estimulantes que pipocam na mídia, as montadoras de veículos – segundo Marcos Cintra – decidiram investir 130% a mais no mercado brasileiro em comparação ao ano passado. Mas em meio à tamanha euforia, é preciso lembrar que montadoras americanas estão travando ferrenha luta no Congresso americano para a obtenção de verbas destinadas a impedir falência. E isso somente vários meses após os Estados Unidos entrarem em recessão. Portanto, apesar da aparente saúde do mercado de automóveis no Brasil, é preciso proceder, antes de tudo, com cautela.***

Nesse texto, observa-se que o candidato atendeu ao chamado da questão discursiva do vestibular da UFPR, uma vez que ele discute o paradoxo da franca expansão do mercado automobilístico brasileiro em oposição ao mercado dos Estados Unidos, conforme se pode evidenciar na seguinte passagem: “Levando em conta os diversos números estimulantes que pipocam na mídia, as montadoras de veículos – segundo Marcos Cintra – decidiram investir 130% a mais no mercado brasileiro em comparação ao ano passado. Mas em meio à tamanha euforia, é preciso lembrar que montadoras americanas estão travando ferrenha luta no Congresso americano para a obtenção de verbas destinadas a impedir falência.”

Nesse fragmento, além de se identificar o paradoxo discutido pelo candidato, pode-se também afirmar que essa passagem constitui a tese anterior dessa produção, ou seja, a fase da premissa ou dos dados, em que esse candidato propõe uma constatação de partida para argumentar a respeito da crise mundial. Nota-se que o candidato empregou os dados de Cintra, a partir da informação (fato), para sustentar a sua argumentação. Essa fase, de acordo com Adam (2008), é a fase de apresentação de argumentos que orientam para uma conclusão provável, conforme se pode verificar na seguinte passagem: *“basta considerar os dados apresentados por Marcos Cintra (em artigo publicado na Folha de São Paulo em 26 de maio de 2008): o saldo (...)”*.

É possível observar também que esse autor desenvolve uma segunda interferência, ou seja, ele constrói um segundo argumento que pode ser observado no período: *“Mas em meio à tamanha euforia, é preciso lembrar que montadoras americanas estão travando ferrenha luta no Congresso americano para a obtenção de verbas destinadas a impedir falência. E isso somente vários meses após os Estados Unidos entrarem em recessão.”* Por último, depreende-se a conclusão desse texto que, além de constituir a nova tese, de acordo com as macroposições da sequência argumentativa elencadas por Adam, também é a opinião do vestibulando acerca da crise, conforme se observa nesse excerto: *“Portanto, apesar da aparente saúde do mercado de automóveis no Brasil, é preciso proceder, antes de tudo, com cautela.”*

Além disso, é interessante ressaltar que houve a obediência, por parte do candidato, com relação ao limite de linhas, entre 10 e 12, exposto no chamado da prova discursiva da UFPR. Logo, por meio da organização desse texto, bem como pelos elementos que o constituem, pode-se ratificar que essa produção resulta em um gênero textual, designado, neste trabalho, como “redação de vestibular” um subtipo do gênero redação escolar.

Se os preceitos de Bronckart (2007, p. 137) forem levados em conta, de que os gêneros resultam de um conjunto de textos que apresentam propriedades comuns, seja na forma em que foram concebidos, seja no seu objetivo e no seu contexto, ou na situação de produção, certamente pode-se caracterizar essa produção, construída a partir da proposta da UFPR, em um gênero textual, visto que todas essas propriedades são corroboradas nesse texto apresentado e nos demais expostos neste capítulo.

Ainda, pode-se afirmar também que, pelos elementos constitutivos desse gênero textual, essa produção está em consonância com a representação prévia do *ethos* do enunciador, visto que o candidato atendeu a todas as indicações elencadas na proposta da prova discursiva da UFPR.

No que tange às formas de referenciação, podem-se apontar as seguintes relações anafóricas encontradas nessa produção: entre “o mercado automobilístico” e “as montadoras de veículos”; entre “Marcos Cintra” e “Marcos Cintra”; entre “o saldo de recursos para financiamentos de veículos” e “os diversos números estimulantes”; entre “as montadoras de veículos” e “montadoras americanas”; entre “no mercado brasileiro” e “do mercado de automóveis”; entre “ferrenha luta” e “isso”. Importante ressaltar que um elemento que funciona como anáfora, pode passar a ser âncora do outro elemento, como ocorre em “as montadoras de veículos”, que, no primeiro caso, é anáfora e, no segundo, é âncora da expressão “montadoras americanas”.

Dos seis elementos anafóricos encontrados nessa produção, cinco deles são formados por anáforas nominais e, dentre esses, três deles são anáforas constituídas por expressões nominais definidas, ou seja, por expressões que são constituídas por um determinante, geralmente os artigos *o (a)* e *um (uma)* e *um substantivo*, que, ao recategorizar um referente, concede-lhe uma orientação argumentativa.

As expressões nominais definidas que podem ser evidenciadas, nesse texto, são: “as montadoras de veículos”, “os diversos números estimulantes” e “do mercado de automóveis”. Esses elementos anafóricos foram reelaborados e modificados por meio de novas referenciações, já que os núdulos cognitivos sofreram alterações. A relação entre o elemento fonte e a anáfora dá-se pela introdução de um referente novo e, além disso, há uma relação de recategorização, isto é, há uma nova categoria que é construída a partir da apresentação do novo elemento.

Ao empregar essa nova categoria, o texto desse candidato evidencia indício argumentativo, uma vez que o seu ponto de vista referente às opiniões, às crenças e às atitudes é exposto, além de auxiliar na construção do sentido dessa enunciação. Essas formas de referenciação, de acordo com Koch (2005, p. 79), são as escolhas desse sujeito em função de um querer-dizer a um outro sujeito.

Essa escolha pode ser entendida, de acordo com Possenti (2002), como o trabalho de que o usuário da linguagem se utiliza para alcançar o que deseja, ou seja, o enunciador utiliza essa linguagem para obter o efeito que intenta. O estilo reside justamente nisso, na forma de como o locutor constitui seu enunciado para obter o efeito que almeja.

O uso de elementos formados por nominalização tem uma relação com a imagem que esse vestibulando quer passar ao examinador, pois essa escolha, no caso, das formas nominais empregadas para a construção do texto, evidencia o cuidado com a escolha das palavras que o candidato empregou no texto, já que em nenhum momento observa-se a repetição de palavras usadas como elementos referenciais que garantem a unidade temática do texto relacionada à crise econômica, bem como são responsáveis pelos dois grandes movimentos da construção textual: a retroação e a progressão.

O tom desse texto, feixe de impressões que motivam o leitor a se envolver no enunciado linguístico, revela-se principalmente pelas escolhas de determinadas expressões que mesclam linguagem denotativa e conotativa. A linguagem conotativa pode ser visualizada na seguinte passagem: “*os diversos números estimulantes que pipocam na mídia*”, em “*montadoras americanas estão travando ferrenha luta no Congresso americano para a obtenção de verbas (...)*”, e ainda em “*apesar da aparente saúde do mercado de automóveis no Brasil*”.

Na primeira passagem: “*os diversos números estimulantes que pipocam na mídia*”, o enunciador empregou uma metáfora que consiste em: “uma coisa com o nome de outra que com ela tenha relação de semelhança”. (REBOUL, 2004, p. 122) Ou seja, consiste em transportar para uma coisa o nome de outra, como se fosse uma espécie de comparação à qual falta a locução comparativa.

Na realidade, a metáfora vai além de mera comparação, como afirma Mattoso Câmara (*apud* Flores *et. al.*, 2009, p. 163): “é a transferência de um termo para um âmbito de significação que não é o seu”. Não há aparentemente uma relação real entre as duas palavras, isto é, não se fundamenta numa relação objetiva, mas numa relação toda subjetiva.



Para o linguista Jakobson (citado por Flores *et.al.*, 2009, p. 163), o discurso se desenvolve por meio de duas linhas de construção semântica diferentes: um tema pode levar a outro por similaridade (substituição) ou por contiguidade (combinação).

Na metáfora, o princípio da substituição se dá por meio da similaridade. É o que acontece com o emprego da metáfora nesse texto, pois o indivíduo ao se expressar, seleciona termos que se encontram no mesmo eixo paradigmático virtual (eixo das seleções), ou seja, que são similares, para então substituí-los um pelo outro a fim de constituir seu discurso. “A relação entre dois pólos que organizam a linguagem se dá de forma interdependente, e a tendência mais a um do que o outro marca o estilo pessoal de fala.” (*OP. CIT.*, 2009, p. 164)

De acordo com Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 330), atribui-se à metáfora três funções principais: uma função estética, uma função cognitiva e uma função persuasiva. Para a tradição retórica e para numerosos estudiosos do estilo, a função estética da metáfora constitui um “ornamento brilhante” do discurso. O estetismo da metáfora emana de sua saliência, de sua força imagética e de seus efeitos de concretização. A metáfora vem dar um corpo concreto a uma impressão difícil de exprimir.

Já a função cognitiva atribui à metáfora um forte rendimento heurístico, no sentido de que ela permite explicar analogicamente um domínio novo ou pouco definido por um domínio conhecido. Assim, a função persuasiva da metáfora está presente nos discursos políticos, morais, jurídicos ou midiáticos que fazem grande uso dessa figura para impor opiniões sem demonstrá-las.

A força persuasiva da metáfora se deve ao fato de fornecer uma “analogia condensada” e um “julgamento de valor concentrado”. Conforme observa Boissinot (citado por Charaudeau & Maingueneau, 2008, p. 330), quanto mais a metáfora se apóia em um acordo preliminar e mais ela parece ser óbvia, mais seus efeitos manipuladores são importantes. Logo, a manipulação desse candidato, por meio da metáfora empregada no texto, é evidente, já que essa figura de linguagem aparece de forma bastante clara, visto que ela pode ser identificada facilmente nessa produção.

Nas outras duas passagens, há o emprego da prosopopéia ou personificação, que consiste em atribuir qualidades, comportamentos, atitudes e impulsos humanos a coisas ou seres inanimados, que também pode ser evidenciada.

O emprego dessas escolhas no lugar de outras, pode indicar um determinado tom que esse candidato quer atribuir ao seu texto. Essas marcas linguísticas também demonstram a forma como o enunciador se apropria da língua ao utilizar esses recursos expressivos em seu texto que será avaliado. Uma das estratégias empregadas para conquistar a adesão do seu enunciatário destaca-se principalmente pelo emprego dessas figuras de linguagem e de outras expressões conotativas, como: “*números estimulantes*” e “*mas em meio à tamanha euforia*” que aparecem nessa produção.

Além desses recursos linguísticos, pode-se afirmar que esse vestibulando também faz o uso de atos alocutivos<sup>12</sup>, que designa a pessoa a quem esse enunciador se dirige com intuito de garantir uma proximidade com o enunciatário do texto, conforme se pode observar nessa passagem: “*Portanto, apesar da aparente saúde do mercado de automóveis no Brasil, é preciso proceder, antes de tudo, com cautela*”. Além disso, o enunciador também faz uso de conectores, como: “mas”, “portanto”, que deixa claro o caráter argumentativo desse gênero textual.

Para conferir uma maior eficácia argumentativa ao *ethos* discursivo que constrói, o enunciador faz referência a outras vozes em seu discurso, como a voz de Marcos Cintra, empregada para fundamentar um encaminhamento analítico daquilo que se quer provar por meio da opinião de um outro autor, que confere autoridade ao ponto de vista defendido no texto. Isso pode ser verificado em passagens como: “*basta considerar os dados apresentados por Marcos Cintra (...)*” e em “*as montadoras de veículos – segundo Marcos Cintra...*” Esse cruzamento de vozes no discurso, tanto a de Cintra quanto a voz do candidato, evidenciada em passagens como: “*Portanto, apesar da aparente saúde do mercado de automóveis no Brasil, é preciso proceder, antes de tudo, com cautela.*”, tem por objetivo sustentar a argumentação desse

---

<sup>12</sup> O termo locutivo, de acordo com Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 309), foi empregado por Damourette e Pichon (1950) para designar a pessoa que fala (primeira pessoa), em oposição ao **alocutivo**, que designa a pessoa a quem se dirige (segunda pessoa) e ao **delocutivo**, que designa a pessoa de quem se fala (terceira pessoa).

vestibulando que lhe confere um estatuto de verdade e de autoridade para essa produção textual.

Em relação ao caráter e à corporalidade, é possível inferir que se trata de um candidato prudente e cauteloso diante das afirmações depreendidas nesse texto, mesmo que o mercado de automóveis esteja favorável para os negócios. Sobre os componentes da cena da enunciação, identifica-se que a proposta da prova de redação tem como cena “englobante” um discurso pedagógico e a “cena genérica” pode ser inferida a partir de um gênero textual em que se identificam papéis como o do enunciador e do enunciatário, além de uma finalidade que é marcada por um tempo e por um espaço instituídos.

Sabe-se que, nessa abordagem do *ethos*, cada gênero do discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis que determinam, em parte, a imagem de si do locutor que pode escolher mais ou menos livremente sua cenografia ou o cenário familiar que dita sua postura. Mesmo que o chamado da questão da prova do vestibular de 2008 não dê muita margem a uma cenografia mais livremente, visto que o candidato tem um “modelo” a seguir, devido às indicações já definidas na prova da UFPR, é possível encontrar, nessa produção, algumas escolhas feitas pelo enunciador. Essas escolhas se referem, principalmente, às moninalizações empregadas como elementos anafóricos, às expressões conotativas, como o uso da metáfora e da personificação, além do entrelaçamento de vozes de Cintra e do próprio candidato que contribuem para legitimar o discurso dessa produção, bem como para construir o *ethos* discursivo desse candidato.

## Texto 2

***Mesmo em tempos de instabilidade as montadoras ainda apostam as suas fichas no mercado brasileiro o tendo como uma “galinha de ovos de ouro”. Marcos Cintra, em artigo da Folha de S. Paulo de 26 de maio de 2008, ressalta que apesar da frota brasileira já ser gigantesca as montadoras previam investir 5 bilhões para o aumento da produção em 2008. A pergunta que fica no ar é até quando o mercado consumidor vai suportar absorver tamanha produção? É evidente que o crédito para adquirir automóveis não é infinito, tão pouco se tornaram as taxas de juros mais atraentes depois da crise. O excesso de carros no mercado com certeza gerará instabilidade o que pode, não resta dúvidas, deixar as montadoras em maus lençóis.***

O paradoxo discutido por esse vestibulando, que também constitui a tese anterior desse texto, pode ser evidenciado logo no primeiro período em que se lê: *“Mesmo em tempos de instabilidade as montadoras ainda apostam as suas fichas no mercado brasileiro o tendo como uma ‘galinha de ovos de ouro’.”*

O fato, ou seja, a primeira interferência que se encontra nessa produção, pode ser ratificada por meio da seguinte passagem: *“Marcos Cintra, em artigo da Folha de S. Paulo de 26 de maio de 2008, ressalta que apesar da frota brasileira já ser gigantesca as montadoras previam investir 5 bilhões para o aumento da produção em 2008.”* Para isso, esse vestibulando recorreu à voz de Cintra, ao empregar os dados do texto-base em sua produção, que fundamentam um encaminhamento analítico daquilo que se quer provar, bem como confere autoridade ao ponto de vista defendido no texto.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 348), “argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos e juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese.” Ao nomear actantes, o discurso desse vestibulando adquire autoridade, credibilidade e constrói a ilusão de um saber. Assim, esse argumento de autoridade se

inscreve entre outros acordos e quanto mais relevante é a autoridade, mais indiscutível parecem suas palavras.

Um segundo argumento pode ser depreendido após a referência a Cintra. Para a sua construção, o enunciador dessa produção recorre a uma estratégia argumentativa: a pergunta retórica que ele faz ao leitor de seu texto. O autor não quer que o seu enunciatário responda a essa pergunta feita por ele, mas quer chamar a atenção para um determinado aspecto de sua argumentação, visto que a resposta é dada na sequência pelo próprio autor, conforme se pode observar em: *“A pergunta que fica no ar é até quando o mercado consumidor vai suportar absorver tamanha produção? É evidente que o crédito para adquirir automóveis não é infinito, tão pouco se tornaram as taxas de juros mais atraentes depois da crise.”*

A opinião do candidato acerca da temática aludida em seu texto pode ser identificada no último período dessa produção: *“O excesso de carros no mercado com certeza gerará instabilidade o que pode, não resta dúvidas, deixar as montadoras em maus lençóis.”* Assim, diante de todos os elementos encontrados nesse gênero textual, pode-se afirmar que essa produção contempla a representação prévia do *ethos* do enunciador.

No que tange às formas de referenciação, podem-se apontar as seguintes relações anafóricas: entre “as montadoras” e “as suas fichas”; entre “as montadoras” e “as montadoras”; entre “aumento da produção em 2008” e “tamanha produção”; entre “o mercado brasileiro” e “mercado consumidor”; entre “no mercado consumidor” e “no mercado” e entre “as montadoras” e “as montadoras” novamente.

Todos os seis elementos anafóricos encontrados nesse texto são constituídos por nominalização e, dentre esses, três deles são formados por anáforas nominais definidas: “as suas fichas”, “as montadoras” e “as montadoras”.

Já com relação ao tom desse texto, pode-se inferir que ele é construído a partir da relação que se estabelece com outros textos: com o de Marcos Cintra, visto que esse candidato se apropria dos dados para fundamentar sua argumentação acerca da

crise econômica com a fábula: “*A galinha dos ovos de ouro*”, no momento em que recorre a esse intertexto<sup>13</sup> para comparar o Brasil com a galinha de ovos de ouro.

Esse recurso é chamado de intertextualidade e “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores.” (KOCK, 2007, p. 17) Além desse diálogo com a fábula “*A galinha dos ovos de ouro*”, o enunciador também emprega figuras de linguagem em sua produção, como essas que podem ser depreendidas: “*as montadoras ainda apostam as suas fichas no mercado brasileiro*”, “*as montadoras previam investir 5 bilhões para o aumento da produção em 2008*” e “*deixar as montadoras em maus lençóis*.”

Nos dois primeiros fragmentos, pode-se identificar o emprego da prosopopeia, visto que os verbos “apostar” e “prever” denotam ações praticadas somente por seres animados, e essas ações não podem ser executadas por montadoras, conforme se pode visualizar em passagens desse texto. No último fragmento, pode-se inferir que o candidato emprega um eufemismo<sup>14</sup>, já que a expressão “*em maus lençóis*” tem por objetivo atenuar o período de muitas dificuldades pelo qual as montadoras passam.

De acordo com Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 226), o eufemismo é uma expressão ornamentada pela qual se mascaram ideias desagradáveis, tristes ou odiosas, sob nomes que não são os nomes próprios dessas ideias. Esses nomes lhes servem como véu e as tornam, em aparência, mais agradáveis, menos chocantes, mais honestas, segundo a necessidade.

Com relação ao caráter e à corporalidade desse texto, pode-se afirmar que há alguns indícios que levam o leitor a identificar o enunciador dessa produção como alguém prudente e receoso de que, num futuro recente, as montadoras estarão

---

<sup>13</sup> De acordo com Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 289), emprega-se frequentemente “intertexto” para designar um conjunto de textos ligados por relações intertextuais. Maingueneau faz uma distinção entre intertextualidade e intertexto: o intertexto é o conjunto de fragmentos convocados (citações, alusões, paráfrases...) em um *corpus* dado, enquanto que a intertextualidade é o sistema de regras implícitas que subjaz a esse intertexto, o modo de citação que é julgado legítimo pela formação discursiva, o tipo ou o gênero de discurso do qual esse *corpus* provém.

<sup>14</sup> Eufemismo é a palavra, locução ou acepção mais agradável de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso menos conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável.

passando por um período difícil. Logo, o caráter desse fiador é de alguém que age com cautela e demonstra preocupação com o consumo excessivo.

No que diz respeito à cena da enunciação, igualmente ao texto anterior, esse tem como “cena englobante” o discurso que circula no âmbito escolar e, pode se inferir que a “cena genérica” é constituída por meio de papéis desempenhados pelos parceiros do ato da enunciação, além das circunstâncias, do modo de circulação e de uma finalidade desse gênero textual.

**Texto 3**

***O ano de 2008 foi assolado por uma crise que vem aumentando, porém o Brasil ainda não a sentiu muito, como foi dito pelo presidente Lula, o Brasil sofrerá apenas a “marola” da crise mundial. O fato é que habitualmente em tempo de crise há um retrocesso no ato de comprar pelas pessoas, mas na indústria automobilística brasileira não é isso que está acontecendo. Em 2008 os investimentos serão de 130% maiores que os de 2007. Os brasileiros deveriam mudar esse posicionamento de comprar carros, pois se aumentar a crise no Brasil e a marolinha for bem maior ocorrerá a diminuição do poder de compra dos brasileiros, ocorrendo baixa nas vendas e compras de carros causando um estrago ao setor automobilístico do Brasil. Está errado esse aumento vertiginoso na compra de carros, pois esse não é uma necessidade primária e se ocorre a crise que é imprevisível, o Brasil não tem um caixa como o do governo norte-americano.***

Nesse texto, evidencia-se que o vestibulando obedeceu às indicações solicitadas na prova de texto da UFPR, pela discussão do paradoxo, que também consiste na tese anterior dessa produção e pode ser confirmada por meio da seguinte passagem: “O fato é que em tempo de crise há um retrocesso no ato de comprar pelas pessoas, mas na indústria automobilística brasileira não é isso que está acontecendo.”

A observação do fato, uma das partes das macroposições da sequência argumentativa, pode ser encontrada logo no primeiro período dessa produção: “O ano de 2008 foi assolado por uma crise que vem aumentando, porém o Brasil ainda não a sentiu muito, como foi dito pelo presidente Lula, o Brasil sofrerá apenas a ‘marola’ da crise mundial.” e a primeira construção do argumento pode ser visualizada, mesmo que de forma implícita, por meio dos dados apresentados no texto-base de Cintra: “Em 2008 os investimentos serão de 130% maiores que os de 2007”.

O segundo argumento construído por esse candidato pode ser constatado na seguinte passagem: “Os brasileiros deveriam mudar esse posicionamento de comprar



*carros, pois se aumentar a crise no Brasil e a marolinha for bem maior ocorrerá a diminuição do poder de compra dos brasileiros, ocorrendo baixa nas vendas e compras de carros causando um estrago ao setor automobilístico do Brasil.”*

A opinião do vestibulando, que consiste na construção de uma nova tese, aparece no seguinte fragmento: *“Está errado esse aumento vertiginoso na compra de carros, pois esse não é uma necessidade primária e se ocorre a crise que é imprevisível, o Brasil não tem um caixa como o do governo norte-americano.”* Por meio da organização desse texto, bem como pelos elementos que o integram, pode-se afirmar que essa produção resulta um gênero textual que confirma a representação prévia do *ethos* do enunciador.

No que se refere ao processo de referenciação, podem-se visualizar as seguintes relações anafóricas: entre “uma crise” e “a”; entre “uma crise” e “marola da crise mundial”; entre “no ato de comprar” e “esse posicionamento de comprar carros”; entre “crise” e “marolinha”; entre “esse posicionamento de compra de carros” e “nas vendas e compras de carros”; entre “indústria automobilística” e “ao setor automobilístico”; entre “esse aumento vertiginoso na compra de carro” e “esse” e entre “um caixa” e “o do governo norte-americano”

Dos oito elementos referenciais empregados por esse vestibulando, cinco são formados por anáforas nominais, e, dentre esses, três casos são de anáforas nominais definidas: “as vendas e compras de carros”, “o setor automobilístico” e “o governo norte-americano”. Logo, pode-se depreender que a maior parte desses elementos anafóricos são constituídos por nomes.

No que se refere ao tom dessa produção, pode-se inferir que o candidato, igualmente ao anterior, lança mão de alguns recursos da linguagem para a elaboração de seu texto, como o uso de uma linguagem conotativa, conforme a que aparece nas seguintes expressões: *“a ‘marola’ da crise”* e *“a marolinha”*.

Para a construção de sua argumentação, o vestibulando recorre à voz de Marcos Cintra, mesmo sem referenciá-lo, que lhe garante um argumento mais consistente por meio de dados encontrados no texto publicado na Folha de São Paulo e que serve de base para a proposta da UFPR.

Além disso, percebe-se que esse candidato usa atos alocutivos para garantir uma proximidade com o seu enunciatário, conforme se pode visualizar nos fragmentos: “*Os brasileiros deveriam mudar esse posicionamento de comprar carros*” e “*Está errado esse aumento vertiginoso na compra de carros*” e emprega conectores, como, por exemplo: “*porém*”, “*mas*”, “*se*”, “*pois*”, “*se*”, “*como*”, deixando clara a visada argumentativa desse texto.

No que diz respeito ao caráter e à corporalidade, pode-se depreender que o autor é contrário ao aumento da compra de carros, pois caso ocorra a crise, certamente o Brasil não estaria preparado para contorná-la. Logo, pode-se inferir que esse candidato age com comedimento.

Pela utilização de determinadas palavras em lugar de outras, como o uso das anáforas nominais para referenciar os elementos, citados anteriormente nesse texto, a utilização da voz de Cintra para construir o argumento, o uso dos conectores que garantem um caráter argumentativo, bem como pelo emprego das figuras de linguagem no texto indicam a cenografia dessa produção e explicita de que modo esse enunciador se apropria da língua para construção de um texto no vestibular.

**Texto 4**

***Embora diversos países anunciem a todo momento uma severa recessão econômica, as projeções de aumento de produção, principalmente as de automóveis, parecem soltas de forma espantosa. Impulsionada pela injeção maciça de dinheiro para o financiamento de seus produtos, a indústria automobilística vive um contra-senso. Se por um lado comemora recordes de produção, por outro observa, a cada ano, seu mercado consumidor ficar menor e instável. Em texto veiculado pela Folha de São Paulo, Marcos Cintra apresenta dados que apontam para o futuro incerto no ramo de carros. Cintra revela um consumo exacerbado de veículos (nos Estados Unidos verifica-se quase um carro por habitante), o que simboliza um capitalismo levado às suas conseqüências mais perigosas. A economia americana, por sinal, foi a primeira a dar sinais de cansaço. Infelizmente, caso ocorra um colapso, é quase certo que este atingirá a todo o planeta.***

Nessa produção, observa-se que o candidato cumpre a proposta solicitada por seguir o que lhe foi pedido no chamado da questão da prova discursiva e isso confirma a representação prévia do *ethos* do enunciador.

Logo no primeiro período, visualiza-se o paradoxo da crise discutido pelo candidato, que também é a tese anterior, ou seja, é a voz com a qual a construção argumentativa dialogará. Isso pode ser ratificado pelas seguintes passagens: “*Embora diversos países anunciem a todo momento uma severa recessão econômica, as projeções de aumento de produção, principalmente as de automóveis, parecem soltas de forma espantosa.*”

Nos períodos que seguem, encontram-se as informações, ou seja, os fatos que fazem referencialidade aos estados de coisas do mundo. A argumentação é construída a partir desses fatos como se pode ler em: “*Impulsionada pela injeção maciça de dinheiro para o financiamento de seus produtos, a indústria automobilística vive um contra-senso. Se por um lado comemora recordes de produção, por outro observa, a*

*cada ano, seu mercado consumidor ficar menor e instável. Se por um lado comemora recordes de produção, por outro observa, a cada ano, seu mercado consumidor ficar menor e instável.”*

Depois disso, o candidato constrói o seu primeiro argumento e, para isso, reporta-se aos dados apresentados por Cintra. Esse recurso consiste na inferência ou na construção de argumentos por meio de dados, conforme se evidencia na passagem que segue: *“Em texto veiculado pela Folha de São Paulo, Marcos Cintra apresenta dados que apontam para o futuro incerto no ramo de carros.”* e em *“Cintra revela um consumo exacerbado de veículos (nos Estados Unidos verifica-se quase um carro por habitante), o que simboliza um capitalismo levado às suas conseqüências mais perigosas.”* O posicionamento acerca da temática aludida pelo autor constitui a construção de uma nova tese, ou seja, a conclusão desse texto que pode ser confirmada em: *“Infelizmente, caso ocorra um colapso, é quase certo que este atingirá a todo o planeta.”* Então, por tudo isso, com base nesses elementos linguísticos apresentados e pela organização dessa produção, pode-se afirmar que essa composição resulta em um gênero textual, já denominado “redação de vestibular”.

Em relação aos elementos anafóricos, podem-se identificar as seguintes cadeias anafóricas: entre “as projeções de aumento de produção” e “as de automóveis”; entre “a indústria automobilística” e “seus produtos”; entre “a indústria automobilística” e “seu mercado consumidor”; entre “a indústria automobilística” e “ramo de carros”; entre “Marcos Cintra” e “Cintra”; entre “um consumo exacerbado de veículos” e “o”; entre “capitalismo” e “suas conseqüências”; entre “um colapso” e “este”. Dos sete elementos anafóricos empregados nesse texto, sete deles são formados por anáforas nominais e apenas um é formado por anáfora nominal definida: “as de automóveis”. Portanto, não há nenhum elemento de referenciação formado por palavras que não sejam nomes.

Já o tom dessa produção é construído a partir do emprego de expressões figuradas como essas encontradas no texto: *“as projeções de aumento de produção de automóveis parecem solta de forma espantosa”, “injeção maciça de dinheiro para o financiamento de seus produtos”, “A economia americana, por sinal, foi a primeira a dar sinais de cansaço.”* e *“Infelizmente, caso ocorra um colapso, é quase certo que este atingirá a todo o planeta.”*

No primeiro caso, é possível identificar uma personificação, ou seja, uma figura de linguagem que consiste no empréstimo de sentimentos humanos e de palavras a seres inanimados. Nesse caso, pode-se pensar que somente está solto quem tem vida, o que não é o caso de projeções do aumento de produção. No segundo e no terceiro exemplos, pode-se pensar também nessa mesma figura de linguagem, já que a acepção do vocábulo injeção, no segundo caso, está atrelada ao sentido daquilo que incita uma atividade: um estímulo ao financiamento e não no sentido de injeção conforme a acepção denotativa. No terceiro caso é possível pensar que somente tem cansaço quem tem vida, e isso não condiz com a economia americana.

No último caso, identifica-se uma metáfora, criada a partir da mudança de sentido do vocábulo “colapso”, já que esse termo foi empregado com o significado de ruína e não o de estado de choque, prostração extrema, conforme é elucidado nos dicionários. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 453), a metáfora consiste em um tropo, isto é, uma mudança bem sucedida de significação de uma palavra ou de uma locução que seria mesmo o tropo por excelência. Esses autores ressaltam que toda concepção que não lança luz sobre a importância da metáfora na argumentação não pode satisfazer-nos, já que é em função da teoria argumentativa da analogia que o papel da metáfora ficará mais claro. Logo, “afirmar o vínculo entre metáfora e analogia significa, aliás, retomar uma tradição antiga, a dos filósofos e, em especial, dos lógicos.” (*OP. CIT.*, p. 453)

Além da presença das figuras de linguagem, verifica-se ainda alusão à voz de Marcos Cintra, por meio dos dados empregados pelo candidato na construção de sua argumentação e a existência de síndetos como, por exemplo, “embora”, “se” e “caso” que atribuem um caráter argumentativo ao texto.

Quanto ao caráter e à corporificação dessa produção, depreende-se que se trata de um enunciador que teme o aumento da produção de automóveis, pois, mesmo que haja comemoração, por parte das montadoras com relação ao recorde de vendas, há dados que explicitam um futuro incerto para o ramo de automóveis e, por isso, é necessário agir com prudência para não se chegar a consequências mais drásticas nesse setor.

**Texto 5**

***A crise mundial não tem esse nome por acaso. Claramente o problema não é restrito aos EUA. Porém, contrariamente ao que ocorre no resto do globo, onde a indústria automobilística é uma das principais afetadas, no Brasil a situação é outra. De acordo com Marcos Cintra, para a “Folha de S. Paulo”, a estratégia das montadoras é de expansão. Isso ocorre devido ao contingente de pessoas no mercado consumidor e ao crédito gerado pela estabilidade financeira.***

***Apesar de o brasileiro ter certo “descontrole” em relação ao próprio bolso, a economia deve sim manter sua expansão. Primeiramente porque isso é o que traciona o sistema do capital. Desde Adam Smith vale o “laisse faire , laissez passer” para a manutenção da auto-regulação. Além disso, grande parte da aquisição de automóveis resulta de financiamentos a juros, uma das melhores maneiras de controle da inflação. Embora pareça paradoxal incentivar o consumo num período de crise, uma posição temerária que impede a circulação da moeda não é o melhor caminho para impedir o alastramento do problema.***

Nessa produção, consta-se que o vestibulando, no primeiro período do texto, já sinalizou o paradoxo que deveria discutir e que constitui a voz com a qual a construção argumentativa dialogará. Isso é possível evidenciar por meio da seguinte passagem: “*A crise mundial não tem esse nome por acaso. Claramente o problema não é restrito aos EUA. Porém, contrariamente ao que ocorre no resto do globo, onde a indústria automobilística é uma das principais afetadas, no Brasil a situação é outra.*”

Em seguida, ele constrói o seu primeiro argumento e emprega os dados apresentados no texto-base de Cintra com intuito de reforçar seu argumento, ou seja, ele emprega uma voz alheia em seu texto para construir uma argumentação mais forte, como se visualiza neste fragmento: “*De acordo com Marcos Cintra, para a ‘Folha de S.*

*Paulo', a estratégia das montadoras é de expansão. Isso ocorre devido ao contingente de pessoas no mercado consumidor e ao crédito gerado pela estabilidade financeira."*

Uma segunda inferência, ou melhor, uma segunda argumentação é construída nessa produção, conforme se lê na seguinte passagem: *"Apesar de o brasileiro ter certo 'descontrole' em relação ao próprio bolso, a economia deve sim manter sua expansão. Primeiramente porque isso é o que traciona o sistema do capital. Desde Adam Smith vale o "laisse faire , laissez passer" para a manutenção da auto-regulação. Além disso, grande parte da aquisição de automóveis resulta de financiamentos a juros, uma das melhores maneiras de controle da inflação."*

Nela, o candidato traz dados históricos e elementos da economia que lhe conferem autoridade em seu argumento, já que ele tece comentários a respeito de Smith, bem como mostra seu conhecimento acerca da manutenção da auto-regulação. Por meio da alusão a Smith, o fiador desse texto constrói a imagem daquele que é um conhecedor de um saber que circula na elite e espera que o enunciatário desse texto valorize esse conhecimento. Com isso, o fiador desse texto busca ostentar um saber compartilhado com o seu enunciatário.

A conclusão dessa produção, também chamada de nova tese, em que o vestibulando deixa clara sua posição em relação à crise encontra-se em: *"Embora pareça paradoxal incentivar o consumo num período de crise, uma posição temerária que impede a circulação da moeda não é o melhor caminho para impedir o alastramento do problema."* Com relação ao limite de linhas, constata-se que está em consonância com o chamado da questão da prova discursiva da UFPR. Diante da organização desse texto, bem como por meio dos elementos que o constituíram, é possível afirmar que essa produção caracteriza um gênero textual que corrobora a representação prévia do *ethos* do enunciador.

No que diz respeito à referenciação, depreendem-se as seguintes relações anafóricas: entre "A crise mundial" e "o problema"; entre "o problema" e "a situação"; entre "indústria automobilística" e "das montadoras"; entre "a estratégia das montadoras" e "Isso"; entre "a economia" e "sua expansão"; entre "sua expansão" e "isso"; entre "a manutenção da auto-regulação" e "disso"; entre "período de crise" e "crise mundial"; entre "o consumo num período de crise" e "do problema".

Dos nove elementos anafóricos presentes nessa produção, seis deles são formados por anáforas nominais e, dentre eles, há quatro formados por anáfora nominal definida. Ou seja, mais da metade das anáforas desse texto são constituídas por nominalizações.

O tom desse texto é marcado por vozes, como a de Cintra e a do próprio candidato. Nota-se a presença de algumas expressões figuradas, conforme se evidencia pelo emprego de uma metonímia<sup>15</sup>, logo no início do texto: *“Porém, contrariamente ao que ocorre no resto do globo.”*, e também pela presença de uma personificação, visualizada no último período dessa produção: *“o alastramento do problema”*.

É possível elencar ainda outros recursos linguísticos do qual o candidato lançou mão para elaborar seu texto, como, por exemplo, a utilização de conjunções: “porém”, “apesar de”, “porque” e “embora” que sinalizam uma orientação argumentativa, visando à conquista da adesão de seu enunciário.

Com relação ao caráter e à corporificação desse candidato, pode-se elencar que se trata de alguém que conhece economia, devido às referências relacionadas a esse campo que podem ser inferidas nessa produção como, por exemplo, a citação a Smith, a leitura feita acerca do comportamento do brasileiro relacionado ao ato de comprar e também as recomendações que esse vestibulando explicita na conclusão do texto que produziu.

---

<sup>15</sup> Metonímia é uma figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado [Não se trata de relação comparativa, como no caso da metáfora.] De acordo com Azeredo (2008, p. 485), consiste na transferência de um termo para o âmbito de um significado que não é o seu, processado por uma relação cuja lógica se dá, não na semelhança, mas na contiguidade das ideias. Diferentemente da metáfora, na metonímia a associação semântica se realiza pela supressão de termos sintáticos; logo sua articulação se dá no eixo sintagmático. Sua atuação ocorre em apenas um domínio conceptual, pois o termo que se relacionam permanecem ao mesmo campo sêmico, de maneira a substituir o outro.



## Texto 6

***Mercado estável, volume crescente de crédito e potencial de expansão da frota de veículos no país, são os motivos pelos quais as montadoras de automóveis estão investindo pesado no Brasil, como forma de amenizar a crise. Isso é o que evidencia Marcos Cintra em sua matéria para Folha de S. Paulo.***

***Mostrando de uma vez por todas que os tempos de pneumonia nacional enquanto países de primeiro mundo pegam uma gripe, faz parte do passado, o Brasil está cada vez mais aparecendo como economia em potencial no mundo, principalmente sobre o palco montado pela crise mundial recente. Com economia sólida e de base firme, o país receberá este ano, segundo previsões, investimentos 130% superior à 2007 no setor automobilístico, graças, também, ao alto potencial de vendas, que mostra que a relação habitante-automóvel no país é de quase 8, diferente de países como Estados Unidos onde essa relação é de 1,2.***

***Mesmo o estopim da crise de confiança pela qual passa o mundo ter sido aceso por financeiras, o país se mostra ainda alvo de muitos investimentos, mostrando ao mundo a importância da nossa economia.***

Nessa produção, encontram-se os mesmos elementos textuais que nas apresentadas anteriormente. O interessante é que esse texto é organizado de uma forma que difere dos demais. Um exemplo disso é que a referência aos dados de Cintra aparece logo no primeiro período e constitui a tese anterior desse texto: “*Mercado estável, volume crescente de crédito e potencial de expansão da frota de veículos no país, são os motivos pelos quais as montadoras de automóveis estão investindo pesado no Brasil, como forma de amenizar a crise. Isso é o que evidencia Marcos Cintra em sua matéria para Folha de S. Paulo.*”

O primeiro argumento, ou seja, a primeira interferência é explicitada no segundo parágrafo. Para isso, o vestibulando recorre aos dados de Cintra para reforçar o argumento dele, como se pode visualizar no excerto: “*Com economia sólida e de base*

*filme, o país receberá este ano, segundo previsões, investimentos 130% superior à 2007 no setor automobilístico, graças, também, ao alto potencial de vendas, que mostra que a relação habitante-automóvel no país é de quase 8, diferente de países como Estados Unidos onde essa relação é de 1,2.*” Nesse mesmo parágrafo, encontram-se as informações que constituem os fatos, a partir dos quais os argumentos são construídos.

A nova tese ou a conclusão dessa produção pode ser corroborada no último período em que se lê: *“Mesmo o estopim da crise de confiança pela qual passa o mundo ter sido aceso por financeiras, o país se mostra ainda alvo de muitos investimentos, mostrando ao mundo a importância da nossa economia.”*

Já com relação aos elementos de referência, nesse gênero textual, encontram-se as seguintes anáforas: entre “mercado estável, volume crescente de crédito e potencial de expansão da frota de veículos no país” e “Isso”; entre “Marcos Cintra” e “sua matéria”; entre “crise” e “a crise mundial recente”; entre “no setor automobilístico” e “montadoras de automóveis”; entre “o Brasil” e “o país”; entre “crise mundial recente” e “da crise de confiança”; entre “relação habitante-automóvel” e “essa relação”; entre “o Brasil” e “o país” e entre “o país” e “da nossa economia”.

São nove os elementos que formam a cadeia anafórica desse texto e apenas um deles é formado por pronome, todos os demais são constituídos por nomes, e dentre esses, apenas cinco são formados por anáforas nominais definidas: “a crise mundial recente”, “o país”, “a crise de confiança”, “o país” e “a nossa economia”. Essas anáforas são importantes recursos linguísticos, pois além de levar o enunciatário em direção às conclusões desejadas para que o enunciatário apreenda a orientação argumentativa do texto, garantem também a coesão e a coerência textuais dessa produção.

Com relação ao tom dessa enunciação, podem-se mencionar as expressões figuradas presentes nessa produção, como, por exemplo, *“os tempos de pneumonia nacional”*, *“enquanto países de primeiro mundo pegam uma gripe”*, *“sobre o palco montado pela crise mundial recente”* e *“Mesmo o estopim da crise de confiança pela qual passa o mundo ter sido aceso por financeiras”*, além da voz de Marcos Cintra presente nessa produção e a do próprio candidato. Pode-se pensar ainda nos atos alocutivos empregados por esse autor com intuito de garantir a proximidade com o seu

leitor, conforme se pode verificar em: *“o país se mostra ainda alvo de muitos investimentos, mostrando ao mundo a importância da nossa economia*

No primeiro período desse texto, depreende-se que o candidato empregou um argumento de comparação no momento em que elenca os motivos que levam as montadoras a investir no Brasil como forma de amenizar a crise. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 274), “a argumentação não poderia ir muito longe sem recorrer a comparações, nas quais cotejam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro.” Nesse sentido, esses argumentos por meio de comparação devem ser diferenciados tanto dos argumentos de identificação quanto do raciocínio por analogia.

Esses argumentos de comparação são em geral apresentados como constatações de fato, enquanto a relação de igualdade ou de desigualdade afirmada só constitui uma pretensão do orador. “A escolha dos termos de comparação adaptados ao auditório pode ser um elemento essencial da eficácia de um argumento” (*OP. CIT.*, p. 278) Assim, esse enunciador explora o argumento quase-lógico de comparação, ao mencionar os motivos como forma de amenizar a crise, visto que a ideia de medida está subjacente ao argumento utilizado por esse vestibulando. Numa análise de *ethos*, sob a perspectiva de Dominique Maingueneau, pode-se afirmar que o tom desse discurso é de alguém que mostra confiança no Brasil, mesmo com todos os obstáculos inerentes à crise mundial, esse fiador coloca o Brasil detentor de uma economia em potencial no mundo.

No que tange ao caráter e à corporalidade, é possível inferir que se trata de um candidato confiante no país onde ele vive, visto que esse país é alvo de muitos investimentos financeiros mesmo em uma época de crise. No que diz respeito à cena da enunciação, é possível ratificar que, assim como as outras produções, apresenta a mesma “cena englobante” e “cena genérica” e a cenografia dessa produção é instituída pelo próprio discurso.

**Texto 7**

***A crise econômica mundial acometeu a indústria automobilística brasileira em um de seus melhores momentos. E quando uma análise da recente trajetória nessa área indica prosperidade e crescimento, o que se tem a fazer é tomar todas as providências necessárias para evitar os efeitos da crise. É o que o país está fazendo.***

***“Em apenas oito anos, as vendas de veículos no mercado interno brasileiro dobraram”, afirma Marcos Cintra, em seu texto para a Folha de São Paulo em 26 de maio de 2008. Somando-se estas expectativas de expansão e a implantação efetiva de medidas protecionistas para nossos mercados, há grande esperança de que as montadoras e fabricantes de automóveis passem por esta crise sem maiores danos. O ramo só tende a se desenvolver em nosso país.***

A tese anterior que consiste no paradoxo da crise mundial já é clarificada logo no primeiro período desse texto, conforme se pode evidenciar na passagem: *“A crise econômica mundial acometeu a indústria automobilística brasileira em um de seus melhores momentos. E quando uma análise da recente trajetória nessa área indica prosperidade e crescimento, o que se tem a fazer é tomar todas as providências necessárias para evitar os efeitos da crise.”*

Para defender seus argumentos, esse candidato referencia os dados de Cintra, que confere ao texto uma voz de autoridade, já que são esses os fatos dos quais não se podem discordar e que constituem uma das interferências dessa produção: *“ ‘Em apenas oito anos, as vendas de veículos no mercado interno brasileiro dobraram’, afirma Marcos Cintra, em seu texto para a Folha de São Paulo em 26 de maio de 2008.”*

A opinião desse candidato acerca da crise, que também é a nova tese ou a conclusão, encontra-se no seguinte fragmento: *“Somando-se estas expectativas de expansão e a implantação efetiva de medidas protecionistas para nossos mercados, há*

*grande esperança de que as montadoras e fabricantes de automóveis passem por esta crise sem maiores danos. O ramo só tende a se desenvolver em nosso país.”*

No que tange à referenciação, constata-se os seguintes elementos anafóricos: entre “a indústria automobilística brasileira” e “seus melhores momentos”; entre “a indústria automobilística brasileira” e “nessa área”; entre “a crise econômica mundial” e “os efeitos da crise”; entre “o país” e “mercado interno brasileiro”; entre “Marcos Cintra” e “seu texto”; entre “mercado interno brasileiro” e “nossos mercados”; entre “a indústria automobilística brasileira” e “as montadoras e fabricantes de automóveis”; entre “a crise econômica mundial” e “esta crise”; entre “as vendas de veículos no mercado interno brasileiro” e “o ramo” e entre “em nosso país” e “o país”.

Há onze elementos anafóricos nessa produção, sendo que todos eles são formados por anáforas nominais e, dentre esses, quatro são constituídos por anáforas nominais definidas: “os efeitos da crise”, “as montadoras e fabricantes de automóveis”, “o ramo” e “o país”. Esses elementos têm como função recategorizar os referentes aludidos anteriormente e, por meio deles, ainda é possível levar o interlocutor, o enunciatário desse texto, ao propósito argumentativo que o fiador dessa produção deseja.

Com relação ao tom desse enunciado, pode-se inferir que ele é marcado pela presença de figuras de linguagem, conforme se pode evidenciar nas passagens: “*A crise econômica mundial acometeu a indústria automobilística brasileira em um de seus melhores momentos.*” e também em: “*É o que o país está fazendo.*” Pode-se afirmar que essas figuras são classificadas como personificação, visto que tanto o verbo “acometer” e “fazer” referem-se especificamente a seres animados, o que não é o caso de indústria e país.

Além disso, pode-se pensar nos atos alocutivos que se encontram nessa produção, como em: “*Somando-se estas expectativas de expansão e a implantação efetiva de medidas protecionistas para nossos mercados (...)*” e em: “*O ramo só tende a se desenvolver em nosso país.*” Os pronomes “nossos” e “nosso”, utilizados pelo candidato, têm o propósito de garantir uma maior adesão do leitor, garantindo, dessa forma, uma maior proximidade entre fiador e enunciatário.

Sobre o caráter e a corporalidade do autor dessa produção, infere-se que é alguém que ressalta a prosperidade e o crescimento da indústria automobilística, mas que não deixa de lado um receio em relação aos efeitos da crise.

## Texto 8

***A atual crise financeira mundial vem afetando todos os países do mundo. No berço da crise, os Estados Unidos da América, a classe empresarial mais afetada, depois da bancária, é sem dúvida a automotiva. Sede, de três, das maiores montadoras do planeta os EUA, através de empréstimos públicos bilionários, vem tentando livrar as mesmas da falência. Este cenário econômico, extremamente caótico, contradiz-se com a atual situação do Brasil referente à venda de automóveis. O crescimento assustador de investimentos feitos aqui, mostram que a situação parece não ser tão grave assim. Segundo Marcos Cintra o crescimento das vendas no mercado nacional vêm batendo todos os récorde. Este paradoxo, de calmaria no Sul e tempestade no Norte, reflete bem a visão capitalista a qual, infelizmente e sem escolha, todos nós estamos inceridos. Enquanto milhões de pessoas morrem de fome, bilhões de dólares são disponibilizados para salvar empresários que estão caindo na cova em que eles mesmos cavaram.***

A tese anterior dessa produção encontra-se no terceiro período e constitui o paradoxo apresentado pelo candidato, conforme se pode evidenciar em: “*Este cenário econômico, extremamente caótico, contradiz-se com a atual situação do Brasil referente à venda de automóveis.*”

Nos dois primeiros períodos, encontram-se os fatos, ou seja, os argumentos desse texto, conforme se observa na passagem: “*A atual crise financeira mundial vem afetando todos os países do mundo. No berço da crise, os Estados Unidos da América, a classe empresarial mais afetada, depois da bancária, é sem dúvida a automotiva.*

*Sede, de três, das maiores montadoras do planeta os EUA, através de empréstimos públicos bilionários, vem tentando livrar as mesmas da falência.”*

A partir do quarto período desse texto, identifica-se uma voz alheia à voz do candidato: a de Marcos Cintra. Isso ocorre porque o candidato emprega os dados do texto-base da proposta da prova discursiva, com intuito de conferir à sua produção uma argumentação que possa ser aceita e validada, com o propósito de convencer o seu enunciatório.

A conclusão desse texto é depreendida a partir do fragmento: *“Este paradoxo, de calmaria no Sul e tempestade no Norte, reflete bem a visão capitalista a qual, infelizmente e sem escolha, todos nós estamos inseridos. Enquanto milhões de pessoas morrem de fome, bilhões de dólares são disponibilizados para salvar empresários que estão caindo na cova em que eles mesmos cavaram.”*

Com relação aos elementos referenciais, apontam-se as seguintes cadeias anafóricas: entre “A atual crise financeira mundial” e “no berço da crise”; entre “a classe empresarial” e “a automotiva”; entre “os Estados Unidos da América” e “os EUA”; entre “maiores montadoras do planeta” e “as mesmas”; entre “A atual crise financeira mundial” e “Este cenário econômico”; entre “o crescimento assustador de investimentos” e “a situação”; entre “Este cenário econômico, extremamente caótico” e “Este paradoxo” e entre “empresários” e “eles mesmos”.

Existem oito anáforas nesse texto: seis delas formadas por anáforas nominais, e, dentre essas, quatro são constituídas por anáforas nominais definidas: “o berço da crise”, “a automotiva”, “os EUA” e “a situação”. Logo, pode-se afirmar que essas anáforas atuam como operadores argumentativos e, nesse gênero textual, asseguram a argumentação e são responsáveis pela progressão do texto.

No que se refere ao tom dessa produção, infere-se que o autor desse texto, igualmente aos outros, lança mão de três expressões em que a figura de linguagem está presente. A primeira delas é o emprego da metonímia, que pode ser visualizada logo no terceiro período desse texto: *“Sede, de três, das maiores montadoras do planeta os EUA, através de empréstimos (...)”*. Pode-se dizer, neste caso, que planeta está representando os países que têm montadoras de automóveis, em razão da associação entre esses países e o planeta.

De acordo com Reboul (2004, p. 121), “a metonímia designa uma coisa pelo nome de outra que lhe está habitualmente associada. Seu poder argumentativo é antes de tudo o da denominação, que ressalta o aspecto da coisa que interessa ao orador.” Baseada no nexos habitual, a força argumentativa da metonímia provém da familiaridade, e essa força desaparece quando a metonímia vem de outra cultura.

O segundo caso, em relação às figuras de linguagens, uma antítese que pode ser identificada no seguinte excerto: “*Este paradoxo, de calmaria no Sul e tempestade no Norte, reflete bem a visão capitalista a qual, infelizmente e sem escolha, todos nós estamos inceridos.*”

Por último, é possível evidenciar o emprego de uma metáfora, conforme a que aparece na seguinte passagem: “*empresários que estão caindo na cova em que eles mesmos cavaram.*”, visto que o autor desse texto emprega um termo no lugar de outro, ou seja, ele usa a similaridade (substituição). O enunciador emprega cova em seu texto, que significa escavação na terra, para designar uma situação difícil pela qual os empresários do ramo automobilístico estão passando.

Além desses elementos inferidos no texto desse vestibulando, podem-se elencar também os atos alocutivos, como o que aparece nesse excerto: “(...) *infelizmente e sem escolha, (todos nós) estamos inceridos.*”, que marcam uma aproximação entre enunciador e enunciatário devido às escolhas lexicais empregadas nessa produção.

Quanto ao caráter e à corporalidade, depreende-se que esse vestibulando enaltece a economia brasileira, explicitando o crescimento das vendas no Brasil enquanto os Estados Unidos da América sofrem com a crise mundial e se mostra indignado com os milhões de dólares empregados para a recuperação financeira de alguns empresários enquanto muitas pessoas morrem de fome.



## Texto 9

***É provável que, um ano atrás, palavras como “recessão” e “crise financeira” soassem descabidas e dissonantes do contexto mundial. Hoje, junto de medo e instabilidade, fazem parte do cotidiano do mundo.***

***Com os ânimos abalados e a dúvida de se o pior ainda está por vir, os governantes tentam salvar suas economias, injetando milhões de dólares em diversos setores, mas primordialmente, no automobilístico. Segundo a Associação das Empresas Financeiras das Montadoras (ANEF), o saldo de recursos para financiamento foi de R\$ 42,4 bilhões em 2004, para R\$ 120 milhões nos três primeiros meses de 2008, afirma Marcos Cintra, na Folha de S. Paulo. Que, num período de estabilidade econômica, um mercado promissor seja explorado e incentivado, entende-se. O inaceitável é que essa ajuda seja desproporcionalmente maior em época de crise. Com o preço de alimentos e medicamentos em alta, e pessoas falindo, a ajuda, e os milhões, deveriam ser direcionados aos setores de primeira necessidade. Bens considerados supérfluos, como automóveis, não deveriam receber maior apoio só por conta do que foi investido, e acreditado como retorno lucrativo às montadoras num período de então prosperidade e calmaria.***

O fragmento: “É provável que, um ano atrás, palavras como ‘recessão’ e ‘crise financeira’ soassem descabidas e dissonantes do contexto mundial. Hoje, junto de medo e instabilidade, fazem parte do cotidiano do mundo.” confirma a tese anterior desse candidato e constitui a voz com a qual a construção argumentativa dialogará nessa produção. A partir do segundo período, é possível identificar os fatos, ou seja, as informações sobre o verdadeiro e o que a tradição retórica elegeu como irrefutável para a construção do argumento.

Esses fatos podem ser encontrados na seguinte passagem: “Com os ânimos abalados e a dúvida de se o pior ainda está por vir, os governantes tentam salvar suas

*economias, injetando milhões de dólares em diversos setores, mas primordialmente, no automobilístico.”* Para construir sua argumentação, esse enunciador emprega os dados, ou seja, os números que remetem ao texto-base de Cintra, conforme se pode ler em: *“Segundo a Associação das Empresas Financeiras das Montadoras (ANEF), o saldo de recursos para financiamento foi de R\$ 42,4 bilhões em 2004, para R\$ 120 milhões nos três primeiros meses de 2008, afirma Marcos Cintra, na Folha de S. Paulo.”*

Um segundo argumento é construído depois da referência aos dados de Cintra, conforme se pode identificar em: *“Que, num período de estabilidade econômica, um mercado promissor seja explorado e incentivado, entende-se. O inaceitável é que essa ajuda seja desproporcionalmente maior em época de crise. Com o preço de alimentos e medicamentos em alta, e pessoas falindo, a ajuda, e os milhões, deveriam ser direcionados aos setores de primeira necessidade.”*

A nova tese, bem como a opinião desse vestibulando a respeito da crise econômica, encontram-se no último período desse texto: *“Bens considerados supérfluos, como automóveis, não deveriam receber maior apoio só por conta do que foi investido, e acreditado como retorno lucrativo às montadoras num período de então prosperidade e calma.”* Diante disso, pode-se afirmar que esse gênero textual atende a todas as indicações da questão da prova discursiva e corrobora a representação prévia do *ethos* do enunciador.

No que se refere ao processo de referenciação, encontram-se as seguintes cadeias anafóricas: entre “governantes” e “suas economias”; entre “em diversos setores” e “no automobilístico”; entre “o saldo de recursos para financiamento” e “essa ajuda”; entre “essa ajuda” e “a ajuda”; entre “milhões de dólares” e “milhões” e entre “no automobilístico” e “montadoras”.

As seis anáforas desse texto são formadas por nominalização e, dentre elas, há apenas duas constituídas por anáforas definidas: “o automobilístico” e “a ajuda”. São esses os elementos linguísticos que operam a progressão textual, desempenhando funções variadas de ordem cognitiva, discursivo-argumentativa, além de garantir a coesão e a coerência textuais desse texto.

Com relação ao tom dessa produção, pode-se apontar que esse fiador, igualmente aos demais, emprega a voz de Cintra para fundamentar seu argumento, por

meio de dados e de percentuais estatísticos apresentados no texto-base, que conferem autoridade ao ponto de vista defendido no texto. Ainda é possível reconhecer expressões conotativas, como essa metáfora que pode ser depreendida no excerto: “os governantes tentam salvar suas economias, injetando milhões de dólares em diversos setores” e inferir o caráter desse enunciador: de alguém que está indignado com os milhões investidos no mercado automobilístico, considerados supérfluos em um período de crise.

### Texto 10

***Penso ser interessante como, mesmo em meio à crise mundial, certas coisas não mudaram. Meses antes do início das dificuldades financeiras, o setor automobilístico já se destacava como campo seguro e promissor para investimentos. Hoje, posso ver que, apesar de tudo ter mudado no cenário mundial, nada mudou no nacional.***

***Dados da ANEF demonstram o grande salto de recursos para o financiamento de veículos com conseqüente aumento nas vendas. Já a Anfavea divulgou a relação habitantes-automóvel nos Estados Unidos, 1,2; Brasil, 7,9 entre outros. Há espaço para crescer.***

***Acredito ser o aumento de investimentos no ramo de automóveis um jeito inteligente, apesar de paradoxal, de blindar-nos contra a crise. O aumento do consumo decorrente do dinheiro empregado como insentivo é uma parte da chave para a solução.***

***A tsunami da crise não destruiu tudo. O potencial de expansão da frota, o volume de crédito e a relativa estabilidade irão ajudar a conter essa onda.***

A tese anterior dessa produção, que também consiste no paradoxo discutido pelo vestibulando, encontra-se no seguinte período: “*Penso ser interessante como, mesmo em meio à crise mundial, certas coisas não mudaram. Meses antes do início das*

*dificuldades financeiras, o setor automobilístico já se destacava como campo seguro e promissor para investimentos. Hoje, posso ver que, apesar de tudo ter mudado no cenário mundial, nada mudou no nacional.”*

O primeiro argumento construído nessa produção é calcado nas informações de Marcos Cintra. Mesmo sem a citação aos dados de Cintra é possível inferi-los, visto que os números apresentados coadunam com os explicitados no texto-base da proposta da UFPR, conforme se lê: *“Dados da ANEF demonstram o grande salto de recursos para o financiamento de veículos com conseqüente aumento nas vendas. Já a Anfavea divulgou a relação habitantes-automóvel nos Estados Unidos, 1,2; Brasil, 7,9 entre outros.”*

Há um segundo argumento encontrado nessa produção, que aborda o aumento do consumo: *“Acredito ser o aumento de investimentos no ramo de automóveis um jeito inteligente, apesar de paradoxal, de blindar-nos contra a crise. O aumento do consumo decorrente do dinheiro empregado como insentivo é uma parte da chave para a solução.”*

No último período, encontra-se a opinião do candidato acerca da crise, bem como a conclusão do autor, caracterizada também como nova tese: *“A tsunami da crise não destruiu tudo. O potencial de expansão da frota, o volume de crédito e a relativa estabilidade irão ajudar a conter essa onda.”*

Por tudo isso, constata-se que os elementos solicitados na prova discursiva da UFPR estão presentes nessa produção e caracterizam um gênero textual que contempla a representação prévia do *ethos* discursivo do enunciador.

Quanto ao processo de referenciação, podem-se apontar as seguintes relações anafóricas: entre “crise mundial” e “início das dificuldades financeiras”; entre “no cenário mundial” e “no nacional”; entre “o grande salto de recursos para o financiamento de veículos” e “o aumento de investimentos no ramo de automóveis”; entre “a crise” e “a crise mundial”, entre “a crise” e “a tsunami da crise” e entre “a tsunami da crise” e “essa onda”.

Todos os seis elementos responsáveis pela progressão e pela coesão dessa produção são constituídos por nominalização. Desses seis, quatro deles são formados

por anáforas nominais definidas: “o nacional”, “o aumento de investimentos no ramo de automóveis”, “a crise mundial” e “a tsunami da crise”.

O processo de referenciação se caracteriza pela introdução de novos referentes que são recategorizados. Isso pode ser observado, por exemplo, no uso da expressão “a tsunami da crise”, que é um termo novo no texto e que, em seguida, torna-se âncora da expressão “essa onda”. Esses elementos são fundamentais para assegurar a argumentação do texto, bem como para a constituição do próprio gênero, já que em todos os textos analisados, mais da metade dos elementos de referenciação são constituídos por nominalização.

Com relação ao tom desse texto, os seguintes aspectos podem ser depreendidos: o primeiro deles é o emprego de figuras de linguagem, como, por exemplo, a que aparece nessa passagem: “*o aumento de investimentos no ramo de automóveis um jeito inteligente, apesar de paradoxal, de blindar-nos contra a crise.*” O verbo “blindar”, nesse contexto, atua como uma metáfora no sentido de proteção de algo danoso, que, no caso, seria a crise econômica.

É possível ainda identificar outros dois exemplos de expressões que marcam uma linguagem conotativa, como as que aparecem em: “*A tsunami da crise não destruiu tudo.*” e também em “*essa onda.*”, que se referem à crise mundial.

Esse autor faz também o uso de atos elocutivos: aqueles atos de linguagem em que está impressa a presença de um locutor, conforme se pode evidenciar nos trechos: “*Penso ser interessante como, mesmo em meio à crise mundial, certas coisas não mudaram.*”, “*Hoje, posso ver que, apesar de tudo ter mudado no cenário mundial, nada mudou no nacional.*”, “*Acredito ser o aumento de investimentos no ramo de automóveis um jeito inteligente (...)*”; e de atos alocutivos, a fim de garantir uma proximidade com o leitor do texto, como se pode observar nesta passagem: “*(...) apesar de paradoxal, de blindar-nos contra a crise.*”

Além disso, essa produção é marcada pela presença de nexos frasais, como: “apesar de”, “mesmo em”, e “para” que garantem sua visada argumentativa, além de criar condições para que o discurso avance.

A fim de conferir uma eficácia argumentativa ao *ethos* discursivo, esse candidato emprega os dados de Cintra em sua argumentação, conferindo, assim, uma voz de

autoridade ao ponto de vista defendido. Logo, tanto a voz de Marcos Cintra quanto a do próprio candidato se entrelaçam nessa composição, mesmo sem nenhuma citação direta a Cintra e tampouco uma referência aos dados utilizados.

Com relação ao caráter e à corporalidade, é possível inferir que se trata de um vestibulando que acredita que o aumento do consumo é a chave para a solução da crise que em nada atingiu o cenário nacional.

A respeito dos componentes da cena da enunciação, pode-se afirmar que essa produção textual, igualmente as demais apresentadas, tem como “cena englobante” o discurso pedagógico que circula no espaço escolar e a “cena genérica” está imbricada a um gênero textual em que é possível depreender os papéis da instância enunciativa: o vestibulando que é o enunciador, o examinador do texto que é o enunciatário, a finalidade do texto que é a obtenção de uma boa nota para o ingresso na UFPR, bem como a circunstância em que esse enunciado está inscrito no espaço e no tempo. Com relação à cenografia, ela não é imposta nem pelo tipo de discurso e nem pelo gênero, mas instituída no próprio discurso construído pelo enunciador desse texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa investigou o estilo dos textos argumentativos, produzidos por candidatos ao vestibular da UFPR no ano de 2008, apresentando um levantamento dos elementos linguísticos que configuram o *ethos* discursivo das produções textuais bem avaliadas pela banca corretora do vestibular.

Paralelamente à análise do *ethos* dos textos investigados, depreendeu-se que a produção textual escrita pelos vestibulandos configura um gênero textual, denominado neste trabalho como gênero “redação de vestibular”, um subtipo do gênero “redação escolar”, com respaldo nos estudos de Bakhtin (2003) e nos conceitos de Bronckart (2007), o qual sinaliza que os gêneros são as referências para a organização dos textos que abarcam as mesmas características. Levando em conta que essas produções apresentam propriedades comuns em seu objetivo, em sua forma, em seu contexto e em sua situação de produção, pode-se afirmar que as produções textuais mostradas neste trabalho resultam em um gênero textual e corroboram a representação prévia do *ethos* do enunciador.

Além disso, constatou-se também de que forma a sequência textual argumentativa perpassou as produções textuais do vestibular da UFPR. Mesmo não sendo esse o objetivo desta pesquisa, acredita-se que foi relevante elucidar como esses esquemas linguísticos apareceram nos textos analisados que compuseram o *corpus* deste trabalho, já que são elementos essenciais de textualização para se conceber qualquer gênero textual. Ainda, observou-se que o vestibulando, com intuito de buscar a adesão de seu enunciatório para a tese que defendia, lançou mão de três etapas: a observação dos fatos, a construção de inferências sobre eles e a construção de uma nova tese, conforme o protótipo da sequência argumentativa.

Certificou-se também que a seleção do nome-núcleo das expressões referenciais foi importante para a identificação do estilo, analisado em sua relação enunciativa com o *ethos* discursivo, pois o vestibulando empregou em seu texto elementos anafóricos constituídos por nominalização, ou seja, a maior parte dos referentes foi constituída por nomes que foram reelaborados e modificados por meio de novas referências que, ao recategorizar os referentes aludidos anteriormente, asseguraram a argumentação.

Pôde-se observar ainda que esses elementos de referenciação nos textos do gênero “redação de vestibular” reforçaram o posicionamento do vestibulando por meio do conteúdo temático (BAKHTIN, 2003), garantindo assim a unidade temática do texto, bem como foram os responsáveis por dois grandes movimentos da construção textual – a retroação e a progressão.

Assim, um dos recursos essenciais que o vestibulando usou para construir a argumentação foi o emprego dos elementos anafóricos formados por expressões nominais, uma vez que foi por meio deles que o fiador conseguiu levar o enunciatário de seu texto às conclusões desejadas para que, desse modo, esse destinatário apreendesse a orientação argumentativa do texto. Então, a própria recategorização pôde construir a argumentação pelo novo sentido que foi evidenciado na produção escrita do candidato, bem como configurou o estilo desses textos, ratificando assim o preceito de Koch (2004) de que há uma imbricação entre determinadas estratégias na escolha do léxico e os gêneros textuais.

Esse estilo, além de ser constituído por meio das expressões nominais, também foi concebido a partir do *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* mostrado) e dos fragmentos de texto dos quais o enunciador utilizou para construir sua enunciação, seja de forma direta ou indiretamente.

Desde a Retórica Clássica, o conceito de *ethos* diz respeito ao caráter que o orador precisa expressar diante de seus interlocutores com intuito de ganhar confiança. Na Análise do Discurso de linha francesa, especificamente com Maingueneau (2008) e Amossy (2005), o *ethos* ganha estatuto de estudos enunciativos e discursivos, cujo conceito é a imagem de si no discurso, imagem essa que intenta contribuir para o sucesso do empreendimento retórico.

Maingueneau (2008) apresenta dois conceitos fundamentais relacionados ao *ethos*. O primeiro diz respeito ao fiador, que faz alusão à voz que se deixa falar na instância subjetiva e associa-se a uma cenografia, ou seja, um enunciador, que nesta pesquisa é o vestibulando, o qual explicita um tom diante de um enunciatário. Nessa perspectiva, o tom refere-se ao feixe de impressões que motivam o leitor a se envolver no enunciado linguístico. O segundo conceito é relativo à incorporação, que alude ao



processo pelo qual o fiador explicita o tom do texto no processo de incorporação do *ethos* do enunciador pelo enunciatário.

O *ethos* discursivo insere-se também nos estudos inerentes aos gêneros textuais, pois os elementos constitutivos dos gêneros: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, na perspectiva Bakhtiniana (2003), mantém a estabilidade do gênero e contribuem para a explicitação do *ethos*. No caso do estudo do gênero “redação de vestibular”, objeto de análise desta pesquisa, as marcas linguísticas presentes nos textos dos vestibulandos da UFPR permitiram captar o estilo, bem como reconstruir o *ethos* dessas produções. Diante disso, depreendeu-se, nos textos analisados, que o *ethos* dessas produções também foi concebido a partir do emprego das figuras de linguagem como um recurso argumentativo para a defesa da opinião do fiador. Figuras como a metáfora, a metonímia e a personificação estariam no domínio daquilo que não foi explicitado, da imagem que não foi diretamente incluída no texto, daquilo que não foi dito explicitamente pelo enunciador, mas que foi reconstruído e inferido pelas pistas fornecidas pelo fiador no discurso, no caso o vestibulando, e seguidas pelo enunciatário, o avaliador do texto do candidato.

Além disso, constatou-se também que os estereótipos, representações culturais fixas, de modelos pré-construídos, que interage com diversos fatores para a construção do *ethos*, estiveram presentes nessas produções textuais. De acordo com Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 215), o estereótipo, como representação coletiva cristalizada, “é uma construção de leitura, uma vez que ele emerge somente no momento em que o alocutório recupera, no discurso, elementos espalhados e frequentemente lacunares, para reconstruí-lo em função de um modelo cultural preexistente.”

Dessa forma, toda vez que o candidato recorreu às vozes alheias, seja para referenciar, seja para trazer um argumento de autoridade para a sua produção textual, seja para dialogar com outros textos, no caso das intertextualidades evidenciadas na análise, os estereótipos estiveram presentes, bem como contribuíram para a construção do *ethos* desse texto com caráter argumentativo.

Para Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 216), “O estereótipo e os fenômenos de estereotipia ligam-se ao dialogismo generalizado, que foi colocado em evidência por Bakhtin e retomado nas noções de intertexto e de interdiscurso.”

Por fim, foi possível observar que o *ethos* discursivo dos textos argumentativos dos candidatos ao vestibular da UFPR, no ano de 2008, foi construído pelas expressões nominais que asseguraram a argumentação do texto e garantiram a progressão textual, pelas figuras de linguagem empregadas pelos vestibulandos como recurso de argumentação, além dos diálogos tecidos com a palavra do outro, com o já dito, que o candidato a transformou com intuito de agir sobre o seu enunciatário.

## REFERÊNCIAS

- ABAUURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. **Gramática do Português Falado**. Volume VIII: Novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2008.
- AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 9-28.
- ANTUNES, I. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola editorial, 2006, p. 163-180.
- AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRANDÃO, H. N. (org) **Gêneros do discurso na escola**. Série aprender e ensinar com textos. São Paulo: Cortez, 2ª ed, 2001.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2007.
- CAVALCANTE, M. M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. V; MORATO, E. M; BENTES, A.C (orgs) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-149.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COSTA, I. B. Gêneros textuais e tradição escolar. In: **Revista Letras**, n.66. Curitiba: Editora UFPR, 2005, p. 177-189.
- DISCINI, Norma. *Ethos* e Estilo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 33-54.
- \_\_\_\_\_. **O estilo nos textos**. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, L. C. A multiplicidade dos ethe: a questão da heteronímia. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 65-69.

\_\_\_\_\_. O *ethos* do enunciador. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. **Razões e sensibilidades**: a semiótica em foco. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP, 2004a.

\_\_\_\_\_. Semiótica e comunicação. In: **Galáxia**, n. 8. São Paulo, 2004b, p. 13-30.

FLORES, Valdir do Nascimento. *et al.* **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I.V. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. **Sentido e significação em torno da obra de Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_.; &Fávero, L. L. **Contribuição a uma tipologia textual**. Uberlândia: Letras & Letras, V.3. N.1, UFU, 1997.

MACHADO, A. R. **O diário de leituras**: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A.R.; SALGADO, L. (Orgs.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V; MORATO, E. M; BENTES, A.C (orgs) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_.; KOCH, I. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: **Gramática do Português falado**, Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

MEURER, J. L; BONINI, A. A; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MUSSALIN, F. Uma abordagem discursiva sobre as relações entre *ethos* e estilo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 70-81.

NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. **Sentido e significação: em torno da obra de Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POSSENTI, Sírío. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Indícios de autoria**. Florianópolis: Perspectiva, v. 20, 2002, p.105-124.

\_\_\_\_\_. Problemas de *Ethos*. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (orgs) **Cenas da Enunciação**/Dominique Maingueneau. São Paulo: Parábola, 2008.

REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RODRIGUES, E. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: SCHNEUWL Bernard & DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 21-39.

\_\_\_\_\_.; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006.

WACHOWICZ, Teresa. C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. Curitiba: Editora IBPEX, 2010.

\_\_\_\_\_. *et. al.* O que está por trás da avaliação das redações do vestibular? In: **Educar**. Curitiba: Ed. UFPR, 2003, p. 356-375.





## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

Devido à crise econômica mundial, diversos países, em especial os Estados Unidos, entraram em recessão e os investimentos de empresas nesses países estão em queda, já que as empresas não acreditam que haja recuperação econômica e desenvolvimento desses países. De uma maneira, como por exemplo, o Brasil, entrou em recessão, era preciso diminuir o consumo dos brasileiros, no entanto, o Brasil, como o próprio presidente Lula afirmou, sofreu pouco com a crise financeira e, por esse motivo, os investimentos das multinacionais são admitidos, pois possuem grandes influências no crescimento econômico do país. Em crescimento econômico brasileiro ocorre, segundo Marcos Lisboa, devido à estabilidade econômica, ao volume de crédito crescente e ao potencial de expansão de fatores de produção, uma vez que estão previstos aproximadamente US\$ 5 bilhões em investimentos para aumentar a produção de automóveis em 2008. Além disso, conforme Lisboa, "os dados da ANEP mostram que o saldo de recursos para financiamento de veículos saltou de R\$ 42,4 bilhões em 2004 para R\$ 120 bilhões no primeiro trimestre de 2008".

Para o Brasil, as indústrias automobilísticas representam o desenvolvimento da nação, mas para os países em recessão, as indústrias automobilísticas representam a crise. Apesar dos riscos e oportunidades era chance de desenvolvimento.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

A crise mundial, no Brasil, em vez de fazer com que houvesse uma contenção de gastos, aparentemente resultou no contrário. Isso pode ser percebido ao analisarmos as indústrias automobilísticas. Segundo dados da ANEP, relatados em um texto de Marcos Lisboa, no jornal de São Paulo, essas empresas vêm aumentando seus investimentos no nosso país e tais investimentos devem-se a um fator: a venda de veículos aumentou devido aos financiamentos. Mesmo num contexto de crise, o povo brasileiro continua comprando, pois mediante condições flexíveis pagamento é quase impossível não aceitar o sonho de ter o próprio automóvel ou, ainda, demonstrar "status", mesmo que falsamente. Já dizer, no entanto, é algo reproduzível pois os aparentes facilidades vivem somente no enriquecimento dos grandes montadores, que marginalizam seus consumidores em juros abusivos e ainda por cima, por eles, como bancários.



## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

A indústria automobilística é, na verdade, muito sensível às alterações econômicas. Dependente dos créditos concedidos pelos bancos, é uma das primeiras a sentir os efeitos da atual crise. Não raras os casos de compra de carro que não são financiados. Por isso, as primeiras medidas para remediar os problemas econômicos são em relação às automobilísticas.

As montadoras, segundo Marcos Centur, em artigo à Folha de S. Paulo (26/05/2008), venderam 2,2 milhões de veículos em 2007. Elas também preveem investimentos de 5 bilhões de dólares em território brasileiro durante este ano. E de se esperar que os governos recorram às automobilísticas em primeiro lugar. Além de tudo, elas geram empregos e movimentam a economia.

Outro fato que vale a pena ressaltar é que o Brasil está com um mercado estável em comparação aos outros países. Assim, as montadoras estão investindo aqui e, apesar de tudo, crescendo. Portanto, o recorro às automobilísticas é aceitável e necessário.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

Contraditoriamente, os primeiros cortes relativos à crise são no setor que mais tende a crescer: o automobilístico. Pelo fato dos recursos para financiamento de veículos terem aumentado 77,6 bilhões nos primeiros 6 meses de 2008 e a relação de habitante - automóvel no Brasil ser de 1,9 - enquanto nos Estados Unidos é 1,2 -, as montadoras estão investindo no Brasil como nunca investiram. É inteligentemente o governo decidir contar recursos justamente nesse setor. Quem sabe é por isso que continuamos emergentes. Existem setores no Brasil que nada produzem para os cofres públicos, não dão lucros. Isso não faziam diferença no orçamento nacional. Entretanto, no setor automobilístico está previsto cerca de US\$ 5 bilhões em investimentos em 2008. O que, provavelmente, seria bom para o país, acredito. Como disse Reagan - ex-presidente norte-americano - "o governo é o problema não a solução".

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

As indústrias automobilísticas interferem em inúmeros setores da economia. Seja pelo número de empregos que geram - e investimento para produção, e que inclui financiamentos, presentes no Brasil para 2008 é de 5 bilhões - pelo consumo que incitam - aqui as vendas debaseam em até anos, e os recursos para financiamentos chegam a 120 bilhões - pelos impostos que arrecadam.

Assim sendo é compreensível que, diante de uma crise global, elas sejam imediata e profundamente afetadas. Sua instabilidade pode gerar um abalo significativo na economia de vários países ao mesmo tempo, e que agravaria os problemas mundiais.

Dessa forma, impede-se que uma depressão desta magnitude afete as montadoras de automóveis, para que continuem com vendas e lucros extraordinários, especialmente em países como o Brasil, que possui relação habitante - automóvel 7,9, sendo mercado <sup>Limite mínimo</sup> supermissor. Outras medidas de proteção amenizam a crise e seus efeitos, salvaguardando a prosperidade da economia brasileira.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

A (não tão) recente crise econômica, com seu epicentro nos EUA, atinge muitos países e suas principais fontes de lucro. No caso das indústrias automobilísticas, que vinham crescendo a galope, a crise quebrou por um tempo essa arandina, fazendo com que os governos se alarmassem. Para o Brasil, diminuir o consumo de carros é descalçar a economia e baixar investimentos estrangeiros, e que significa atraso na sua caminhada para o mundo tecnológico. O governo então, aqui rápido, diminuiu os juros para o financiamento de carros. Os Estados sede das multinacionais automobilísticas, por sua vez, injetaram recursos neste setor da indústria. Nesta manobra, quando se o consumo e um giro de capital que aquece a economia novamente. Como exemplado por Marcos Cintra em seu artigo à Folha de São Paulo, o Brasil é o país que tem a maior relação carro por habitante quando comparado aos EUA, México e Coreia do Sul replicando o porquê da necessidade de se salvar a indústria automobilística antes de mais nada.



## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

Até meados de 2008, quando estourou a crise econômica mundial, as indústrias automobilísticas no Brasil vinham dando lucros mltiplos, como mostra Marcos Cintra, em matéria para o jornal Folha de S. Paulo, em 26 de maio de 2008 que apontava como causa do fenômeno a política de expansão de mercado das montadoras. Com o aparecimento das primeiras sinais da crise, generalizou-se entre os analistas uma liberal interpretação de tal situação. Na intenção, uma interpretação não se concretizou, tanto que, hoje, em plena crise, ainda há um volume muito grande, por parte das montadoras para ampliar os mercados consumidores, facilitando o financiamento dos automóveis. Medida esta que vem sendo apoiada pelo Estado, que vem liberando recursos para subsidiar a utilização dos créditos oferecidos pelas montadoras. A sobrevivência de tais indústrias tornou-se uma questão pública, uma vez que o Estado também lida com a expansão de mercados das montadoras, através do arrendamento de tributos, além de interesse de garantir trabalhadores empregados, uma vez que o desemprego gera uma onda de pânico, como pânico e aumento da violência, que impactam a governabilidade. Contudo, é fundamental a nós cidadãos, que enxerguemos o lado "esquecido" pelo Estado, o de que tal expansão é prejudicial para o próprio cidadão, dado que o país não possui vias suficientes para abastecer tantas automóveis, além da poluição.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

Em meio a recente crise financeira global, cujo início foi na maior potência econômica mundial, os Estados Unidos, principalmente afetando o mercado imobiliário, observou-se que a indústria automobilística continuou em crescimento. Marcos Cintra publicou em 2008 na Folha de São Paulo um artigo intitulado "À beira de um colapso", no qual ele evidencia que o volume de recursos destinados ao financiamento de veículos no Brasil passou de R\$ 42,4 bilhões (2004) a R\$ 120 bilhões (1º trimestre de 2008), e que comparado a países como Estados Unidos, Coreia e México o Brasil apresenta maior relação habitante/automóvel. Na minha opinião, isso significa que os países mais desenvolvidos montaram uma estratégia para contornar a crise a partir do mercado automobilístico, cujo foco são países em desenvolvimento, dessa forma países como o Brasil tendem a cada vez mais investir em automóveis através dos financiamentos, sobrecarregando uma questão de inclusão social ou de realização de poder comprar algo, sem perceber as consequências que a super lotação de veículos traz como poluição e congestionamento, e ao mesmo tempo agravando a situação uma crise que nos foi iniciada.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

Sem dúvida, o mercado automobilístico está em franca expansão no Brasil. Para exemplificar, basta considerar-se os dados apresentados por Marcos Lintra (em artigo publicado na Folha de São Paulo em 26 de maio de 2008) e o saldo de recursos para financiamento de veículos, quase triplicou no período de 2004 a 2008 (de acordo com a ANEF - Associação das Empresas Financeiras das Montadoras) levando em conta os diversos núcleos estimulantes que pipocam na mídia, as montadoras de veículos - segundo Marcos Lintra - decidiram investir 130% a mais no mercado brasileiro em comparação ao ano passado. Mas em meio à tamanha euforia, é preciso lembrar que montadoras americanas estão travando feroz luta no Congresso americano para a obtenção de verbas destinadas a impedir falência. É isso mesmo vários meses após os Estados Unidos entrarem em recessão. Portanto, apesar da aparente saúde do mercado de automóveis no Brasil, é preciso proceder, antes de tudo, com cautela.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

Mesmo em tempos de instabilidade as montadoras ainda apostam as suas fichas no mercado brasileiro e tende como uma "galinha dos ovos de ouro". Marcos Lintra, em artigo da Folha de São Paulo de 26 de maio de 2008, resalta que apesar da frota brasileira já ser gigantesca as montadoras previram investir 5 bilhões, para o aumento da produção em 2008. É pergunta que fica no ar e até quando o mercado consumidor vai suportar absorver tamanha produção? É evidente que o crédito para adquirir automóveis não é infinito, tão pouco se tornaram as taxas de juros mais atraentes depois da crise. O excesso de carros no mercado com certeza gerará instabilidade e que pode, não resta dúvida, deixar as montadoras em mau lençol.



## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

O ano de 2008 foi anelado por uma crise que vem aumentando, porém o Brasil ainda não a sentiu muito, como foi dito pelo presidente Lula, o Brasil sofreu apenas a "marola" da crise mundial. O fato é que habitualmente em tempo de crise há um retrocesso no ato de comprar pelas pessoas, mas na indústria automobilística brasileira não é isso que está ocorrendo. Em 2008 os investimentos são 130% maiores que os de 2007. Os brasileiros deveriam mudar esse posicionamento de compra de carros, pois se aumentar a crise no Brasil e a marolinha for bem mais severa a diminuição do poder de compra dos brasileiros, ocorrendo baixa nas vendas e compras de carros causando um estrago ao setor automobilístico do Brasil. Está errado esse aumento vertiginoso na compra de carros, pois esse não é uma necessidade humana e se come a crise que é imprevista, o Brasil não tem um calva como o do governo norte-americano.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

Embora muitos países anunciem a todo momento uma severa recessão econômica, a produção de produtos de produção, principalmente os de automotivos, porém pela forma exportada. Impulsionada pela injecção maciça de dinheiro para o financiamento de seus produtores, a indústria automobilística vive um contra-senso. Se por um lado comemora recordes de produção, por outro observa, a cada vez, seu mercado consumidor ficar menor e instável. Em texto veiculado pela Folha de São Paulo, Marcos Cintra apresenta dados que apontam para um futuro incerto no ramo de carros. Cintra revela um consumo exacerbado de veículos (nos Estados Unidos utiliza-se quase um carro por habitante), o que mobiliza um capitalismo baseado em suas consequências mais perigosas. A economia americana, por não ter a primeira a dar primas de concessão. Infelizmente, isso promove um colapso, e quem certo que este atingirá a todo o planeta.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

A crise mundial não tem uma nome per se, o problema não é restrito aos EUA. Porém, contrariamente ao que ocorre no resto do globo, onde a indústria automobilística é uma das primeiras afetadas, no Brasil a situação é outra. De acordo com Marcos Cintra, para a "Folha de S. Paulo", a estratégia dos montadores é de segurança. Isso ocorre devido ao sentimento de pavor no mercado consumidor e ao crédito que se dá pela estabilidade financeira.

Apartar de o brasileiro ter certa "desconfiança" em relação ao próprio país, a economia deve bem manter sua expansão. Primeiramente porque isso é o que traz o sistema de capital. Desde Adam Smith vale o "laissez faire, laissez passer" para a manutenção da auto-regulação. Além disso, grande parte da aquisição de automóveis resulta de financiamentos a juros, uma das melhores maneiras de controle da inflação. Embora pareça paradoxal incentivar o consumo num período de crise, uma política terrorífica que impede a circulação da moeda não é o melhor caminho para impedir o agravamento do problema.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

Mercado estável, volume crescente de crédito e potencial de expansão do frotas de veículos no país, são os motivos pelos quais os montadores de automóveis estão investindo pesado no Brasil, como forma de amenizar a crise. Isso é o que evidenciam Marcos Cintra em sua matéria para Folha de S. Paulo.

Mostrando de uma vez por todas que os tempos de pessimismo nacional enquanto países de primeiro mundo pegam uma gripe, faz ~~passado~~ parte do passado, o Brasil está cada vez mais aparecendo como economia em potencial no mundo, principalmente sobre o potencial montado pela crise mundial recente. Com economia sólida e de base firme, o país receberá este ano, segundo previsão, investimentos 130% superior à 2007 no setor automobilístico, graças, também, ao alto potencial de vendas, que mostra que o relação habitante-automóvel no país é de quase 8, diferente de países como Estados Unidos onde essa relação é de 1,2.

Mesmo o estopim da crise de confiança pelo qual passa o mundo tem sido o caso para financiar, e o país se mostra ainda alvo de muitos investimentos, mostrando ao mundo o impenhamento do nosso econômico.



## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

A crise econômica mundial acometeu a indústria automobilística brasileira em um de seus melhores momentos. É quando uma análise da recente trajetória nessa área indica prosperidade e crescimento, e que se tem a fazer é tomar todas as providências necessárias para evitar os efeitos da crise. É o que o país está fazendo.

"Em apenas oito anos, as vendas de veículos no mercado interno brasileiro dobraram", afirma Marcos Cintra, em seu texto para a Folha de São Paulo em 26 de maio de 2008. Lembrando-se estas expectativas de expansão e a implantação efetiva de medidas protecionistas para nossos mercados, há grande esperança de que as montadoras e fabricantes de automóveis possam por esta crise sem maiores danos. O nome só tende a se desmoldar em nosso país.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

A atual crise financeira mundial vem afetando todos os países do mundo. No berço da crise, os Estados Unidos da América, a classe empresarial mais afetada, depois da bancária, é sem dúvida a automotiva. Sede, de três, das maiores montadoras do planeta os EUA, através de empréstimos públicos bilionários, vem tentando livrar as mesmas da falência. Este cenário econômico, extremamente caótico, contradiz-se com a atual situação do Brasil referente à venda de automóveis. O crescimento assustador de investimentos feitos aqui, mostram que a situação parece não ser tão grave assim. Segundo Marcos Cintra o crescimento das vendas no mercado nacional vêm batendo todos os récores. Este paradoxo, de calmaria no Sul e tempestade no Norte, reflete bem a visão capitalista a qual, infelizmente e sem escolha, todos nós estamos inseridos. Enquanto milhões de pessoas morrem de fome, bilhões de dólares são disponibilizados para salvar empresários que estão caindo na cova em que eles mesmos cavaram.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

É provável que, um ano atrás, países como "Suécia" e "Coreia financeira" fossem destaque e dissenhos de contexto mundial. Hoje, junto de medo e instabilidade, fazem parte de cenário do mundo.

Com os ânimos abatidos e a dívida de re e por ainda está por vir, os governos tentam salvar suas economias, injetando milhões de dólares em diversos setores, mas principalmente no automobilístico. Segundo a Associação das Empresas Financeiras dos Montadores (ANEF), o saldo de recursos para financiamento foi de R\$42,4 bilhões em 2009, para R\$120 milhões nos três primeiros meses de 2008, afirma Marcos Cintra, na Folha de S. Paulo. Que, num período de instabilidade econômica, um mercado promissor não explorado e incentivado, entende-se. O incentivo é que uma ajuda não desproporcionalmente maior em época de crise. Com o preço de alimentos e medicamentos em alta, e preços também, a ajuda, de os milhões, dividiu-se nos departamentos dos setores de primeira necessidade. Bônus comitadas supérfluas, como automóveis, não dividiu-se maior apoio né por conta de que foi a maioria, e o cenário de como retorno lucrativo dos montadores, num período de instabilidade econômica e colapso.

## VERSÃO DEFINITIVA



## COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

## RESPOSTA DA QUESTÃO DISCURSIVA 03

Penso ser interessante como, mesmo em meio à crise mundial, certas coisas não mudaram. Meses antes do início das dificuldades financeiras, o setor automobilístico já se destacava como campo seguro e promissor para investimentos. Hoje, posso ver que, apesar de tudo ter mudado no cenário mundial, nada mudou no nacional.

Dados da ANEF demonstram o grande salto de recursos para o financiamento de veículos com consequente aumento nas vendas. Já a Anfavea divulgou a relação habitantes - automóveis nos Estados Unidos, 1,2; Brasil, 7,9 entre outros. Há espaço para crescer.

Acredito ser o aumento de investimentos no ramo de automóveis um jeito inteligente, apesar de paradoxal, de blindar-se contra a crise. O aumento do consumo decorrente do dinheiro empregado como incentivo é uma parte da chave para a solução.

A tsunami da crise não destruiu tudo. O potencial de expansão da frota, o volume de crédito e a relativa estabilidade irão ajudar a conter essa onda.